



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

IGOR TRINDADE DE ALMEIDA

**UMA METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO VOLTADA AO ENSINO DE
HISTÓRIA NOS COLEGIOS PUBLICOS: LEARNING, THINK, AND DO
YOURSELF (LTD)**

São Cristóvão - SE

2021

**UMA METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO VOLTADA AO ENSINO DE
HISTÓRIA NOS COLEGIOS PUBLICOS: LEARNING, THINK, AND DO
YOURSELF (LTD)**

IGOR TRINDADE DE ALMEIDA

**UMA METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO VOLTADA AO ENSINO DE
HISTÓRIA NOS COLEGIOS PUBLICOS: LEARNING, THINK, AND DO
YOURSELF (LTD)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do Título de Graduação.

Orientador:

Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias

São Cristóvão - SE

2021

AGRADECIMENTOS

“Not because they are easy, but because they are hard”, disse Kennedy no seu famoso discurso quando anunciava o plano americano de ir até a lua em menos de uma década. Este discurso define muito o ato de fazer uma tese de conclusão de curso, é um esforço tremendo, que requer um preparo emocional e físico, que leva ao graduando acreditar que esta indo para a Lua pela primeira vez, mas fazemos, por que como disse, não por que são fáceis, mais por que são difíceis, e é a superação desta dificuldade que faz ser tão incrível este momento. Como Kennedy nunca teria conseguido cumprir as palavras de seu discurso sem o apoio de seus colegas, eu nunca teria conseguido sem o apoio de inúmeras pessoas, do qual cabe aqui meus agradecimentos.

Eu não teria chegado até a universidade, e nem, durante todo o período do meu curso, tido uma liberdade para reservar a maior parte aos estudos e pesquisas, sem meus pais. Sem meu pai Nelson Cordeiro e minha mãe Vanea Lucia nada eu teria. Agradeço também meus irmãos Lidiane, Cintia e Nilson, que sempre estiveram ao meu lado, e me apoiaram tanto emocionalmente, quanto financeiramente, sempre que possível comprando os livros que eu mais precisava para minhas pesquisas. Agradeço profundamente também, a minha querida namorada, sem ela eu não teria completado este texto, sempre me apoiando e me levando ao meu melhor.

Tive a oportunidade durante este período de pesquisa e escrita de ter contato com incríveis professores do quais sem os mesmos duvido que o mesmo pudesse ter sido feito. Professores do departamento de história como Francisco, Janaina, e meu orientador Carlos Malaquias, foram fundamentais para este projeto. Como também, professores do departamento de letras como o Professor Carlos Japiassu, e Professor Galvão. Ao fim, toda a experiência durante meu período na Universidade Federal de Sergipe permitiu o dialogo com o diferente e novo, a busca de novos conhecimentos, que eu nem suspeitava quando entrei da sua existência.

Por todos aqueles que eu conheci e fizeram parte do meu caminho, mas não citei nominalmente, meus agradecimentos. Esta tese fora feita para vocês, buscando melhorar o mundo da educação, e os problemas que eu observei durante meu período de formação. Dedico este espaço a todos que me ajudaram com um sorriso, ou um conselho.

RESUMO

ALMEIDA, Igor Trindade de. **Título.** Monografia – UFS (Universidade Federal de Sergipe), CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas), DHI (Departamento de História). Sergipe, 2021.

Este trabalho tem o objetivo de solucionar inúmeros problemas encontrados nos colégios públicos, sendo referente ao ensino de história nestas instituições. Por meio da análise da realidade educacional encontrada pelos professores, concluiu que a solução para tais problemas estavam nas novas praticas de ensino, conhecidas como “Metodologias Ativas de Ensino”. Contudo, tais metodologias, criadas numa realidade empresarial, eram completamente distintas da realidade do ensino publico brasileiro, criando uma discrepância preocupante entre aquilo que o método pregava, e aquilo que era realizado. Decidiu-se, portanto, que a melhor solução para tal caso era a criação de uma metodologia totalmente nova, criada desde o principio a realidade brasileira.

Neste trabalho, apresentam-se três pontos, a justificação teórica para a necessidade da criação de uma nova metodologia, em detrimento das já existentes; em que, analisando criticamente inúmeros trabalhos de metodologias ativas realizadas em nossa realidade nacional, no ensino publico, definimos os erros e acertos, até que concluimos a necessidade da criação de um novo método. O segundo ponto apresentado fora à teorização do método, todos os passos necessários para sua aplicação, atrelados a justificativa de cada ponto. O ultimo fora a apresentação do resultado da aplicação do método ativo LTD num colégio publico estadual do interior do estado de Sergipe, elencando-se com isso sua efetividade real enquanto modelo alternativo de ensino.

Palavras-chave: Metodologia Ativa de Ensino, LTD, Ensino de História, Colégio Público.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| CAPITULO I - POR QUE UMA NOVA METODOLOGIA ATIVA? | 17 |
| 1.1 - O QUE EM PRINCIPIO SÃO AS METODOLOGIAS ATIVAS..... | 17 |
| 1.2 - A METODOLOGIA ATIVA NA SALA DE AULA: SEUS PRINCIPAIS ERROS | 28 |
| CAPÍTULO II – A METODOLOGIA ATIVA LEARNING, THINK AND DO YOURSELF (LTD) | 40 |
| 2.1 – O PENSAMENTO BASE PARA SUA ESCRITA | 40 |
| 2.2. – OS CICLOS LTD..... | 41 |
| 2.3.1. - O PRIMEIRO PASSO: LEARNING..... | 42 |
| 2.3.2. - O PRIMEIRO PASSO: PLANEJAMENTO DE AULA | 54 |
| 2.3.3. - O PRIMEIRO PASSO: LEARNING NA SALA DE AULA | 58 |
| 2.4.1 – O SEGUNDO PASSO: THINK..... | 59 |
| 2.4.2 – O SEGUNDO PASSO: THINK TODAY | 61 |
| 2.4.3. – O SEGUNDO PASSO: THINK NEW | 67 |
| 2.5.1. – O TERCEIRO PASSO: DO YOURSELF | 73 |
| 2.5.2. – O TERCEIRO PASSO: EXEMPLO EM CICLO CURTO DA APLICAÇÃO DO “DO YOURSELF” | 75 |
| 2.5.3. – O TERCEIRO PASSO: EXEMPLO EM CICLO MÉDIO DA APLICAÇÃO DO “DO YOURSELF” | 77 |
| 2.5.4. – O TERCEIRO PASSO: EXEMPLO EM CICLO LONGO DA APLICAÇÃO DO “DO YOURSELF” | 79 |
| CAPITULO III – A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO LTD. .. | 83 |
| 3.2. – DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO MÉTODO A SUA APLICAÇÃO | 83 |

| | |
|--|-----|
| 3.3. – O FUNCIONAMENTO DE UM COLÉGIO PÚBLICO DURANTE A PANDEMIA | |
| | 85 |
| 3.4. – A METODOLOGIA LEARNING, THINK AND DO YOURSELF (LTD) NA SALA | |
| DE AULA | 90 |
| CONCLUSÃO | 98 |
| REFERÊNCIAS | 101 |

INTRODUÇÃO

Entre quatro ou cinco fileiras paralelas de oito a dez cadeiras mecanicamente alinhadas como num chão duro de fábrica fordista a nossa forma atual de ensino vem ruindo. E mesmo durante a maior pandemia dos últimos cem anos, obrigados a utilizar o ensino remoto como única modalidade, sistema este que prometia ser disruptivos, fracassamos. A sombra da evasão escolar¹ é uma sombra constante de um modelo pífio de ensino que pouco agregou-se as realidades do aluno.

Contudo, diante de tal distópica situação, não vemos um movimento claro contra esta corrente “conteudista”, pelo contrário, há uma defesa clara do sistema atual, e de seu ampliamiento. Colégios ampliam seu sistema de ensino para o integral², e encaremos estas não apenas as que definem um horário típico do ensino integral, mas duplicam a carga de aulas dos alunos, a vespertina parte torna-se apenas um prolongamento das matérias matutinas. Sobre a pressão do ENEM e outros vestibulares, os alunos vêm recebendo um reforço no conteúdo, mas não no método da ação, de seu valor tangível.

Apresentamos então ao microcosmo do aluno, cujo ciclo de vivências restringe-se ao espaço escolar e familiar um *phatos*³ conteudista. A rasa tabulação deste sistema é apresentada ao menor como o caminho obvio e claro para a felicidade, esta recolhida em sinônimos amorfos como sucesso profissional, qualidade de vida, liberdade, lazer. Ao mesmo tempo que aplicamos neste microcosmo conteudista impulsos fatalistas as escolhas e omissões dos mesmos.

A expressão japonesa *Shito Goraku*⁴ define o microcosmo conteudista. Todo futuro daquele que reside neste mundo define-se no sacrifício atual pela vida, pela promessa rasa, reduzida em uma minúscula janela de oportunidade, ser aprovado ou não em um vestibular. A

¹ Sobre este específico ponto temos várias matérias e artigos que focam nos motivos para a alta taxa de evasão escolar. Recomendo a matéria do site Gennera, link: <https://www.gennera.com.br/blog/quais-as-principais-causas-da-evasao-escolar-e-como-preve-las/>; acessado em 12/09/2021. Como também o artigo de Raimundo Barbosa e Ronaldo Marcos, “Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências” que aborda vários temas que justificam a evasão escolar; coloco em foco um trecho da pagina 41 que diz “os maiores dilemas enfrentados pelos jovens, na atualidade, no ensino médio, são turmas lotadas – chegam a 50 alunos por sala –, conteúdos extensos e específicos e professores despreparados para lidar com o estágio de desenvolvimento dos alunos.”. Com isso, vemos como a problemática da falta de uma dinâmica que apoie os professores é um objetivo fundamental, principalmente para lidar-se com turmas grandes.

² Podemos observar tal funcionamento neste colégio de elite em Feira de Santana, que vende a ideia de sucesso no Enem e outros vestibulares no plano expandido de aulas, <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/11/melhor-escola-no-enem-aposta-no-acompanhamento-personalizado.html> Acessado em: 12/09/2021

³ Palavra de origem helênica que pode significa assujeitamento, sofrimento.

⁴ Expressão japonesa que significa o esforço físico nos estudos sobre o outro, “Aquele que dorme seis horas irá perder sua vaga para aquele que apenas dorme quatro”.

rigidez de tal processo está ao mesmo tempo atrelada a escassez do imaterial, efetivada pela glamorização de micro pontos dentro desses micro pontos.

Não é de se admirar, portanto, que neste microcosmo juvenil o popular seja obras que enaltecem o escolhido, o flerte de livros como Jogos Vorazes⁵ com a luta pela oportunidade única, a vida, sobre o sangue de todos os outros que fracassaram. A morte representa o fim precoce de desejos, sonhos, que apenas poderiam ser palpáveis dentro do microponto. Para o sobrevivente, aquele que superou todos, uma profissão invejada, bem remunerada, mas ao custo de todo esse impacto psicológico e do fracasso de seus colegas.

O conteúdo neste sistema, portanto, não é proposto como uma forma de libertação e evolução individual, pelo contrario, o individuo é engolido pelo sistema que reformula o processo de aprendizagem para um sentido torpe. No modelo atual o aluno é colocado numa situação em que deve memorizar em diversas matérias, inúmeros conteúdos, cujo volume exacerbado influencia na sua abordagem exclusivamente técnica e mecânica. Esse modelo tecnicista impõe que o acúmulo de informação tenha como principal função elevar-se sobre os outros indivíduos, ao ponto de conquistar uma vaga no microponto definidor de sua felicidade.

Tal microcosmo embora cruel nas classes médias e altas, encontra seu ápice dantesco⁶ nas classes baixas. Observemos que para os “competidores” de classes elevadas, existe uma busca pungente a atalhos e suportes. Para estes grupos específicos tal caminho é pré-definido desde o nascimento, e é encarado com naturalidade, afinal, mesmo tendo noção da reduzida quantidade de vagas, vêm-se como sucessores legítimos de seus progenitores, que trilharam um caminho de relativo sucesso econômico, e infundiram na mente destes jovens que para a prospecção de tal bonança é condição *sine qua non*⁷ está dentro dos micro pontos. Com isso, explodem cursos extraclasse focados na memorização, e vestibulares, outdoors enaltecendo instituições elitizadas, estas especializadas em “Cases de sucesso”. As instituições educacionais capitalizam com o sistema doente, pararam de vender educação, passando a oferecer possíveis sucessos, cobrando extremamente caro por isso.

⁵ Livro de Suzana Collings publicada originalmente em 2008, no Brasil em 2010, representando um mundo distópico em que jovens devem competir numa disputa de vida ou morte, sendo que o vencedor recebe uma pequena fortuna, e fama.

⁶ Termo proveniente da obra renascentista italiana A divina Comedia, do escritor e poeta Dante Alighieri (1265-1321), que representa algo demoníaco, sem esperanças.

⁷ Expressão em latim que significa “sem o qual não”.

O microcosmo conteudista requer do aluno duas coisas, tempo, já que ele precisara de horas em exercícios de memorização e técnicas, como dinheiro, para conseguir participar de cursos e instituições especializadas no sistema atual. Os dois requisitos fundamentais para a competição neste sistema são escassos na classe mais baixa de nossa economia, na qual reside a maior parte dos jovens brasileiros. Contudo, os sistemas públicos de ensino aderem ao sistema que fundamentalmente exclui a maioria de seus alunos⁸. Ao filiar-se neste modelo implicam uma disputa injusta em que o capital financeiro é o diferencial modal, para aqueles que não possuem capital.

Então, no microcosmo conteudista juvenil, em que o microponto é a única fonte de realização, a oportunidade de se libertar de uma condição precária de vida, tal mundo lhe é negado. As atuais instituições públicas de ensino ao mesmo tempo que incluem nos jovens tal caminho, quase como uma maldição, os abandonam a própria sorte, numa disputa em que possuem chances mínimas de superarem. O aluno carente é largado diante do desespero existencial, quando vê que seu futuro, sonhos, oportunidades são podados ainda em estado embrionário. O aluno nesta condição começa a questionar a finalidade do ensino que recebe. Se este modelo o levava ao inviável fracasso da busca pelo micro ponto, e, conseqüentemente, a sujeição de empregos de baixa remuneração, que não exigem para sua contratação terem participado até o fim desta corrida injusta, e cruel, por que seguir todo esse percurso, e não apenas ir diretamente aos subempregos⁹, e desistir de almejar tais sonhos irreais.

Neste momento o ensino público, e encaramos nele o estado, falhou. Surge na mentalidade deste jovem carente uma questão aterradora, e simples: Por que? Tal pergunta resume todo o fracasso do modelo atual de ensino. O jovem passa a se questionar por que deve aprender matemática, física, filosofia, história, já que nunca usará isto em sua vida. Obviamente é uma generalização, mas contundente ao fato de que é um pensamento comum, facilmente identificado ao se conversar com a população, e suas memorizações sobre o ensino fundamental, e médio. E como vimos, ele já desistiu de conseguir algum espaço no micro ponto, decorar para ir bem em algum vestibular torna-se um ato inútil. O sentimento anárquico que surge no estudante não o liberta, como esperado, mas o destrói, já que todo

⁸ Segundo o Inep, mais de 90% dos alunos são do ensino público. Veja em: http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/escolas-publicas-atendem-45-milhoes-de-alunos-no-brasil/21206
Acessado em: 12/09/2021

⁹ Neste ponto, o termo “subemprego”, não está encarado com sua terminologia pejorativa. Ele faz referência aos empregos sem carteira assinada, ou de baixa especialização, que correm um alto perigo de desaparecerem pela automatização dos postos, como frentistas, atendentes de supermercado.

microcosmo conteudista mantém-se inabalado. O sistema atual induz a evasão escolar, e a perpetuação da pobreza.

Contudo, o próprio sistema, voltado aos vestibulares, distanciou-se do mercado de trabalho. Este que, modificou-se profundamente durante a era digital. O microcosmo conteudista se tornou obsoleto, ao mesmo tempo em que é o único aplicado. E os primeiros a notarem isto foram às instituições de elite, que já dominavam o sistema anterior. Havia um espaço de manobra rápido, impulsionado pela competição econômica entre os mesmos. Uma relação mais próxima com o novo mercado de trabalho e suas técnicas próprias de ensino. É nesta fusão que surge um modelo realmente disruptivos, que rompe com o aspecto conteudista e impulsiona ainda mais os alunos de classes mais altas, que estão pensando agora além dos vestibulares, mas na prospecção das carreiras num momento de morte de muitas delas¹⁰.

Este disruptivos sistema, já popular no campo empresarial, como método de ensino e engajamento para seus funcionários era denominado em amplo aspecto como Metodologias Ativas, dividido em vários modelos distintos de aplicação, todos baseados no mesmo princípio base. Tal sistema retira o protagonismo do professor, e distribui ao aluno, fazendo-o não apenas um receptáculo de conteúdos, mas um analista crítico daquilo que aprende e produtor de conhecimento novo. Além deste fator primordial, a introdução profunda da tecnologia no ensino, e todos os benefícios que tal aplicação leva. Por exemplo, ao depararmos numa turma de entorno de quarenta, cinquenta alunos, a tecnologia nos permite automatizar as provas, num modelo que o sistema ao mesmo tempo cria gráficos de apoio, nominalmente, e de forma generalizante, que permitem ao professor pensar melhor no método aplicado na aula, e se este está tendo ou não o benefício esperado. Ainda é possível contar como benesse o tempo extra que o professor recebe, que anteriormente era gasto nas correções das provas, e agora pode ser gastado em buscar formas mais contundentes de ensinar alunos com dificuldade.

Tais metodologias empresariais de ensino, ou seja, metodologias ativas aplicadas aos funcionários das empresas como meio de aumentar o rendimento profissional dos mesmos, coubera como uma luva no sistema educacional particular. Tal combinação tão harmônica se deu por diversos fatores lógicos, nos dois há uma liberdade gerada pela liberdade gerada pouca burocratização, vemos isso principalmente quando comparamos aos colégios públicos,

¹⁰ Veja em: <https://catracalivre.com.br/carreira/10-profissoes-que-provavelmente-deixarao-de-existir-ate-2025/>
Acessado em: 12/09/2021.

cuja burocratização tem como função evitar o descaso e corrupção, mas ao mesmo tempo deixa o sistema lento, e enferrujado, ao mesmo tempo que prejudica a qualidade do ensino. E também, fator que é extremamente importante para tal assimilação rápida e contundente nos colégios particulares é um capital financeiro amplo¹¹. Tal ponto encontra-se valor nos seguintes aspectos, primeiro, na capacidade da compra e renovação do material estrutural, vemos que colégios que iniciam a aplicação de metodologias ativas investem pesadamente em uma rede de qualidade de computadores, e um forte acesso a banda larga, como também a compra e assinatura de serviços online, como também no investimento e reforma de salas especializadas para algumas metodologias ativas, como as que necessitam de auditório, ou largos galpões, como a compra de matérias para a criação de jogos e dinâmicas, que requerem produtos muitas vezes inacessíveis a população comum, como construções em Lego. Como também, o capital permitidor de tempo extraclasse, o aluno, mais especificamente neste ponto, a família do estudante, possuem um capital financeiro, uma condição social, que não obriga o aluno a ter que trabalhar para ajudar a família, ou ficar em casa cuidado de um parente, neste caso, todo o tempo do aluno de classe media, e classe alta pode ser reinvestido em educação, muitas vezes em cursos extras, como o estudo de línguas e de reforço.

Contudo, ao mesmo tempo que vemos esse rompente de mudança e inovação nos colégios particulares, no sistema público de educação mantem-se um silencio desolador, enquanto do outro lado há todo um esforço conjunto do mercado para a melhor implementação das metodologias ativas, muito decorrente das disputas pelo mercado entre os colégios particulares; no horizonte publico as redes de ensino como uma ilha mantem-se isoladas. Tal discursão pode ainda levar por que não há essa briga das instituições em acompanhar o ritmo dos colégios particulares, até mesmo por agirem como se nem ao mesmo conhecessem tal disputa por melhores formas de ensino, mais inovadoras. Muito pode se dever ao fato de não haver tal competição nos colégios públicos, estes não disputam entre si pelo aluno, para comprovar qual possui o melhor desempenho entre os tantos outros.

Mesmo havendo uma clara comprovação que o sistema clássico de ensino é falho, e incapaz de atender as demandas da população, de seus alunos, encontramos uma resistência profunda dos professores na mudança para um novo método. E neste ponto colocamos em próprio risco a nossa função como professores, e a importância de nossa profissão. Resistentes

¹¹ O termo Capital Financeiro Amplo é aplicado para definir um ambiente publico ou privado cujos gastos em relação a renda permitam uma reserva financeira livre para uso, que pode ser usada em investimentos com rapidez, e pouca burocratização.

a mudanças que possam melhorar o ensino publico, mas que retirarão o *status quo*¹² do funcionamento atua, seja em um maior esforço do professor para pensar suas aulas, ou dum olhar mais atento aos alunos caso a caso. Ao mesmo tempo que são incapazes de criar uma solução ante ao problema, à visão da sociedade aos poucos nos tornamos obsoletos. E essa obsolescência não deve ser vista como o professor em si não há mais importância, todavia ele vem perdendo espaço para *Coaches* e típicos Gurus educacionais, que vendem fórmulas prontos, uma autoajuda barata. Diante de mudanças estatais no ensino¹³, em que retiram a importância basilar de matérias como filosofia e sociologia, brigamos para que elas se mantenham como estão, mas esquecemos do por que aos olhos de muitos, da grande parte da sociedade, elas tornaram-se obsoletas.

Requirir a mudança de um sistema antigo e ultrapassado não é apenas lutar pelo melhor aprendizado do aluno, isto que já seria argumento suficiente para a mudança. Mas defender a atualização do sistema é defender a profissão do educador, o professor como ser fundamental da sociedade. É defender profissões como a do professor de história, do historiador, que entram em cada vez mais declínio ante a sociedade. Devemos perceber que somos parte fundamental da culpa deste problema; a mesma sociedade que coloca em xeque nossa função, é a mesma que fora educada por nós. A microssociedade conteudista cria seu próprio veneno, ao ponto que aqueles que não conseguiram ir pelo minúsculo caminho que o modelo cria, e define como final e certo, passam, e até mesmo com certa razão a duvidar da função acadêmica, e social de varias matérias. E, com isso, começam a defender abertamente que a retirada delas da grade escolar seria um benefício, uma modernização do ensino. O sistema educacional clássico criou o seu próprio fim, e os professores podem ser engalfinhados juntos.

Alguns poucos professores já conseguiram ver me contexto amplo este problema, e buscaram nas metodologias ativas, as mesmas que vem sendo usadas ricamente nos colégios particulares, com ótimos frutos, soluções para o ensino publico. Contudo, após uma análise de inúmeras praticas nesta situação, observamos erros gravíssimos. As metodologias ativas ao saírem das empresas, e desaguarem nos colégios particulares encontraram além de um ambiente semelhante já acomodado as necessidades que o sistema cobrava. Um modelo de ensino pensado no capital acomodar-se-ia como um irmão em outro baseado no capital, mas

¹² Termo em latim que significa manter algo exatamente como esta.

¹³ Para melhor compreensão da mudança do ensino médio feito pelo MEC, recomendo o site oficial, que retira as principais duvidas: Veja em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361> Acessado em 12/09/2021.

torna-se um completo Frankenstein num ambiente forasteiro, como o sistema publico de ensino.

Toda a discursão ideológica nos levava ao seguinte ponto, a necessidade de uma solução clara para o ensino publico, que retire os alunos do microcosmo conteudista. Ao mesmo tempo, demonstrando que esta mudança é importante para mudar a mentalidade dos professores resilientes, a própria salvaguarda da profissão do professor, principalmente de matérias como história, e outras humanidades, tão gravemente atacadas e postas em descrédito. Vemos a evolução que os colégios particulares estão adquirindo com as metodologias ativas, mas não podíamos, neste mesmo aspecto, trazer as mesmas metodologias, as mesmas praticas, e esperar um sucesso equiparável. Ignorar a realidade dos alunos carentes no microcosmo conteudista já havia sido o erro inicial que levou a tal critica situação; ignorar novamente e copiar modelos que necessitam de capital amplo é continuar no mesmo grave erro.

Não fora de um novo pensador que surgiu tal base técnica que permitiu a mudança que será apresentada neste trabalho em questão. Paulo Freire¹⁴, na década de 60, já defendia ideias que se assemelhavam em muito com as metodologias ativas, na questão que davam voz ao aluno, colocando o papel de protagonismo no ato de educar, tal fator nunca deve ser esquecido por nós. Tais ideias foram perdidas quando o estado, e conseqüentemente os professores, abarcaram o microcosmo conteudista. Contudo, mesmo tendo em muito inspiração nos ensinamentos de Paulo Freire, as metodologias ativas são exclusivistas, ignoram a realidade do aluno publico, por isso, apenas trazer os métodos como são nunca se ocorreria o êxito. Freire não buscou maneiras de ensinar a elite, esta já era muito bem educada na forma acadêmica. O mais pobre era o seu ponto inicial. Se queremos que a educação seja libertadora, devemos buscar a solução no sistema mais atual, mais inovador, aí temos as Metodologias Ativas. Contudo é preciso urgentemente modelar elas fugindo da necessidade do capital, pensando no aspecto social.

O segredo está em não tentar formas de adaptar um método já pronto, retirando e adicionando partes, ideias, que apenas funcionam contexto muito específico, e mesmo assim falho, incompleto, incapaz de encontrar seu potencial. Há apenas uma forma de agir neste

¹⁴ Paulo Freire (1921-1997) foi um filósofo e professor, que dedicou sua vida na educação dos mais pobres. Criou um modelo inovador de alfabetização, e escreveu diversos livros voltados a área do ensino, e da educação como modelo libertador. Deles se destacam obras como Educação como pratica de liberdade (1967), Extensão ou Comunicação (1969), entre outros.

caso, criar uma metodologia única, pensada desde seu aspecto embrionário para o ensino público e sua realidade. Muito baseado nas ideias de Paulo Freire, que havia conseguido em vida ensinar de forma lúdica os mais carentes. Portanto, a importância de atrelar uma visão social à metodologia é essencial, sem tal pensamento, podemos nos perder no materialismo do tema.

Ao mesmo tempo que fora criado um projeto pensando na realidade do colégio público, buscou-se simplificar ao máximo o método, de forma que seu modelo base pudesse ser utilizado sob qualquer ótica. O modelo em questão foi pensado como base de apoio aos professores do ensino de história, uma forma de conseguirem dar protagonismo aos seus alunos, como também aplicar significado ao ensino de história. Contudo, mesmo sendo feito se baseando na realidade do ensino de história nos colégios públicos, não se restringe apenas a este universo, como também possui uma característica chave de ser multidisciplinar, e pelo seu fácil acesso e simplicidade, poder ser aplicado em diversos ambientes diferentes, incluindo até mesmo os colégios particulares.

Com este pensamento, estudou-se a origem de novas práticas de ensino, retirando com isso o fundamental teórico e prático que generalizava tais métodos. Observamos que embora houvesse diferenças claras entre as modalidades, seja algumas sendo focadas no uso da tecnologia, outras no estudo extraclasse, todas vinham das mesmas fontes, inspiravam-se nos mesmos autores. E, principalmente, o mercado de trabalho e incluindo nele os conceitos buscados em cada profissional pelo mercado, não mudavam entre os métodos. Retirando o fundamental era possível moldar do zero qualquer método.

Tentou-se, na criação inicial desse projeto, adapta-lo aos mesmos padrões já definidos, ou seja, padroniza-lo de acordo com os padrões já definidos, ou sejam padroniza-lo de acordo com os já existentes. Isto não significou modificar o método original, de forma que se pudesse desviar dos seus objetivos, mas dar uma roupagem pública e globalizada. Isto se mostrou claro já em sua nomenclatura, que seguindo a tendência das outras metodologias ativas aplicadas no país, em que nem por isso tiveram seus nomes traduzidos. Como também, isso poderia gerar uma melhor aceitação no mercado, tentando apresentar a metodologia como um sistema inovador, mas, contudo, ainda pertencedor do mesmo aspecto amplo que se define.

O projeto recebeu então o nome “*Learning, Think and do Yourself*”, ou, em sua mais sonora sigla LTD. O nome em si em português significa “Aprenda, Pense e Faça você

mesmo”, e é um próprio resumo do método *per si*¹⁵. Como será mais a frente detalhadamente aprofundado, o sistema busca primordialmente a compreensão do aluno sobre determinado tema e sua significação. O aluno por meio deste método aprende o assunto abordado na aula de forma muito parecida com o modelo clássico, o que beneficia, em muito, a adesão dos professores mais resilientes a mudança. Contudo, após esta fase, contraria-se a ideia de aplicar mais conteúdo sobre o aluno, ativando a metodologia ativa LTD; por meio desta o aluno vai compreender a importância daquilo que aprendeu, e a sua na prática.

Todos os aspectos centrais que define uma metodologia ativa foram aplicados no método LTD, como também, este sendo o principal, todas as dificuldades possíveis que poderiam ser encontradas no ensino público. Porém, era impossível, neste momento, fixar que tal tese pregada iria corresponder as questões da realidade. A realidade da educação brasileira é muito distinta e ampla, na mudança de colégios vemos uma diferença gritante entre eles. Sem a aplicação em sala de aula da metodologia LTD, tal modelo assumiria apenas um aspecto teórico, fator indesejado. Se possível a sua utilização em um, ou dois colégios públicos, sob teste de pressão, talvez pudesse evoluir para um protótipo, que não define sua totalidade, mas já fincasse um plano inicial.

Fora então iniciada então a busca por espaços para sua realização, aqui detalhadamente documentadas. Contudo, é necessário ressaltar, ao encontrar as instituições, e se realizar a prática da teoria metodológica de ensino, em poucas salas, num período reduzido, manteve-se sempre presente o ceticismo e a análise crítica necessária para qualquer projeto científico. Em nenhum momento o método LTD fora considerado, a priori, o mais correto, ou o melhor ante todos. Fora observado que havia dificuldades durante a aplicação do método tradicional de ensino nos temas específicos, o que permitia um processo de inovação e implemento de um novo método. Então, comparou-se, naquele curto período de tempo, quais foram os benefícios, e erros do método, e se superaram os do sistema clássico.

Há um clássico conceito na medicina que o medicamento não pode gerar mais efeitos colaterais que benefícios, as partes positivas do medicamento devem superar as negativas. Tal pensamento é o mesmo neste vigente trabalho. Devemos comparar todo o sistema educacional público como um único ser, em uma clínica hospitalar, sendo avaliado por médicos. Há, neste paciente, uma alteração no sangue, um problema congênito, que vem por anos se arrastando, e que agora vem apresentando piores bruscas. Imaginemos um câncer que por anos se

¹⁵ Termo em latim que significa “apenas por ele mesmo”.

apresentou como um tumor escondido, e agora se apresenta em metástase, a doença já foi comprovada, e se não houver o tratamento o paciente irá morrer. Para a cura, portanto, é necessário criar um remédio, com efeitos colaterais, que obviamente exigiriam do paciente maiores cuidados, como também dos seus médicos, enfermeiros, toda a cadeia de saúde, para mantê-lo vivo, mesmo sabendo que a vida que o paciente possuía antes não pode continuar sendo a mesma.

O problema é claro e desesperador para quem o observa e o compreende, o câncer que é o microcosmo conteudista, e toda a sua realidade impositiva ao aluno encontrou seu aspecto terminal, metastático, e isto coloca em risco a nossa profissão num ambiente já extremamente hostil, em que profissões estão sumindo ou sendo recriadas. O método LTD tenta ser a pílula para tal pandemia interior, contudo, não é um caminho simples, e requer um esforço contínuo. A monografia aqui em voga propõe a responder a questão: É possível de alguma forma salvar este corpo doente que é metaforicamente, o nosso ensino público? Será o método LTD uma pílula que possa acabar com a metástase autofágica?

1 - POR QUE UMA NOVA METODOLOGIA ATIVA?

1.1 - O QUE EM PRINCÍPIO SÃO AS METODOLOGIAS ATIVAS.

Para muitos professores, que ainda se lembram dos seus períodos de faculdade das aulas de teorias históricas, lembraram-se de uma longa discursão sobre o método da pesquisa histórica, dos antigos positivistas, e seus grandes problemas, da revolução que fora o colégio dos *Annales*, e até mesmo das metodologias mais atuais, que pregam um revisionismo histórico constante. Há, no ambiente acadêmico, já há muito aberta esta discursão, quem se aventura em trabalhos de pesquisas profundas em documentos sabe desde o princípio se utilizara um método positivista, ou se buscara a história da mentalidade de uma época, ou usara o materialismo histórico ao seu favor. Todavia, tal linguagem múltipla de modelos não se é transcrita ao pensar nas metodologias de ensino.

Vemos que a pedagogia, matéria mãe de todas as licenciaturas, perdeu seu espaço entre as licenciaturas, e na própria visão do profissional que vem a se formar, que se vê muito mais como um historiador, como que um professor. O aspecto dubio da formação de licenciatura que busca moldar um historiador-Professor, leva a defeitos crônicos no papel de um dos lados, no caso específico, no profissional licenciado, ou seja, o professor. Não existe, contudo, um erro em educar o futuro profissional como também um pesquisador, mas este deveria ser um aspecto complementar de sua formação, e não primário. Com isso, como diz Ferreira¹⁶:

“O ensino de História ainda é predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se, dessa forma, para os alunos um ensino desinteressante, confuso, anacrônico, burocratizado e repetitivo. Vários seriam os adjetivos que poderíamos dar para exemplificar o quadro de ensino desta disciplina, que pouco interesse desperta nos alunos, quer seja nos cursos de graduação, quer seja no ensino fundamental e médio. Desta forma, o conhecimento recebido na Universidade por futuros professores de História é repassado como pronto e acabado aos alunos do ensino secundário, negando-se a estas atitudes questionadoras, colocando-os passivos diante dos conteúdos transmitidos.”

¹⁶FERREIRA, 2007.

O que entendemos neste ponto é consequência clara da ausência de conhecimento de amplos métodos pedagógicos de ensino, e a compreensão dos momentos necessários de aplicar cada qual, compreendendo neste ponto, quais técnicas são ultrapassadas, e quais são inovadoras, e percussoras de um possível futuro na educação. Todo esse sistema problemático de formação desagua-se no ensino básico e médio, criando aulas que fogem das necessidades do aluno, transformando-as em períodos pouco interessantes, parcamente elucidativos para o aluno, e com isso, fazendo-o perder interesse.

Compreender, portanto, que o conteúdo prático aprendido no período da formação acadêmica, e nele cabem-se todas as metodologias variadas e amplas de pesquisa, apenas contemplam seu aspecto máximo de formação – o profissional está sendo formado em licenciatura -, se houver comunicação com a pedagogia. Isto só é possível compreendendo os métodos antigos e atuais, e conseguindo escolher de forma metódica qual melhor se compactua ao novo profissional que vem se formando. Como a revolução do colégio dos *Annales*, que de forma permanente transformou uma historiografia engessada dos positivistas em um movimento amplo, mutável e que se permite a inovação, era necessário se ter no ensino seu próprio “*Annales*”. Todavia, não fora, neste princípio revolucionário, que surgiram as Metodologias ativas, estas, contudo, vem tomando tal espaço ao longo do tempo.

O modelo em questão, que é o princípio do novo método que é proposto nesta monográfica, não surge na dinâmica de aproximar o conteúdo universitário para o escolar, ou mesmo, pensado em qualquer problema educacional *per si*. As metodologias ativas surgem num ambiente capitalista, de alta competitividade empresarial, no qual as empresas precisavam urgentemente de modelos de treinamento para seus funcionários, de forma a desenvolver habilidades necessárias para o mercado. Podemos colocar tal pensamento fervente como resultado de um ambiente empreendedor, ou seja, de alta demanda por inovação, novas técnicas e formas, buscando com isso, obviamente, o lucro. O próprio sistema empreendedor é rico em críticas, como a problemática do empreendedorismo radical, que ignora os direitos trabalhistas, e coloca em risco empregos estáveis e antigos. Contudo, este mesmo modelo é observado por vários colégios, que conseguem ver os aspectos positivos de tal ambiente, Mello¹⁷ nos diz:

“O interesse pelo empreendedorismo na era da globalização, diversificação e transformação das relações de sociabilidade, acesso à informação, educação e trabalho tem sido uma

¹⁷MELLO, 2019, P.2.

constante em instituições públicas e privadas, programas de investimento em pesquisa e inovação tecnológica.”

O princípio básico deste interesse é a compreensão de dois fatores. O primeiro, a inexorabilidade da constante evolução tecnológica, e suas consequências, sendo a principal a morte de empregos pela automação, e o surgimento de novos que por sua própria natureza inovadora buscam novas habilidades, estas que passam a possuir alta demanda de serem ensinados nos colégios. Com também, a necessidade de conseguir fazer a ponte entre o assunto acadêmico, e as necessidades do aluno na escola. O empreendedorismo então, que pode ser visto como uma vertente de um “capitalismo selvagem” que destrói empregos, e visa o lucro a qualquer custo, pode ser visto sobre um olhar totalmente distinto. Nesta visão, o professor toma rédea do imágético termo venalizado “empreendedorismo”, e coloca seus pontos fortes em prol a seus interesses proativos. Tiramos novamente de Janaina¹⁸ que:

“[...], o uso do “empreendedorismo” na Educação em sua vertente positivada: criatividade, inovação, iniciativa, solução de problemas cotidianos, trabalho coletivo, redes de solidariedade e consciência crítica do mundo pode e deve ser apreendido por professores que vejam em seu ofício de ensinar um ato de transformar a realidade.”

A princípio, a utilização das tais metodologias ativas tão conhecidas no ambiente empreendedor nos colégios particulares encontraram um ambiente extremamente favorável, para tais colégios, fora a unificação da solução de seus problemas em uma única resposta. Ao mesmo tempo em que, pareciam solucionar a falta de interesse dos alunos, tirando o sentimento apático causado pelo papel de apenas ouvinte, comum no ensino clássico, e o colocando como agente ativo. Como também, conseguindo de forma consciente, diminuir a disparidade de objetivos do mercado de trabalho, com os componentes formadores do aluno, o que era extremamente benéfico para os dois lados. Contudo, o ponto mais alto talvez de todos os benefícios seja a sua lucratividade, para os colégios que adotavam tal sistema, com a mudança, era possível a realização de uma completa série de propagandas, um apelo ao “diferencial” do colégio, e sua superioridade em relação aos demais, afinal, trazia um ensino de fato inovador, e incomum na maioria dos colégios.

Inúmeros pensadores já haviam debatido em suas obras a importância de pensar a educação de forma diferente da clássica, buscando dar mais visibilidade ao papel do aluno. No Brasil, temos um dos maiores pensadores sobre a educação, Paulo Freire (1921-1997), que

¹⁸ MELLO, 2019, P.3.

havia em diversos livros debatido sobre a educação como forma de libertar o ser. Doravante, o pensador que ganhou a fama de teórico das Metodologias Ativas, mais exatamente das bases que fundamentaram tal movimento, fora William Glasser (1925-2013).

Glasser, sendo um psicólogo americano, baseou sua vida profissional na busca de compreender como a mente humana funcionava. A pergunta em si era mais complexa, sendo de que como um ser humano comum toma engajamento sobre um tema específico, que diferente a todas outras cargas de informações que ele recebe ao longo do dia, de sua vida em geral, absorve e aprende, ao ponto de que se possa ser facilmente esquecido doutras coisas, contudo, destas informações específicas lembram-se por um longo período de tempo. Justo estas informações específicas mantem-se gravadas na a ferro na mente, o que levava, portanto, a verdadeira aprendizagem, longe da típica decoração, o famoso “decoreba” tão comum no ensino brasileiro. As ideias de William foram resumidas e tabuladas numa divisão piramidal, conhecida como A pirâmide de William Glasser, como vemos:

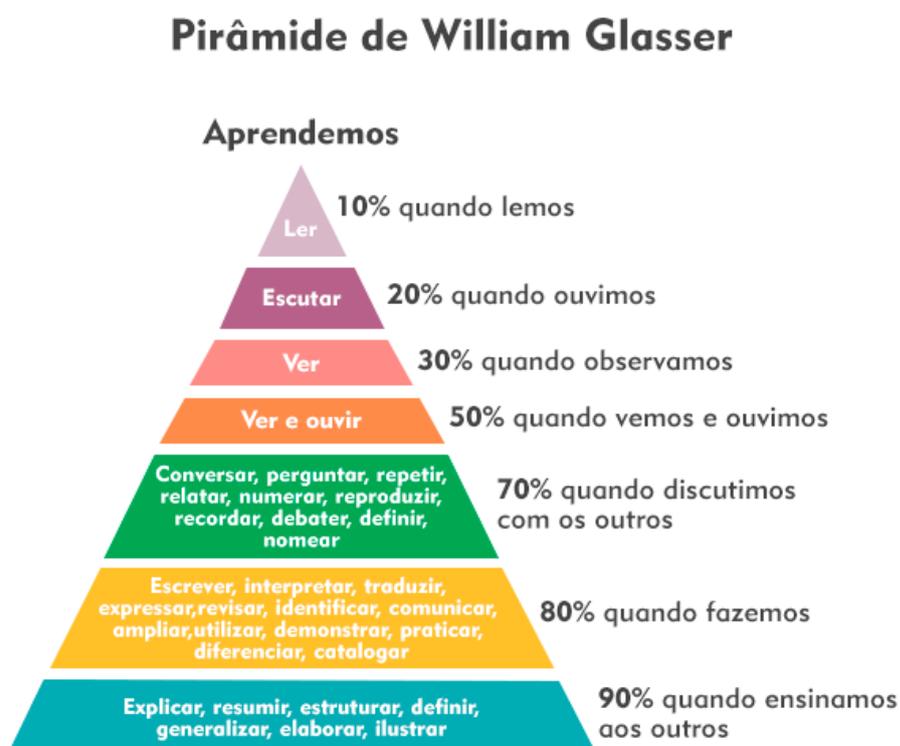


Imagem 1: Pirâmide de William Glasser

Fonte: <http://www.incape.net.br/a-piramide-de-aprendizagem-de-william-glasser/>

A pirâmide, resumo das ideias de Glasser, define em porcentagem o nível de aprendizagem de determinado assunto, conforme sua ação sobre ele. Tais ações são divididas em dois aspectos, as ações passivas, que como o nome diz, não requerem ativamente a participação daquele que aprende, ou seja, ler, ouvir, observar, o conjunto dessas práticas. A outra divisão fica conhecida como ações ativas, nestas, aquele que aprende está ativamente envolvido com o assunto, ou seja, participa dela. Neste princípio, quando o aluno passa de sua posição de ouvinte, e começa a aplicar sua visão sobre o tema abordado. Para o pensador, quanto mais ativo a participação do aluno em relação ao assunto de interesse, mais introspectivo será o aprendizado, ou seja, será mais profunda e duradoura.

Deste ideal que vem a terminologia “Ativa” nas novas metodologias. Num exemplo, imaginemos uma sala de aula tradicional, com uma estrutura aceitável, com todos os materiais didáticos a disposição, uma sala de aula com professores de qualidade, uma biblioteca própria, e um ambiente silencioso para estudo e contemplação. Dado isso, o aluno aprende de maneira tradicional um assunto comum, a exemplo, baixa idade média, a princípio o aluno possui o seu próprio livro didático, este aluno é esforçado, e lê-lo por completo antes da aula, e ainda por cima busca informações complementares nos livros de sua biblioteca, para Glasser seu aprendizado seria incompleto, já que apenas 10% do assunto seria assimilado pelo aluno. Agora, imaginemos, chega o dia da aula sobre este tema, ele presta atenção, senta-se na primeira fileira, mesmo assim chegaria apenas a 20% do assunto absorvido, então, após isso, começa a refletir sobre a aula que teve, ele se interessa pelo assunto, vê filmes e series sobre o tema, busca podcasts, e programas de radio. Mesmo diante todo este esforço individual e passivo ele apenas absorveria ao máximo 50% de todo o assunto, metade apenas.

Obviamente, tendemos a desacreditar a princípio de tal ideia, afinal, estamos diante neste exemplo de um aluno exemplar, sob as melhores condições possíveis. Todavia, devemos lembrar, que o que está sendo tratado aqui não é apenas o ato de decorar um assunto, mas o compreende-lo. Ao logo do tempo, com novos assuntos sendo ministrados, este aluno provavelmente irá esquecer boa parte do que aprendeu, por isso falamos que apenas 50% foi aprendido totalmente. Para total compreensão do assunto e sua duradora fixação é necessário transformar a ação passiva em ativa, o docente deve tomar controle do assunto, se tornando parte integrante do tema. Tal ação é formada por diversas etapas, que consistem na compreensão do tema abordado, e sua significação a conceitos práticos, como também a sua socialização.

Para perfeita conclusão da aprendizagem é necessário o outro, algo que Paulo Freire falava com maestria “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.¹⁹

Sem o outrem, mesmo que absorvendo as informações por um livro, ou pelo próprio professor, não existe um debate sobre o que está se aprendendo, apenas uma passividade de recebimento. Ao realizar uma troca intelectual, aquele que aprende, também se torna aquele que ensina, criando uma construção mútua em torno do tema, como também, surgindo habilidades apenas presentes nas relações sociais. Por isso, voltando para o nosso exemplo, se este aluno, que apenas aprendeu 50% do assunto, decide se aprofundar ainda mais, e para isso, tornar-se parte ativa do processo de aprendizagem. Com isso, ele busca colegas, amigos em geral, e começa a debater sobre os temas, ele cria rodas de debates, sarais, fichários, tudo isso em grupo, e ao final decidem fazer uma apresentação a transeuntes, ensinando o que aprenderam. Ao fim deste processo, segundo William Glasser eles chegariam ao máximo da aprendizagem possível, que nunca é os 100%, já que sempre há algo novo a se aprender, mais beira ao próximo.

Toda essa exemplificação serve não apenas para demonstrar como as teorias de Glasser são importantes para a educação, mas para também, provar como esta forma ativa de aprendizagem, envolvendo um grupo, gera inevitavelmente as metodologias ativas. Embora elas venham a se apresentar atualmente como teorias já prontas, com modelos muito bem definidos e testados no setor empresarial, e educacional particular, elas possuem um fundamento muito simples, que acontece de forma natural em qualquer grupo de amigos ou estudantes que se interessam por temas específicos e resolvem discutir, criar grupos de estudos, clubes. Então, antes de um fundador de métodos, a pirâmide de William Glasser é apenas uma constatação da psique humana, como ela se interessa, e como ela aprende e se desenvolve. Não fora por que um grupo de pessoas conseguiu formular teorias metodologias, e capitalizar sobre elas, que esse pensamento perde seu tom natural, que se assemelha a uma lei da natureza humana. Nem também que os métodos já criados sejam os únicos, pois, como já visto, por este funcionamento ser quase uma lei natural, suas aplicações são infinitas. O ensino ativo é uma senhora que vê uma receita e faz em casa, mas modifica alguns pontos conforme seu gosto; é um pintor que vê um famoso quadro e faz sua releitura. É a psique humana, buscando formas concretas de aprender e significar aquilo que aprende.

¹⁹ Paulo Freire, em “Pedagogia do Oprimido”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

Com isto em mãos, podemos citar as metodologias ativas mais comuns, e, com o conhecimento já descrito anteriormente, compreender que não devemos necessariamente resumir unicamente aos métodos já existentes, já que muitos não apareçam viáveis na realidade em questão. Ao longo do texto, será apresentado exemplos destas metodologias sendo utilizadas, e os problemas estruturais que elas possuíam ao serem aplicadas na realidade brasileira. Este é um ponto a ser tratado, embora as metodologias tenham vindo para o país ao longo dos anos, -Temos trabalhos como o de mestrado ProfHistória de Rodrigues, em que é afirmado a vinda do criador da metodologia ativa *Flipped Class* para o Brasil, para uma palestra para a introdução da metodologia ativa específica na sala de aula - estas metodologias foram criadas em outros países, sobre realidades completamente distintas do ensino brasileiro. Com isso, cabe ressaltar a ideia de que, embora importantes, não devemos nos prender às metodologias já criadas.

Aqui ressaltarei as mais conhecidas, e conseqüentemente as que tiveram já uma considerável utilização no país, todavia, embora elas tenham aspectos definidos, vemos que na aplicação na prática, devido à realidade brasileira, houvera mudanças pontuais nas suas aplicações. Todas diferem entre si, algumas se baseiam profundamente no uso da tecnologia, de aplicativos, do conhecimento em informática, e o básico em programação. Outras, já tornam o uso da informática secundário, mas cobram o uso de materiais para a construção dos kits e jogos que são cobrados. Vemos uma variação ampla das necessidades, ao fim, quase todas necessitam de mudanças estruturais, ou a compra de aparelhos auxiliares, como computadores. Até vemos, e considero estas mudanças mais complicadas de serem aplicadas, como a necessidade da construção de salas específicas, feitas especialmente para as dinâmicas das metodologias ativas, espaços mais amplos, com acesso a Datashow, e outras tecnologias.

As três mais citadas em artigos, e que possuem mais relevância no aspecto nacional são as metodologias *Flipped class* (Sala de aula invertida), *Problem Based Learning*, PBL (Baseado em problemas), e *Gamification* (Gameificação), este último geralmente relacionado à criação de um produto, um jogo, algum objetivo que seja utilizado na dinâmica de ensino, um *TollKit*. Com isso, explicando os pormenores de cada uma, conseguimos compreender de forma ampla as inúmeras metodologias ativas aqui não citadas, como também, observar os problemas estruturais que influenciaram a necessidade da criação de uma própria metodologia ativa.

A primeira das três a serem abordadas é a *Fippled Class*, traduzindo-se “Sala de aula invertida”. Seu nome, como acontece em quase todas as metodologias ativas é autoexplicativo. Seu conceito é simples, a inversão de tarefas compara ao ensino clássico, enquanto no ensino tradicional o aluno aprende o assunto na escola, por intermédio do professor, em casa realiza atividades de memorização; o sistema propõe a inversão desta lógica, o que antes era feito em casa é feito no colégio, e vice-versa. A proposta deste sistema é permitir ao aluno que consiga previamente estudar e se adentar no assunto, completando aquilo que Glasser chama de ensino passivo, e ao chegar ao ambiente escolar, por intermédio do professor, haverá debates, e sabatinas entre os alunos, para que a discussão sobre o tema seja mais rica, já que permitira que os alunos debatam sobre um assunto já conhecido por todos, permitindo a melhor troca de ideias.

A ligação com o modelo *Fippled Class* com a tecnologia é estrutural, todo o ambiente de inversão depende de o aluno ter acesso à internet, e a um computador ou celular. O professor não está presente apenas na sala de aula, nos momentos de discussão, mas também presente nas vídeo-aulas gravadas, e em textos de apoio, que são distribuídos de forma digital. Como também, o aluno, para conseguir se preparar para a aula, deve assistir a documentários e vídeos complementares, como toda uma gama auxiliar de informações, como websites jornalísticos, podcasts, jogos online etc. Não existe, portanto, neste modelo, uma redução do conteúdo, ou da carga horaria, pelo contrario, existe um aumento exponencial, no ponto em que o aluno, além da aula gravada, terá que complementar o entendimento com outros produtos, com isso requerendo um longo tempo dedicado exclusivamente aos estudos fora do colégio demasiadamente longo, e uma forte dedicação.

Existe neste método grandes elogios dos profissionais que já a aplicaram na pratica, sendo seus relatos muito elucidativos, por exemplo, Giannotti, Vidigal²⁰, e outros falam que a *Fippled Class*:

“Merece destaque (...) quando é realizada a aula invertida devido ao nível de abrangência e flexibilidade, percebe-se o aumento do envolvimento e comprometimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, com o desenvolvimento do protagonismo e autonomia.”

Já, outro método bastante conhecido, e que inspirou profundamente o método LTD, apresentado originalmente nesta monografia, é a metodologia ativa PBL. Geralmente, ela se difere muitas vezes da sua dinâmica, e pratica, tendo pontuais variações, contudo, nunca se

²⁰ GIANNOTTI et al, 2019, P.1.

distanciando profundamente da ideia inicial. A metodologia esta firmemente calcada na ideia de que cada assunto ensinado deve ter uma relação palpável, um aspecto real e visível para os alunos, se for ensinar cadeias carbônicas, mostra-se o petróleo, e todas as divisões carbonárias possíveis, que geram do plástico à gasolina. Não apenas isto, dar-se-á problemas a serem resolvidos com as informações adquiridas, estas que serão respondias num grupo pequeno, com auxilio do professor.

A principio, a metodologia ativa é passada em turmas pequenas, em salas de no máximo quinze alunos, como isso, turmas maiores são divididas para sempre manter o numero de alunos reduzidos. Isto feito, o professor passa um problema, uma questão instigante, que se relaciona diretamente com o tema dado, e que sua resolução depende da compreensão do assunto. Com isso, em conjunto, os alunos começaram a debater soluções para a questão, em algo denominado Brainstorm, que é simplesmente um debate de ideias. Com conceitos de soluções pensados, começaram a pesquisar sobre suas funcionalidades na pratica, e se há algo que ainda não fora visto. Todo esse processo leva alguns dias, em que eles, independentes do professor, irão planejar seu tempo de estudo, e aquilo que acreditam que deve ser estudado, baseando-se sempre no tema proposto. Em cada reunião estes alunos debatem aquilo que aprenderam, até que, ao fim deste período apresentem uma solução concreta do problema a que tanto estudaram.

Tal modelo, já utilizado em algumas faculdades no país, coloca o aluno de frente a realidade dos assuntos que aprende. Como também, permite para aquele que o faz torna-se tanto pesquisador como pensador. Todo esse ímpeto é sempre realizado em grupo, nenhuma metodologia ativa se prende ao individuo, o conhecimento, como já coloquei, segundo Glasser é apenas compreendido em sua totalidade em conjunto. O que mais distingue esta metodologia é sua liberdade, o aluno em si não será cobrado em diversas provas, ou se estuda todo o dia, mas pelo seu esforço em conjunto em compreender os problemas que se baseiam seu assunto, com isso, compreende-lo em sua integridade. Tal modelo então, embora seja extremamente benéfico o uso da internet, ou das tecnologias, não o torna obrigatório, dependendo dos temas a serem abordados e a disponibilidade de outros ambientes, como bibliotecas. Por isso, muitas vezes é utilizado em uma forma modificada em vários colégios. O próprio modelo que apresento é parcialmente inspirado nele, contudo, muito se difere da proposta, e é claro, da necessidade de tamanho esforço conjunto fora da sala de aula, como também, de sua exacerbada liberdade.

A última das três metodologias que separei para elucidar seria a Gamification. É uma constante que, caso não estejamos falando da aplicação de um sistema *flipped class* ou PBL, estaremos falando dum tipo de *Gamification*, por que é sem dúvidas o mais simples de ser aplicado, e o mais variável de todos, ao ponto de suas próprias dinâmicas serem demasiadamente fluidas. A princípio, o sistema Gamification, ou gameificação, transformar algo em um jogo, é conseguir transformar qualquer assunto abordado, num jogo lúdico, num trabalho com aspectos artísticos, que seja feito em grupo, e jogado em grupo.

Não é algo explicitamente novo na educação, sempre houve casos de professores criando jogos, e dinâmicas divertidas para melhor ensinar alguns assuntos para os alunos, seja um teatro nas matérias de história, um tribunal político em geografia, ou uma gincana de matemática. Isto, obviamente, é um campo comum, por esta questão, quando fora aplicado no sistema um pensamento educacional por traz, uma metodologia ativa a ser seguida, tal aplicação apenas se multiplicou. O que melhor pode ser dito de distinto desta metodologia é que busca que os próprios alunos criem seu jogo, que estudem o assunto, o compreendendo, e relacionem tudo aprendido com uma dinâmica, seja um tabuleiro, ou um jogo tecnológico, ficando a critério da turma. E que, se houver um estímulo para tal, criarem um jogo tão complexo em sua proposta que possa ser aplicado em outras turmas, como uma metodologia ativa de jogo já pronta, um toolkit, que os novos alunos apenas iriam jogar, aprendendo o assunto de forma ativa, sem a necessidade da construção novamente do sistema.

Tal resumo, um tanto extenso, era necessário. Com ele, conseguimos compreender as melhores características dos sistemas mais atuais de ensino, as formas que são aplicados e imaginados. Com isso, ao observar a nova metodologia ativa criada neste TCC, conseguiremos observar os mesmos princípios também aplicados, os mesmos objetivos pontuais a serem alcançados, sempre sobre a ideia que ninguém aprende sozinho, e que o aluno deve ser protagonista de sua própria educação. Contudo, este resumo também fora benéfico para se compreender perfeitamente os motivos de não terem sido escolhidos especificamente estes métodos já criados, quando apresentarmos os problemas gravíssimos que cada um possui na realidade da educação brasileira, e neste contexto a educação pública.

O que podemos então compreender amplamente sobre as metodologias ativas são a importância que tiveram em identificar os problemas visíveis da formação acadêmica, que se refletia conseqüentemente na proposta da educacional pública, cada vez mais incompatível com a nova realidade empreendedora. E, com essa identificação, a habilidade de buscar na

psicologia, e pedagogia, fundamentos que justificassem a existência de tais problemas, dos motivos que levavam uma carência de habilidades sociais nos profissionais, que mesmo passando anos nas escolas e faculdades, demonstravam-se funcionários incompletos, e identificar as raízes dessa situação conflitante. As metodologias ativas atuais serviram perfeitamente no mundo em que foram criados - nas empresas -, e conseguiram até que parcialmente serem transpostas com habilidade para os colégios particulares mais elitizados. Contudo, em toda tradução há perdas, e a tradução das metodologias ativas é uma tradução da tradução, uma tradução indireta, em que ocorrem perdas sobre perdas. Compreendendo então como em resumo elas eram propostas para serem feitas, qual seu texto original, conseguiremos com exatidão observar seu retrato na tradução indireta, e com isso propor uma nova visão, uma tradução mais cuidadosa, e com isso, concertando os erros das anteriores.

Em resumo, podemos elencar inúmeros tópicos importantes em cada metodologia, como na lista de Roman, Ellwanger e outros, que existem

“várias dessas metodologias sendo utilizadas; contudo, para que uma metodologia seja considerada boa estratégia de ensino, deve ser:

- Construtivista: se basear em aprendizagem significativa;
- Colaborativa: favorecer a construção do conhecimento em grupo;
- Interdisciplinar: proporcionar atividades integradas a outras disciplinas;
- Contextualizada: permitir que o educando entenda a aplicação desse conhecimento na realidade;
- Reflexiva: fortalecer os princípios da ética e de valores morais;
- Crítica: estimular o educando a buscar aprofundamento de modo a entender as limitações das informações que chegou até ele;
- Investigativa: despertar a curiosidade e a autonomia, possibilitando ao educando a oportunidade de aprender a aprender;
- Humanista: ser preocupado e integrado ao contexto social;
- Motivadora: trabalhar e valorizar a emoção;
- Desafiadora: estimular o estudante a buscar soluções”

1.2 - A METODOLOGIA ATIVA NA SALA DE AULA: SEUS PRINCIPAIS ERROS

Como dito anteriormente, as metodologias atuais não foram criadas pensando no ensino médio e básico, muito menos à realidade da educação brasileira, principalmente pública. O que possuímos atualmente é uma tradução indireta, que, como já delineado anteriormente é um sistema que trás erros das traduções anteriores, acrescentando ainda mais a problemática, criando com isso um efeito bola-de-neve. Todavia, seguindo por esta analogia, mesmo uma tradução indireta defeituosa é melhor que simplesmente não ter tradução alguma. Portanto, os exemplos de aplicações já feitas de metodologias ativas no ensino brasileiro que iremos neste capítulo apresentar, embora apresentem defeitos gravíssimos em minha concepção, que afetaram a aprendizagem máxima possível, foram melhores que o modelo clássico de ensino, uma prova objetiva que são estes métodos a melhor escolha para o professor.

Também, é importante ressaltar as diferenças gritantes entre colégios no nosso sistema, enquanto alguns vivem em condição totalmente precária, sem o acesso a materiais básicos, outros possuem alto investimento, e grande estrutura, até mesmo quando observamos o ensino público. Por isto, a aplicação das metodologias varia drasticamente, necessitamos, portanto, observar dados generalizantes das condições socioeconômicas da parcela da população estudada, ressaltando quando houver algum caso anômalo a realidade. Podendo, a início de nossa discussão, observar dois casos distintos em colégios públicos da aplicação da metodologia ativa *Flipped Class*, em sua tradução Sala Invertida.

O primeiro dos trabalhos, feito por Santos e Tezani²¹, tratou da realidade de um colégio estadual do interior do estado de São Paulo, numa turma do segundo ano do ensino médio. Ao identificarem o desinteresse dos alunos com o ensino tradicional que estava sendo aplicado, o que gerava conseqüentemente o abandono escolar, decidiram por aplicar um método ativo de ensino, embora num curto período de tempo e com poucas salas, então, analisaram os resultados, positivos ou não, com isso, observando o próprio relato dos alunos. Com isso em mente, eles observaram a realidade do ambiente que arredonda o colégio, que visivelmente apresenta gravíssimos problemas sociais e estruturais:

²¹ SANTOS, TEZANI, 2018.

“Uma região periférica com graves problemas de vulnerabilidade social, infraestrutura e saneamento básico, enfrentando também o forte tráfico de drogas que acomete parte dos estudantes, o alcoolismo e a violência.”²²

O colégio, não sendo uma ilha isolada diante aquela realidade, também possuía dificuldades desde sua criação, como vemos:

“A unidade escolar iniciou suas atividades no ano de 2015, o prédio foi entregue inacabado, com problemas estruturais e com falta de recursos materiais e pedagógicos, situação que, em parte, ainda permanece”²³

Não obstante, esta não é uma realidade que difere de muitos colégios públicos brasileiros, diante o descaso permanente do estado brasileiro ante a educação pública, segundo o censo escolar de 2015 apenas 4,5% das escolas de todo o país possuem a infraestrutura cobrada por lei²⁴. Podemos considerar, sem muitas dificuldades, o relato desse artigo, capaz de se comparar a muitos outros colégios brasileiros em situação próxima. Mesmo assim, o colégio em questão, num ponto acima da media, possui uma sala específica para a informática, embora, está também em péssimo estado:

“O laboratório de informática, que iniciou suas atividades somente três anos depois da inauguração da unidade, possui, hoje, 18 computadores, 8 foram doados por uma escola privada da grande São Paulo e apenas 14 estão em bom estado de funcionamento.”

Era possível, sobre estas bases talvez pensar em algumas metodologias ativas baseadas no uso da tecnologia, mas se torna um tanto complicado quando os pesquisadores fazem a escolha do *Fippled Class*, que requer, *a priori*, o acesso da tecnologia em casa, e não especificamente no próprio ambiente escolar.

Continuando a análise do problema em que estavam diante, buscaram compreender como era a resposta dos alunos ao ensino tradicional, e sua nivelção em comparação a serie que ocupavam.

“É considerável o número de alunos que necessitam de encaminhamento pedagógico para recuperação contínua, em destaque, na deficiência das competências leitora, escritora e raciocínio lógico matemático envolvendo as quatro operações básicas; existem problemas de

²²SANTOS, TEZANI, 2018, p. 105.

²³SANTOS, TEZANI, 2018, p. 105.

²⁴ Veja em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-06/apenas-45-das-escolas-tem-infraestrutura-completa-prevista-em-lei-diz> Acesso em: 12/09/2021

evasão e frequência; dificuldades em realizar um trabalho coletivo entre professores e alunos; a integração escola x comunidade precisa ser aperfeiçoada; casos de vandalismos, carência de materiais pedagógicos e problemas estruturais prejudicam o processo de ensino e aprendizagem”²⁵

O ponto mais importante para a escolha de uma metodologia ativa é compreender as dificuldades educacionais do aluno. O que encontramos neste ponto é um exemplo claro que as metodologias de ensino clássicas que estão sendo aplicadas, não conseguem superar as dificuldades externas e internas, que são, de fato comprovado, tremendas. O aluno sente-se desinteressado com o modelo aplicado, caindo para o vandalismo, e problemas mais graves como a criminalidade, ou como em muitos casos, evadindo-se da escola em busca de trabalho. A constatação de Santos e Tezani obrigava a utilização de um modelo distinto ao clássico, escolheram, assim, uma metodologia ativa. Portanto, todo o processo de pensamento fora correto, e corresponde em relação a o que muitos professores em todo o território nacional encontram.

Contudo, mesmo após observar as dificuldades dos alunos, e de todo o ambiente, e ter percebido a necessidade de buscar uma metodologia que desse mais atenção e protagonismo a este aluno carente, escolher uma metodologia voltada ao uso principal de tecnologias, e internet, seria a melhor escolha? Já a principio da aplicação de tal projeto fora constatado que:

“para que não houvesse comprometimento na aprendizagem dos alunos, apresentamos o vídeo no início da aula e combinamos que continuaríamos realizando as comunicações também via WhatsApp com o grupo já criado, mesmo assim, alguns alunos foram prejudicados, pois não possuíam o dispositivo móvel e/ou computador pessoal ou acesso à Internet em casa, lembrando que a sala de informática foi disponibilizada no contra turno para os alunos envolvidos na pesquisa, no entanto, não houve procura.”²⁶

Tal condição já fora encontrada na primeira semana de aplicação da metodologia ativa, na qual já fora necessário fazer mudanças drásticas no planejamento prévio da metodologia. Vemos, por exemplo, que o vídeo que era para ser visto fora da sala de aula, movimento básico da *Fippled Class*, em que as aulas são aplicadas no ambiente fora da escola, passaram a serem ministradas no início das aulas, perdendo assim total função no método, já que impossibilitava ao aluno de pesquisar com antecedência o assunto em questão, e apenas em sala de aula haver o debate.

²⁵ SANTOS, TEZANI, 2018, p.105.

²⁶ SANTOS, TEZANI, 2018, p.106.

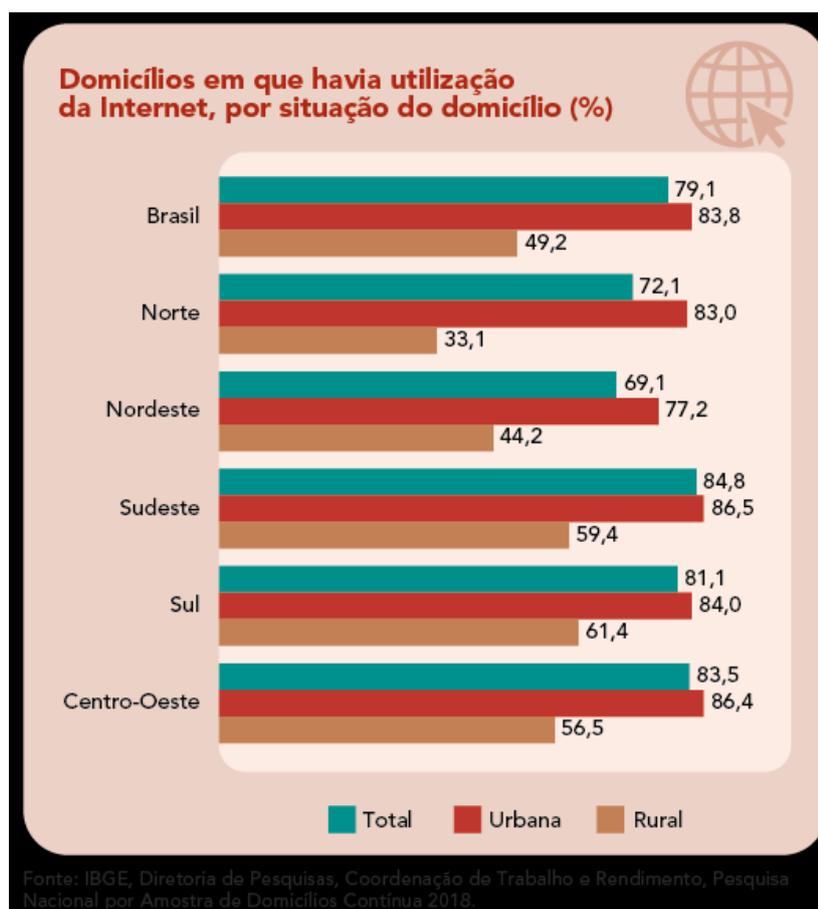


Imagem 02 – Gráfico de domicílios com acesso a internet por região

Fonte: <https://observador.pt/2016/09/13/e-se-a-sala-de-aula-desse-uma-cambalhota/#comment-post-1610293-1370719>

Já outro problema encontrado a princípio fora o acesso à internet e tecnologia dos alunos, que se tornou um impeditivo gigantesco para a aplicação desta metodologia ativa, já que estes ficaram isolados da possibilidade de verem os vídeos e outras fontes na internet fora do ambiente escolar. Para melhor nos aprofundar nesta temática, vamos utilizar dados recentes do IBGE sobre o acesso a tecnologia e internet em todo o país, e com isso, poder observar que tal condição não é exclusiva deste colégio, mas uma problemática nacional.

Notamos no gráfico da imagem 02 que a distribuição da internet é totalmente desigual, enquanto nas regiões urbanas dificilmente chega a uma média abaixo de 70%, na região rural ela mal chega a 60%. Como também, ela difere-se entre as próprias regiões, sendo as suas médias mais altas nas regiões mais ao sul do país, como o Sudeste, Sul e Centro-oeste; já nas regiões mais ao norte como o Nordeste, e Norte, vemos as médias mais baixas, sendo que nas regiões rurais do Norte apenas 33,1% da população tem acesso a internet. Tal gráfico,

contudo, só é compreendido completamente quando observamos a condição de renda média das residências que possuem internet, ou não.

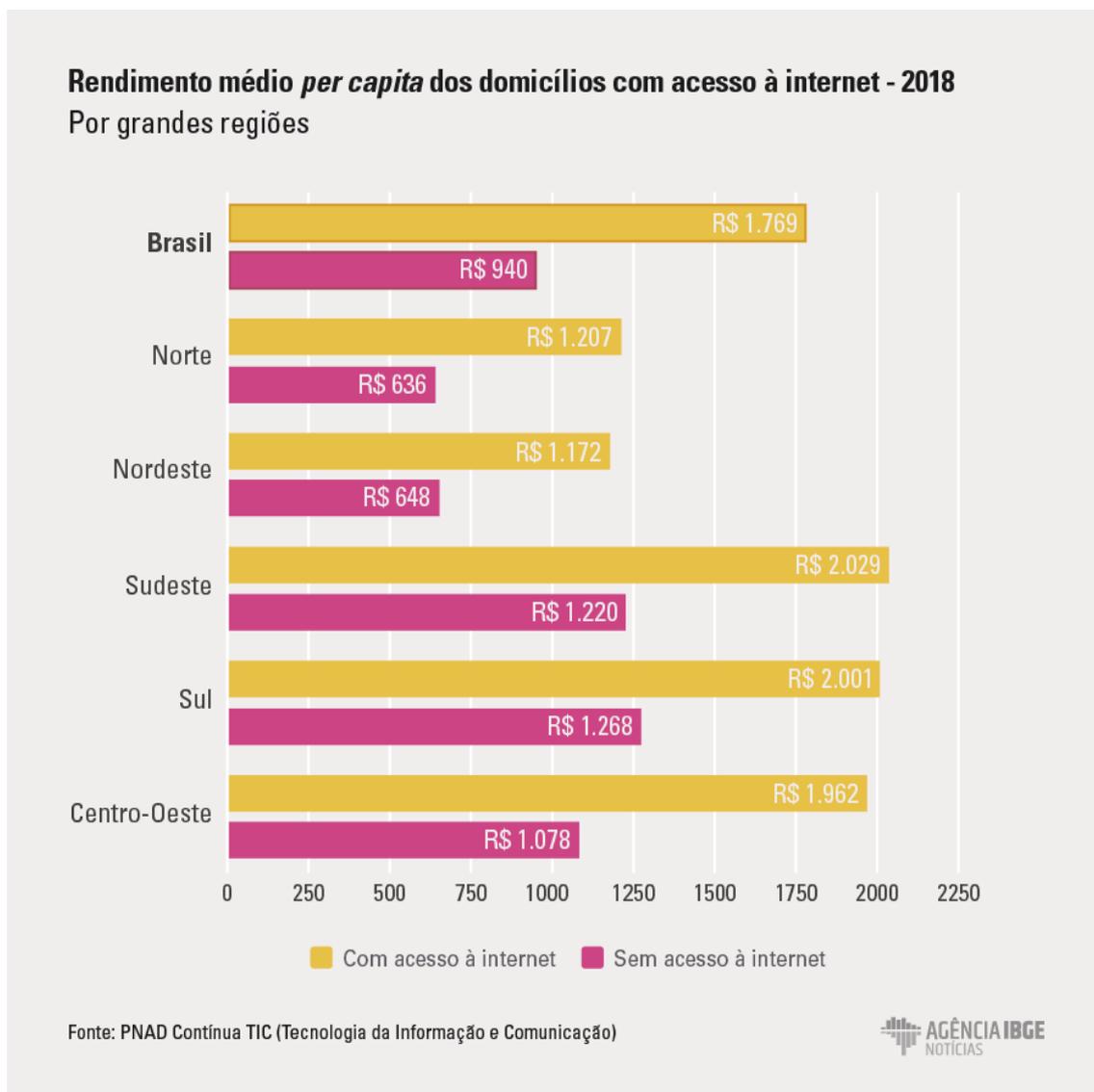


Imagem 03 – Média de rendimento *per capita* dos domicílios com acesso a internet.

Fonte: <https://observador.pt/2016/09/13/e-se-a-sala-de-aula-desse-uma-cambalhota/#comment-post-1610293-1370719>

Compreendemos, portanto, com o gráfico da imagem 03 uma discrepância clara da renda *per capita* daqueles que possuem ou não acesso a internet. Tal diferença em regiões mais ricas, como o Sudeste, chega à proporção de 1,66 vezes maior a renda comparando o que tem acesso a internet, contra o que não tem. No Nordeste, uma das regiões mais pobres *per capita* do gráfico, temos essa proporção aumentada para 1,8 vezes maior.

Deduzimos com estes gráficos do IBGE que o acesso à internet esta longe de ser igual no Brasil, e que em regiões de dificuldade, e baixa renda da população o acesso à internet se torna cada vez mais escasso. Imaginar que uma metodologia ativa que desde sua origem, necessita para sua realização a principio o acesso à internet, e a tecnologia, seja funcional num ambiente tão difícil, como colégios estaduais e municipais em regiões periferias, está alheio a nossa própria realidade nacional. Como vemos no decorrer da aplicação da metodologia ativa por Santos e Tezani foi-se obrigado a fazer diversas concessões, que prejudicaram o resultado final, que mesmo assim fora mais bem sucedido que o método clássico.

Ao mesmo tempo, vemos como as realidades nos colégios brasileiros são extremamente distintas uma das outras, já que ao analisar outro artigo, que aplicou a metodologia ativa Flipped Class em um colégio técnico agrícola, também do interior de São Paulo, vemos uma visão muito mais positiva, e menos problemática de tal aplicação. O trabalho de Albino²⁷ a principio observou-se a necessidade de uma metodologia que se diferencia do ensino tradicional, já que não conseguia satisfazer os aspectos técnicos que se propunha o ensino do colégio em questão, como ele diz:

“Retomando ao processo de otimização do tempo, percebeu-se que se fosse seguida uma técnica convencional de aula, com exposição dialogada e pouca participação do aluno, pouco faria sentido a aplicação dos conteúdos estudados na formação do profissional técnico. Porém, se se invertesse o processo de aprendizagem, disponibilizando previamente o conteúdo das aulas e utilizando o tempo em sala de aula para o debate de ideias, esclarecimento de dúvidas e explicação da relação da interdisciplinaridade na formação deste aluno, o aprendizado seria significativo.”²⁸”

Com isso, para o pesquisador, e tornou claro a necessidade da utilização das metodologias ativas, qual fora escolhida o modelo de sala de aula invertida. O próprio autor propôs nesse modelo a criação de vídeo-aulas próprias, especificas para tal modelo, e para as turmas em especifico. Com isso, para a criação de tais aulas, fora necessário materiais que são muitas vezes distantes da realidade de diversos colégios públicos, e de muitos professores que não muitas vezes condições de adquirir tais produtos:

“O ideal para produção e confecção do vídeo aula, segundo verificou-se com professores já proficientes na utilização de vídeo aulas autorais, é:

²⁷ ALBINO, 2020, p.94

²⁸ ALBINO, 2020, p.96.

- Software screencast – realiza a captura de tela em uma apresentação do PowerPoint;
- Computador ou notebook;
- Mesa digitalizadora – utilizado para anotações em meio digital;
- Microfone;
- Webcam.”²⁹

Nesta pesquisa não apenas os materiais necessários para a criação de aulas para os alunos podem se tornar fatores impeditivos, principalmente para professores que não possuam esta tecnologia, ou o tempo necessário para criar estas aulas, já que, como ele afirma:

“(…) para confecção de seis vídeos aulas com duração média de dois minutos, foi necessário assistir muitos vídeos distribuídos pela internet e entender qual seria o melhor caminho para uma produção autoral que satisfizesse o público alvo. Entre estudos, produção, confecção e editoração, foram quase 20 dias.”³⁰

É um período muito longo de preparação que a media dos professores pode dispor apenas para uma única turma, e apenas em um tema específico. Num contexto em que o profissional, para conseguir pagar suas contas trabalha em turno integral, com diversas turmas e alunos, tal pratica se torna inconcebível. Não vivemos em uma realidade em que o professor possa aplicar toda sua energia e criatividade em uma única turma, são necessários outros métodos ativos que permitam isto.

Outro fator é o acesso à tecnologia, e conseqüentemente a internet. O autor do artigo em questão defende já a possibilidade global de sua aplicação, já que a media de acesso à tecnologia beira os 70%. De fato, quando observamos os dados do IBGE (Imagem 02), comprovamos uma alta media, contudo, não é homogenia esta divisão, nem igualitária. Como Albino afirma:

“A escolha pela metodologia de “Sala de Aula Invertida” no PSD, visou garantir a otimização do tempo de aula e aumentar as possibilidades de aprendizado, levando a sala de aula para qualquer lugar aonde o aluno dispunha de acesso à internet”.³¹

A própria afirmação do pesquisador é um alerta a esta problemática, é impossível aplicar um tipo parecido de metodologia, ou esta em questão, sem que, a quase totalidade da sala de aula possua acesso digno a internet. Quando comparamos tal afirmação de que 70% da

²⁹ALBINO, 2020, p. 99.

³⁰ALBINO, 2020, p. 99.

³¹ALBINO, 2020, p. 103.

população possui acesso à internet, e por isso teríamos sucesso na aplicação da metodologia ativa, rebatemos com dados do próprio IBGE do acesso a tecnologia dos alunos, no caso, o aparelho mais utilizado que é o smartphone. Neste quesito, ressaltou-se o uso de um aparelho exclusivo a uma única pessoa, pois, como fora muito visto durante essa pandemia, famílias mais pobres até que possuíam um smartphone, porém, este geralmente pertencia ao responsável, que emprestava ao jovem durante o período da aula, mas no turno da tarde, ou noturno, era utilizado exclusivamente pelo responsável, impossibilitando o aluno de assistir vídeos, ou qualquer aula criada para se ver fora da sala. Observemos os dados:

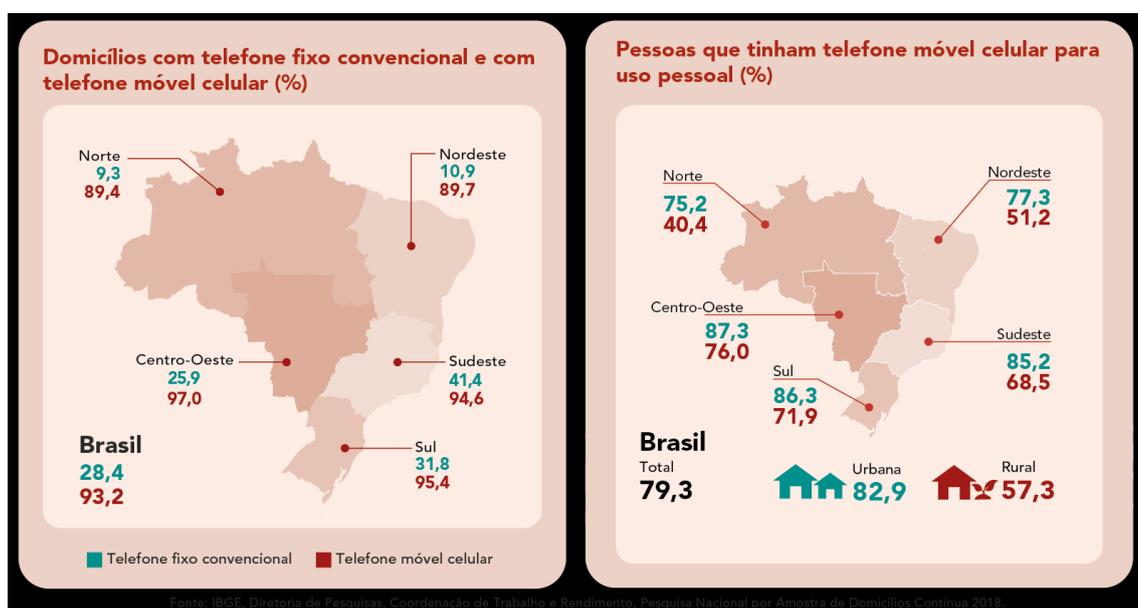


Imagem 03: Gráfico de domicílios com telefone no Brasil

Fonte: <https://observador.pt/2016/09/13/e-se-a-sala-de-aula-desse-uma-cambalhota/#comment-post-1610293-1370719>

Como vemos no gráfico, regiões como Nordeste, ou Norte em sua zona rural chegam a índices preocupantes quando analisamos o uso de telefones moveis, contudo, esse índice é baixo em todo o país. É impossível, portanto, ignorar o fato que a tecnologia é exclusivista no Brasil, e as metodologias ativas voltadas para o seu uso são, quase sempre, exclusivistas.

Tal observação é consternadora, afinal, a cada momento que estudamos mais sobre a real realidade de nosso país, vemos os problemas que o ensino tradicional possui, e as gigantescas dificuldades que as metodologias ativas têm de serem aplicadas no Brasil, principalmente nas regiões mais pobres. Por isso, temos uma grande dificuldade de encontrar trabalhos relatando sua aplicação nos colégios públicos, em relação, por exemplo, as universidades públicas.

Quando problematizamos o método PBL, um dos mais importantes no Brasil, e que muito inspirou a metodologia que este estudo propõe. Vemos inúmeros trabalhos e relatos de sua prática nas universidades, sua realização na área de saúde fora um sucesso comprovado. No trabalho de Roman, Ellwanger e outros³², eles observam que o ensino de saúde já vem aplicando metodologias ativas em sua atividade, como o caso do PBL, que se encontra com seu nome traduzido “Clíco de Discussão de Problemas” (CDP), como afirmam:

“Em 2012, a Universidade de Fortaleza implantou o currículo integrado para oito cursos da saúde (farmácia, educação física, enfermagem, fonoaudiologia, fisioterapia, odontologia, nutrição, terapia ocupacional), tendo o CDP como uma das bases de formação.”³³

Contudo, nas universidades, é totalmente possível se aplicar uma metodologia como a PBL, que pede reuniões constantes em pequenos grupos, para que haja possibilidade de um melhor diálogo entre os alunos, e até mesmo uma observação da prática em si que está sendo estudada. Agora, imaginemos esta mesma situação em um colégio público, em que geralmente possuem em cada turma uma faixa de 45 a 50 alunos. Tal método se torna praticamente impossível.

As salas de aula dos colégios públicos estão lotadas, não por sua gigantesca demanda por todas as parcelas da sociedade, mas pelo seu parco investimento, que não comporta no número atual de instituições à quantidade de alunos que já naturalmente possuem. Além disto, estas salas não estão preparadas estruturalmente a modelos novos de distribuição de carteiras e mesas, quem já tentou criar um círculo de cadeiras em uma turma de cinquenta alunos sabe a extrema dificuldade, pessoas ficando escondidas atrás das outras, o debate se tornando um pandemônio de vozes, a dificuldade de acompanhar falas equidistantes. E, obviamente, não é possível pedir que metade, ou mais, da turma saia, e façam aulas por turnos distintos, num esforço hercúleo para se adaptar a algo que não fora imaginado para aquela situação.

Outro ponto, que se repete na crítica dos sistemas mais populares, é a necessidade que o professor teria de investir do seu tempo em período de trabalho quase integral a pouquíssimas turmas, aspecto que não corresponde com nossa realidade. O que encontramos são professores, que mesmo concursados, tem que complementar a renda trabalhando em colégios particulares, ou até mesmo entre os que trabalham exclusivamente em colégios públicos, estes estão sobrecarregados pela quantidade altíssima de alunos, e todas as outras

³² ROMAN, ELLWANGER, 2017.

³³ ROMAN, ELLWANGER, 2017, p. 354

dificuldades que deixam a profissão extremamente desgastante de forma física e mentalmente. Como cobrar deste professor que utilize o método PBL e consiga em turmas de 50 alunos criar reuniões constantes, e discussões, além de atender para as necessidades e dúvidas de todos os seus alunos.

Observou-se com todo este estudo a necessidade daquilo que o PBL propunha, os fundamentos importantes para a educação, dentre eles, a solução de problemas, a materialização de assuntos, contudo, de uma forma compatível com a realidade do professor de colégio público, que era o que mais sofria na aplicação das metodologias ativas, e nem precisamos falar das aplicações do ensino clássico. A busca por um método é importante, a criação de um sistema, com bases claras, que pudesse ser aplicado não apenas pelo professor que a criou, mas por vários, independente da série, ou da matéria em questão. A falta de um sistema padronizador, universalizante para este ambiente de extrema dificuldade, prejudica os professores, muitos, infelizmente, que não estão preparados metodologicamente para conseguir superar os problemas encontrados, outros relutantes, seja pela dificuldade, falta de tempo ou não saber por onde começar como fazer.

As dificuldades geradas pela ausência de um sistema padronizador são encontradas em outra metodologia ativa, a Gamification. Tal método, bem simples, propõe a criação de um jogo, utilizando a matéria abordada, é sem dúvida o mais conhecido e utilizado. Não se precisou criar uma metodologia ativa propondo-o, afinal, desde sempre os professores criaram jogos, e dinâmicas que envolviam toda a turma, e estes, possuem excelente resultado, contudo, nós nunca observamos um desses jogos ou dinâmicas tornar-se popular, se tornar sinônimo de alguma matéria, não vemos numa roda de conselhos para professores de história, alguém falar tão assertivamente, “para alta idade média usem este jogo, ou aquele”.

A falta de padronização causa que os jogos utilizados se tornem extremamente individualistas em suas próprias realidades. Um jogo criado para um professor, em determinado colégio, em certa turma, em certa matéria, apenas consegue se repetir diante das mesmas características. Até mesmo quando encaramos gincanas escolares, que muitas vezes se inspiram num tema único, uma data comemorativa, uma situação relevante, não vemos outros colégios copiando estas dinâmicas. Esta falta de troca entre instituições prejudica o próprio método, que de fato vem buscando se melhorar neste ponto.

Vemos surgindo práticas generalizantes no Gamification, muito voltadas à robótica, e aos Toolkits, a empresa Lego, por exemplo, dispõe de materiais próprios para tal método. Mas

paremos um segundo para refletir, nas últimas duas metodologias ativas abordadas, e, sua constante era a falta de recursos em colégios que possuíam problemas na sua estrutura básica. Poderíamos realmente acreditar que Toolkits provenientes de uma realidade burguesa conseguem ser usados na realidade dos colégios públicos? De onde viria o investimento para tal? E se, por um acaso, um colégio ou outro conseguisse, isto, nem de longe, resolveria o problema geral nacional.

A realidade que encontramos são professores estafados com a quantidade de trabalho impostas sobre eles, e suas dificuldades. Que, ao tentarem criar uma dinâmica nova, gastam um período longo na sua formulação, e que muitas vezes não consegue tê-lo aplicado em outras turmas, ou em outros colégios que ele trabalha. Isto se pensando num professor que conhece pelo menos o básico das metodologias ativas, e pensa em aplica-las. Ao professor que não tem tal conhecimento, e está preso no método clássico de ensino, sente-se incapaz, e desmotivado, por não conseguir cumprir um bom papel em sua profissão, não haveria o incentivo necessário. Não adianta afirmar que a solução está nas metodologias ativas, que tem de fato sucesso claro nas faculdades, e colégios particulares, se os modelos atuais não irão funcionar no ensino público das escolas, as realidades são concomitantes. Por toda esta constatação ficou claro que não era preciso apenas modificar uma metodologia já existente, mas criar uma totalmente nova, voltada para a solução destes problemas desde sua origem.

Não fora, portanto, apenas a criação de uma metodologia ativa por se fazer, ou para se destacar ante as outras por motivos escusos. A metodologia ativa LTD fora criada sobre a base de solucionar todos esses problemas que foram relatados, sobre a constatação das dificuldades na própria prática da metodologia, e não apenas no seu campo teórico. Era necessário, de forma urgente, criar um método que auxiliasse os professores que se encontravam sem tempo para ficar dias planejando aulas, sendo que nem teriam seu máximo resultado, ou ao mesmo tempo, criando jogos e dinâmicas, que apenas poderiam ser usados naquele momento específico. O método em questão surge com um auxílio.

O que pudemos concluir fora que não é um ponto novo a criação de uma nova metodologia ativa de ensino, todavia, não é, por isso, uma questão extremamente conhecida, pelo contrário. As metodologias ativas no ensino brasileiro ainda têm um longo percurso pela frente, e no caminho que levam tomam um destino assustador. Vemos que as mudanças estruturais já estão acontecendo, como a reforma do ensino médio, contudo, as metodologias ativas estão ainda engatinhando, e como conseguimos observar, com inúmeras dificuldades

estruturais, principalmente nos colégios públicos. As reformas e mudanças não vão diminuir o ritmo, professores relutantes pela mudança serão os primeiros a serem afetados, vivemos numa época em que a estabilidade do servidor público é colocada sob questão, e a própria estabilidade da profissão professor é colocada em dúvida, sem a mudança, os professores mais resistentes não terão espaço no novo mercado de trabalho. E para aqueles que buscam a mudança, a adaptar-se aos novos métodos, vemos dificuldades, por que estão usando metodologias que não foram criadas para seu ambiente, e isso os atrasa, os fazem duvidar se realmente é o caminho correto.

Existe, de fato, uma necessidade latente de uma nova metodologia ativa, que busque salvar tanto a educação pública, que anda em péssimo estado há anos, o que gerou tantos debates sobre sua função. Como a profissão do professor, que sofre risco constante diante este novo ambiente, muito mais agressivo e mutável que o clássico. O método LTD fora pensado para todos, mais, profundamente, ao ensino de história, e nisto, o ensino público de história nos colégios, focado nos alunos mais carentes, que são esquecidos quando tratamos de metodologias ativas.

2. A METODOLOGIA ATIVA LEARNING, THINK AND DO YOURSELF (LTD)

2.1 – O PENSAMENTO BASE PARA SUA ESCRITA

Uma metodologia que vem ganhando folego, tendo como principal pensadora a professora da Universidade de Virginia, Saras D. Sarasvathy, em seu livro, ainda sem tradução em português, *EFFECTUATION: ELEMENTS OF ENTREPRENEURIAL EXPERTISE* propõe uma nova visão no ato de criar um método, ou de pensar a educação. Obviamente, como todos os pensamentos das metodologias ativas veio do empreendedorismo, prega uma mentalidade simples, contudo, inovadora.

Vimos que, nas metodologias ativas anteriormente pesquisadas, a necessidade constante de mudanças, e investimentos, seja a compra de um material para um jogo, ou de tecnologia, até mesmo da criação de uma sala própria para uma metodologia específica é constante. Sarasvathy desloca-se para outro lado do pensamento, e eleva a pergunta, e se fosse possível realizar algo disruptivos com aquilo que já se tem, sem a necessidade de se comprar nada de novo, caso houvesse um ambiente já favorável, com tecnologia, salas próprias, seria incrível para o projeto, contudo, caso não houvesse nada disso, dever-se-ia pensar em forma de fazer com o que já tem em mãos.

Esse método se demonstrou perfeito em *StartUp*, empresas pequenas, com pouco capital de giro para investimentos, contudo, com necessidade de treinar seus funcionários nas dinâmicas das metodologias ativas. Com isso, com o método *Effectuation* eles conseguiam desenvolver as capacidades cognitivas, e em grupo se unificarem, e conseguirem resolver seus problemas e dificuldades com maior facilidade. Observando este ponto, vemos semelhanças profundas às questões que ressaltamos anteriormente, este método compreende as distintas realidades que cabem em nosso mundo, e embora não dite um modelo específico como os outros, da um ideal teórico a se seguir, fazer acontecer com aquilo que já se possui, e ser tão bom quanto aqueles que possuem condições de investir.

Portanto, quando se iniciou a escrita da metodologia ativa LTD, pensou-se a priori no método *Effectuation*, que se tornou a base do pensamento final. Toda essa idealização se uniu ao conhecimento adquirido sobre os outros métodos ativos de ensino, que foram observados, e compreendidos como funcionavam na prática. Por isto, a metodologia ativa LTD não apenas se baseia na contradição dos erros dos métodos estudados, mas no apoio de pensamentos

corretos, que conseguiram se relacionar com a realidade brasileira. Mesmo sobre esta questão, embora o método *Effectuation* concordar com a solução do problema imposto, não era ele totalmente complementar a realidade brasileira, ou seja, ainda era necessário desenvolver um modelo nacional.

2.2 – OS CICLOS LTD

Antes de definir em detalhes o que cada processo da sigla significa, e quais são os processos metodológicos dela, é fundamental compreender sobre qual processo a dinâmica da metodologia ativa se baseia. Ou seja, sistema geral permite a aplicação do método, e com isso também, em seu pensamento em longo prazo, sua constante aplicação, e uma ação de continuidade.

A metodologia ativa LTD é aplicada em um conjunto de aulas que formam um período de repetição, em que a metodologia ativa repete sua fórmula, criando processos mais curtos, ou longos, chamamos isso de Ciclos LTD. Ao todo podemos configurar três ciclos, que definem todo o funcionamento do projeto, curtos, médios e longos, cada qual tendo um objetivo específico, e que, em conjunto, complementam-se e conseguem tirar o máximo do potencial da metodologia.

Compreendendo que cada ciclo define um conjunto de aulas, um Ciclo LTD curto, por exemplo, é um conjunto de poucas aulas, geralmente duas ou três, em que os três passos do método são aplicados, contudo, sempre sobre a dinâmica de um planejamento maior. Com isso, todos os temas abordados neste ciclo, são retomados de alguma forma no próximo, num aspecto de continuidade, variando com isso, as habilidades que deseja se focar. Numa aula, aplica-se um Ciclo LTD curto, de duas aulas, falando sobre a crise financeira de 1929, aplicando uma atividade que desenvolva a habilidade “trabalho em equipe”, em seguida, no próximo ciclo curto o professor trabalha o assunto efeitos da crise financeira de 1929, realiza uma atividade que desenvolve agora a habilidade “raciocínio lógico e rápido”, e assim se segue.

Notamos no exemplo que os ciclos curtos vão seguindo um caminho lógico de raciocínio, dando um sentido de continuidade no ensino de história, e com isso, facilitando sua absolvição pelo aluno. É muito mais fácil, de maneira lógica, que o aluno aprenda primeiro assuntos covalentes, que ir variando entre assuntos dispares, o que acaba apresentado

ser deveras comum. Ao mesmo tempo em que o aluno está estudando período Vargas, nos assuntos que abordam a historia mundial eles já estão na guerra fria, há um total descompasso neste processo. O que se pretende com os ciclos é permitir que o aluno, que vem enxergando a historia como um conjunto de fatos presos no tempo, sem conexão com outras épocas e acontecimentos, principalmente com o tempo presente, consiga ressignificar tal sentido, e dar a real notabilidade que a historia possui sobre nossas vidas.

Com isso, os ciclos menores, dão complemento aos médios, que finalizam em ciclos de longa duração. Como veremos, todo esse funcionamento é apoiado por meio de ações claras, e análise critica. Os ciclos são o ponto fundamental para se alcançar os objetivos propostos pela metodologia ativa LTD.

2.3.1 - O PRIMEIRO PASSO: LEARNING

O projeto, como sua sigla prevê, será dividido em três fases complementares, que buscará em cada parte, ativar características que segundo varias reportagens sobre o mercado de trabalho atual, como o fórum econômico mundial³⁴ estão em extrema alta. Como o pensamento critico e inovação; criatividade, originalidade e iniciativa; a habilidade de conseguir resolver problemas complexos, entre outros³⁵. Todos seus passos foram pensados em resolver cada um dos pontos mais pedidos de um funcionário no novo mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que segue a estrutura de aprendizagem de William Glasser. Tal projeto fora pensado de forma em que sua estrutura seja possível de ser realizada em uma aula de História, por isto, seus exemplos seguirão esta ótica, mas que, nem por obstante, não o torna impossível sua realização em outras matérias.

Para a melhor compreensão, portanto, é necessário justificar ponto a ponto do método, compreender-se sua composição e seus objetivos. Como poderemos notar, cada passo é complementar a outro, e funcionam de forma fluida. O sistema funciona como um sistema básico de engrenagens, em que engrenagem de curto aro agem como força motriz para maiores, e assim por diante, formando um sistema geral. Por isso, quando observamos o passo-a-passo vemos que fatores da primeira fase estão presentes de sua forma na segunda,

³⁴Disponível em: <https://sejatraineec.com.br/competencias-o-que-as-empresas-vaobuscar-em-um-traineec-ate-2025/> Acesso em: 12/09/2021.

³⁵ Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/the-future-of-jobs-report-2020/in-full/infographics-e4e69e4de7> Acesso em: 12/09/2021.

como a segunda fase esta presente de sua forma na terceira, e segue-se esse ciclo de possibilidades. Todo esse sistema de engrenagens curtas a grandes formam um sistema circular, no qual denominamos Ciclos, no caso, Ciclos LTD. Após compreender o funcionamento dos menores divisores do sistema será possível compreender os ciclos, contudo, basta a *priori* compreender, que nem todo ciclo corresponde à junção das três fases, mas, como pode ocorrer, em pequenos períodos, como pouquíssimas aulas, apenas a primeira fase, e a segunda serem realizadas, a finalidade de num futuro próximo, preparar o aluno a um ciclo completo. Dito isso, vamos compreender os pormenores de cada passo.

O primeiro passo seria o *Look*, do português “Olhar”, podendo também ser lido como “Observar”. A palavra “Observar” neste primeiro ponto está sendo empregada tanto para o professor, quanto para o aluno, já que, os dois terão papel fundamental nesta composição. Para o aluno é cobrado que, diante a um problema, ou um sistema, conseguir analisar, avaliar e interpretar o que está sendo visto. O primeiro passo deste sistema tem como característica sua aparência ao ensino clássico, já que ele é ministrado de forma ordinária, com a turma em fileiras, sem buscar nenhuma dinâmica de grupo em si. O que muda em fundamento neste primeiro ponto é a visão sobre a aula, em que ponto do ensinamento a mão do professor pesa. Com todo o projeto metodológico em mãos o professor consegue compreender que pontos ele vai se aprofundar ou não.

Para o professor o *Look* é o momento de observar sua turma, e conseguir observar quais são as condições em que se encontram, quais são as dificuldades que o aluno apresenta, e quais são suas facilidades. De fato, como é possível constatar, tal movimento é complexo, principalmente para professores com diversas turmas, por isso, o próprio sistema apresenta bases para conseguir definir qual ação deve ser feita diante cada situação. Como veremos na apresentação dos ciclos aliada aos passos da metodologia, se o professor está conhecendo a turma pela primeira vez a ação de *Look* é de uma forma, contudo, se é a sua segunda aplicação ou enfim, a aplicação do método, a ação de *Look*, é completamente distinta. De forma genérica, o professor na primeira parte do processo toma nota de duas coisas, primeiramente, da sala de aula – Conjunto completo dos alunos, capacidades e problemas da instituição, se o colégio possui salas especiais, como auditório, sala de informática, laboratório, biblioteca, e se estes estão funcionando. Como dos alunos de forma individual, notas anteriores, se existe algum problema na diretoria, se é considerado um aluno “modelo” ou “problema”, e como ele está na sala de aula, se tem conhecimento, capacidades, correspondentes ao ano letivo que se encontra. Este é o ponto mais importante para o

funcionamento de toda metodologia, com ele o professor consegue de forma simples ter todos seus passos documentados, e planejar sua aula, e formas de praticas ativas sem o risco de duvidar da sua eficiência.

A finalização dessa observação do professor, como observada, gera-se a criação de duas listas, a primeira: **A observação geral dos sistemas estruturais do ensino**. A segunda: **A observação cíclica das capacidades do aluno**. A primeira das duas listas condiz com a realidade apresentada no colégio, esta, como podemos perceber observando varias realidades no ensino publico brasileiro, e até mesmo geral, tendem a permanecer inalteradas por um período médio ou longo de tempo, mesmo em um colégio particular demora meses para construir uma sala especial, ou reformar alguma que já possui; um colégio publico já tende a demorar períodos gigantescos, colégios estes, muitas vezes presos por alguma gestão duvidosa, pouco capaz. A primeira lista, então, torna-se um guia em longo prazo das escolhas do professor, por um longo período a situação que se encontra será aquela anotada pelo mesmo, portanto, todos os processos metodológicos de ensino devem ser criados pensados nas dificuldades que ela apresenta, na realidade que ali está contida. Já, a segunda lista, como seu nome diz, é cíclica, nela o professor coloca a situação individual de cada um de seus alunos, de forma padronizada define quais estão atrasados na aprendizagem, quais são os alunos mais ativos em sala de aula, quais possuem problemas já relatados pela diretoria. Com isto, faz uma comparação das médias anteriores que os alunos tiveram antes do método LTD, e até mesmo depois, durante um novo ciclo, com isso se coloca a **média esperada em desenvolvimento**. Todavia, para esta questão é necessário um melhor aprofundamento.

No sistema clássico de ensino, numa prova subjetiva, por exemplo, permite o professor uma maior interpretação pessoal, um aluno que possui dificuldades de escrita, e na realidade do ensino publico este é um problema assustadoramente comum, esforça-se profundamente para responder a questão; este aluno estudou dias a fio o assunto, tentou debater com seus colegas, compreendeu de fato o tema, contudo, possui no determinado período da prova possui apenas uma dificuldade estrutural em responder, diferindo-se da incapacidade por inação ao estudo. Sem saber escrever pela forma normativa padrão, o aluno se torna incapaz de responder com exatidão aquilo que fora perguntado, respondendo sem seguir regras básicas de formulação, e estruturação. No ensino tradicional a nota para este aluno será algo próximo ao zero, ignorando todo o esforço daquele aluno, e também todo seu possível desenvolvimento. Não que o professor não observe isto, contudo, diante do numero gigantesco de alunos que cada professor possui em sua grade de ensino, esperar que ele se

lembre de cabeça, sem anotações metódicas sobre cada um, se este ou aquele tivera um desenvolvimento gigantesco durante o curto período entre provas, e mesmo sem ainda apresentar isto na sua resposta, se vê algo valoroso, é ilusório. Com isso, o aluno, diante todo seu esforço desvalorizado, mal recompensado, desmotiva-se, e reduz o próprio esforço, acabando por se definindo por uma nota que pouco o estudou como individuo.

A média esperada aplicada na Lista da observação cíclica dos alunos é uma media ponderada de diversos fatores, que permitem o professor, diante de inúmeros alunos, compreender o valor e esforço individual de cada um, na sua forma subjetiva, e valorar de forma justa seu desenvolvimento. Esta média é composta inicialmente com própria média anterior do aluno, e isso é extremamente importante, é o dado inicial que todo professor possui, se é apenas uma repetição de Ciclo LTD, o processo torna-se mais fácil, caso não seja, é a media do ensino pelo modelo clássico, fator também importante já que a metodologia em questão pretende preparar o aluno de forma que ele consiga ter êxito até mesmo no ensino clássico, permitindo que essa nota se encaixe no valor da media ponderada. Em seguida o professor seguira sobre um pensamento logico, necessário para essa questão, nenhum aluno sai do zero ao dez em poucas aulas, se o aluno inicia o ciclo com dificuldades gigantescas no ensino, muitas vezes sofrendo de analfabetismo funcional, é ilusório o professor esperar que em um único ciclo LTD, ou seja, um conjunto de poucas aulas, ele consiga solucionar todos os problemas deste aluno, ou esperar que no fim tenha a média próxima ao dez. É possível compreende a **média esperada** como um sistema simples, a observação de onde o aluno está, sendo considerado todo o atraso atrasado gerado por todas as suas dificuldades, anotadas pelo professor, e aonde espera-se que ele chegue. E, mesmo assim, esta pontuação não é a media final do aluno, é aquilo que se espera que pode chegar, o objetivo do professor como educador.

Imaginemos, para o exemplo deste primeiro passo, uma turma de quantidade irreal, apenas para exemplo, de primeiro ano do ensino médio, com os correspondentes alunos João e Maria. Obviamente, turmas reais possuem um quantitativo muito maior de alunos, contudo, para apresentar os fundamentos básicos nos conteremos a este numero reduzido de alunos. O professor em questão recentemente fora aprovado num concurso publico, e irá ministrar suas aulas num colégio municipal do interior de seu estado, em uma região isolada, e de baixa renda. Após as primeiras três, quatro aulas, e se informando no colégio sobre os alunos, e a situação da estrutura escolar, ele sente-se preparado para formular as duas listas que estruturaram a aplicação do método LTD. Vejamos:

| Lista da observação geral dos sistemas estruturais do ensino | |
|---|--|
| Estrutura Básica (Sala de aula) | <p>O colégio ----- encontrado no interior do estado de ---- possui 12 salas de aula, cada uma de tamanho razoável, que conseguem ao todo comportar --- alunos;</p> <p>As salas não possuem sistema de refrigeração, ventiladores, ou ar-condicionado, e faz muito calor. O teto possui buracos, que já foram reclamados para a secretaria de educação a meses e nada fora feito. Todas as turmas possuem quadro negro, e giz. Sem acesso a Datashow nas turmas.</p> |
| Estruturas especiais (Bibliotecas, Cinematecas, Ginásio etc.) | <p>O colégio em questão possui uma quadra de esportes que é apenas utilizada no período da tarde, todas as aulas nas salas de aula comum são feitas no turno matutino;</p> <p>Possui uma biblioteca fechada há anos pela falta de uma bibliotecária, já fora feito o pedido a secretaria de educação e nada fora feito;</p> <p>Não existe sala de informática, e nem serviços como Datashow, ou Televisões. Além disso, devido à região ser longe dos grandes centros urbanos o acesso à internet é reduzido, apenas disponíveis planos de dados por operadoras tele móveis.</p> |
| Quadro técnico e Dificuldades extraescolares | <p>Temos na estrutura do colégio um quadro técnico qualificado e responsável. A diretora se demonstra ativa, e preocupada com as necessidades dos alunos, como vemos também um movimento para participações entre matérias, como gincanas e feiras culturais;</p> <p>Contudo, notamos um descaso da secretaria da educação nesta área, e instituição. Fora ignorado inúmeros pedidos de melhorias na estrutura que se encontra precária, há risco da diminuição de investimentos na estrutura e região.</p> |

Na primeira lista o professor de nosso exemplo planejou todo o ambiente em que ele irá apresentar suas aulas e contatou todos os problemas estruturais que encontrou, e que podem demorar meses até serem resolvidos. Com esses dados em mãos ele irá começar a responder um questionário, que, definirá os rumos a se seguir. Tal parte serve para o

profissional conseguir, por próprio pensamento, e constatação, definir qual metodologia de ensino deve seguir, ante suas dificuldades, embora o método LTD tenha sido construído e pensado para funcionar exatamente na situação proposta no exemplo, é da escola do profissional, que está presente no ambiente, e compreende melhor que todos sua situação, decidir por qual modelo ele irá escolher. Vejamos:

- Diante do ambiente encontrado, e elucidado na lista, a metodologia clássica de ensino é suficiente para sala de aula, ou é necessária uma metodologia ativa? (Caso a resposta seja a necessidade de metodologias ativas, avança-se para o próximo ponto)
- Quais são as metodologias ativas, diante o ambiente apresentado, são possíveis de serem realizadas, em seu aspecto máximo, sem a necessidade de adaptações drásticas?
- O método LTD, diante dos outros conhecidos, que podem ser aplicados em sua forma máxima no ambiente encontrado, é o melhor diante dos problemas apresentados?

Caso o professor, por meio dessa simples comparação mental, compreenda que o método LTD seja o melhor em sua situação a ser aplicado, já é possível se estruturar a segunda lista, esta mais complexa, e que demandaria do professor um maior esforço.

A segunda lista é um guia para a realização de um ciclo, por isso, a cada ciclo ela é modificada, adicionando dados novos e corrigindo os anteriores. Por isto, dada a sua complexidade ser adquirida com o tempo, nos primeiros ciclos ela se apresentará ainda incompleta, contudo, ainda possuindo uma funcionalidade clara. Ela se sustenta sobre vários pontos variáveis, que tentam identificar as dificuldades individuais do aluno, e também, observar as características positivas, se um aluno tem dificuldade na escrita, ao mesmo tempo ele pode ser extremamente talentoso em falar em público e apresentar trabalhos, ou possuir dons artísticos consideráveis etc. Tal relatividade de pontos é então colocada em uma tabela, que analisa as notas anteriores deste aluno, julga com suas dificuldades, e propõe uma média esperada, ou seja, até onde o professor espera chegar com o resultado de um ciclo. Ao mesmo tempo, esta lista é utilizada para definir a nota final, como veremos no terceiro passo da LTD, já que permite avaliar não apenas o produto em si, mas o desenvolvimento individual.

O professor, e principalmente o professor novato, que ainda não conhece o básico da turma, para completar esta lista, busca se informar com outros professores, com a secretaria do colégio sobre os alunos, se há algum fator relevante a ser destacado, algum aluno com dificuldades familiares, ou que é conhecido por ir diversas vezes à diretoria. Tais fatores são anotados, e são avaliados se possuem relação com as notas finais já apresentadas. Além disso,

o professor com a observação própria vai aos poucos identificando as qualidades e dificuldades dos alunos, por isto, como já dito, a lista a principio inicia-se incompleta. Todavia, com o passar dos ciclos o professor consegue aos poucos completar os pontos faltantes, e conseguindo deste modo, conduzir de forma mais clara e precisa suas atividades.

Seguindo nosso exemplo irreal, da turma de primeiro ano com apenas dois alunos, vejamos como ficariam suas listas completas, isto tendo em mente que é a primeira vez o professor esta aplicando a metodologia ativa LTD, e não conhece plenamente seus alunos. Com isto, podemos nos aprofundar ponto a ponto de cada tópico desta lista.

| Lista da observação cíclica das capacidades do aluno – João; Primeiro ano; Ensino Médio (Ciclo um) | |
|---|--|
| Situação educacional comparativa ao ano pertencente | Cursando o atual primeiro ano do ensino médio o aluno apresenta defasagem em relação ao conhecimento esperado para tal posição. O aluno possui ainda dificuldades na formulação de frases e ideias, como na concordância gramatical. Além disto, o aluno desconhece muitos dos assuntos do primeiro ano, que já deveriam ter sido apresentados em forma básica no sexto ano do ensino fundamental. |
| Relatório da existência de problemas extraclasse | Devido a região em torno do colégio ser uma área perigosa, de constante violência e pobreza, fora afirmado pela secretaria do colégio que João tem que trabalhar todas as tardes numa vendinha, para ajudar no sustento de sua família. Muitas vezes faltando às aulas para ir trabalhar em bicos, como obras. |
| Relatório de problemas em classe | Novamente, seguindo informações passadas pela diretoria, o aluno João é considerado um aluno problemático pela instituição. Raramente faz as atividades, costuma se sentar no fundo da sala, fazendo algazarra, e constantemente é expulso para a diretoria. Além disso, apresenta faltas constantes. |
| Habilidades em dificuldade | O aluno possui dificuldade na escrita e leitura, principalmente entre esses dois na interpretação de texto, podendo ser considerado um analfabeto funcional. Pouco focado em assuntos escolares e na aula. Facilmente perde o |

| | |
|------------------------------------|--|
| | <p>foco nas aulas.</p> <p>Indisciplinado, raramente obedece a ordens, e também, raramente realiza as atividades que são pedidas, principalmente as para serem realizadas em casa.</p> |
| Habilidades em posição exponencial | <p>O aluno é extremamente comunicativo, fazendo piadas em sala de aula.</p> <p>Quando em ambiente favorável apresenta papel de liderança, e confiança.</p> <p>Extremamente criativo, e artístico, sendo conhecido na turma por desenhar nas carteiras desenhos imaginativos.</p> |
| Média anterior | No último boletim trimestral sua media fora 05.00 |
| Média esperada em desenvolvimento | Devido à nova forma de avaliação, e as grandes dificuldades encontradas, espera-se que a média do ciclo – Trimestre - seja 06.00 |

Vejamos a segunda lista, agora da aluna Maria:

| Lista da observação cíclica das capacidades do aluno – Maria; Primeiro ano; Ensino Médio (Ciclo um) | |
|--|--|
| Situação educacional comparativa ao ano pertencente | <p>Cursando o atual primeiro ano do ensino médio a aluna apresenta defasagem em relação ao conhecimento esperado para tal posição.</p> <p>A aluna possui ainda dificuldades na formulação de frases e ideias, como na concordância gramatical.</p> |
| Relatório da existência de problemas extraclasse | <p>Segundo a diretoria, e responsáveis de Maria, ela mora em uma região muito distante ao colégio, com isso costuma se atrasar frequentemente as aulas, e faltar a algumas.</p> |
| Relatório de problemas em classe | <p>Maria é uma aluna extremamente introspectiva, não pergunta quando possui duvidas, e não costuma participar, ou se destacar em trabalhos em grupo.</p> <p>Frequentemente não realiza as atividades, e não presta atenção na</p> |

| | |
|------------------------------------|---|
| | sala de aula. |
| Habilidades em dificuldade | A aluna possui dificuldade na escrita e leitura, principalmente entre esses dois na interpretação de texto, podendo ser considerada uma analfabeta funcional. Pouco focada em assuntos escolares e na aula. Facilmente perde o foco, e se distrai. Extremamente tímida, com isto, pouco participa em grupo, e nunca toma um papel de liderança. |
| Habilidades em posição exponencial | Quando chamada atenção mantém o foco na aula, e comumente faz anotações. Quando pedido em sala realiza atividades de forma competente e disciplinada |
| Media anterior | No último boletim trimestral sua media fora 06.00 |
| Média esperada em desenvolvimento | Devido à nova forma de avaliação, e as grandes dificuldades encontradas, espera-se que a média do ciclo – Trimestre - seja 07.00 |

Vemos a complexidade da segunda lista ao observar os exemplos, portanto, obviamente, numa turma de quarenta, cinquenta alunos, é impensável que o professor consiga na primeira vez aplicada resolver todos os tópicos de todos os alunos. Contudo, é possível notar fatores básicos, como as dificuldades e facilidades em certas habilidades. No nosso exemplo preenchemos todos os pontos, que compreendem uma relação de dados capazes de formular projetos de aulas e atividades. Como também notamos que muitos dos problemas repetem-se, obviamente, já que as dificuldades socioeconômicas dos alunos pouco se diferem numa mesma instituição de ensino. Portanto, nestes pontos generalizantes conseguimos criar uma lista nos mesmos moldes da segunda, criando um conceito geral para toda a turma.

A formulação de uma lista aos moldes da Observação Cíclica das Capacidades do Aluno receberia o título de **Observação Cíclica das Capacidades da Turma**, e tanto daria apoio como concertaria muitas falhas que o sistema poderia gerar em turmas grandes. Em grandes turmas, embora sempre ajam fatores únicos em cada aluno, os problemas em sua maioria se repetem, afinal, são alunos que geralmente estudam no mesmo colégio há anos, sob

uma mesma metodologia, que vivem em regiões próximas, que apresentam problemas socioeconômicos muito semelhantes. Embora, ao fazer as listas individuais, o professor note que cada aluno é único, possui um conjunto de vantagens e desvantagens no campo da educação único, estas tendem a se repetir entre a turma, em sua própria ordem, e própria maneira, então, sem conseguir reunir de maneira lógica estas semelhanças, e separar as diferenças, para um atendimento individual e específico nestes pontos fora da curva, torna-se impossível o ensino metodológico ativo no tamanho de turmas que naturalmente temos. As salas de aula, principalmente dos colégios públicos, estão lotadas, e se o método não compreende tanto o individual quanto o coletivo, este se perde em sua abordagem, é o problema que encontramos no método ativo PBL, por isso, a segunda lista, contudo, feita observando o grupo, nos protege deste erro.

Ao mesmo tempo, uma lista para a turma, reunindo todos os principais problemas a serem resolvidos, é uma porta de facilitação para a aplicação do método tanto para professores novatos, que não tem experiência com a turma, e não conhecem características próprias e dificuldades únicas de determinados alunos, como até mesmo, de alunos estagiários, que não possuem tempo no curto período de estágio de listar todos os alunos, e durante as aulas descobrir seus problemas, como também, esperar próximos ciclos de aplicação para aprimorar a aplicação da metodologia ativa. A lista de número dois, feita de forma generalizante para a turma, é um complemento fundamental para as listas individuais, já que permite focar-nos nos mais comuns problemas, e diante desta prática, o professor ir observando a situação individual dos alunos, e seus problemas únicos, que não são cobertos pela forma generalizante. Ao mesmo tempo em que ele apresenta atividades e aulas para toda a turma, ele tem em mãos dados que o permitem criar complementos individuais para os alunos, sejam atividades extras, ou fontes e vídeos complementares.

Diante este processo, vejamos como seria no mesmo exemplo, uma lista generalizante da turma:

| Lista da Observação Cíclica das Capacidades da Turma – Primeiro ano; Ensino Médio (Ciclo um) | |
|---|--|
| Situação educacional comparativa ao | A turma primeiro ano do ensino médio apresenta em sua maioria dos alunos defasagem em relação ao conhecimento esperado para tal posição. |

| | |
|--|---|
| ano pertencente | <p>Em sua grande parte, possuem dificuldade na escrita, e leitura, sendo o ponto principal de problema a interpretação de texto entre os alunos.</p> <p>Muitos também desconhecem, ou não se lembram dos assuntos semelhantes, apresentados no sexto ano do ensino fundamental, o que dificulta o aprofundamento dos temas agora no ensino médio.</p> |
| Relatório da existência de problemas extraclasse | <p>O colégio está numa região de baixa renda, com isso, constatamos que inúmeros alunos possuem problemas relacionados a dificuldades financeiras. Muitos atrasam por morarem em regiões afastadas do colégio, como também, muitos não respondem as atividades para casa por que estão trabalhando à tarde para ajudar na renda familiar.</p> |
| Relatório de problemas em classe | <p>Os alunos são, em sua maioria, dispersos, até mesmo os que costumam sentar nas cadeiras mais para frente.</p> <p>Os alunos muitas vezes não compreendem os assuntos ministrados na forma em que é aplicado atualmente (Ensino Tradicional), e resistem em fazer perguntas quando possuem duvidas.</p> |
| Habilidades em dificuldade | <p>Vemos que a turma em grande parcela possui problemas com disciplina, e em trabalhar em equipe.</p> <p>Uma boa parcela dos alunos possui dificuldade em trabalhar com problemas, principalmente sobre pressão, não conseguindo dialogar fatos do dia-a-dia com os assuntos ministrados.</p> |
| Habilidades em posição exponencial | <p>São extremamente criativos, e parecem se unir em situações lúdicas, como em jogos.</p> |
| Media anterior | <p>A média geral da turma beira a nota 05.00, media para aprovação utilizada no colégio.</p> |
| Média esperada em desenvolvimento | <p>Utilizando um novo sistema espera-se aumentar a nota geral, possivelmente em um ou dois pontos.</p> |

A lista em si não difere em muito da realidade que muito encontramos nos colégios públicos em geral. Em sua maioria turmas desinteressadas pelo ensino clássico, e conseqüentemente alunos com dificuldades em varias habilidades fundamentais, e que são cobradas no mercado de trabalho. Tal fator condiz com a média da turma, que muitas vezes beira a nota mínima de aprovação, já que, em muitas instituições publicas o professor é proibido de reprovar os alunos, estes que são passados automaticamente, mesmo não tendo conseguido adquirir o conhecimento necessário.

O papel mais importante deste primeiro momento é orientar o professor sobre o caminho que ele deve seguir, pois, embora sempre haja um planejamento em longo prazo do que se almeja realizar ao logo de vários ciclos, até mesmo durante um ciclo médio, tais necessidades podem ser modificadas. Se for constatado que uma turma possui em sua maior parte uma dificuldade em uma habilidade básica, como a interpretação de texto, e isso venha atrasado à evolução planejada, é necessário ter a possibilidade de mudança rápida. E tal mudança só é possível se for constatado logo no inicio as necessidades, e as distinções entre a realidade e aquilo que se deseja. Fato que as listas dão fundamentação logica a todo o processo.

Sem a criação destas listas, o professor de nosso exemplo - um professor novato, poderíamos pressupor -, teria uma gigantesca dificuldade no planejamento de suas aulas, e o formato a se escolher. A metodologia ativa LTD utiliza as listas como forma de embasar o professor em suas escolhas, e também guiá-lo, já que, da forma mais simples possível, já que o profissional já sofre em ter que ministrar diversas turmas, com diversos alunos, tendo que compreender os problemas de cada turma, e modificar suas aulas conforme as necessidades de cada qual.

Todo este processo de listas, que corresponde à primeira parte do primeiro passo deve ser repetido a cada grande ciclo de estudos, o que permite sempre duas questões a serem respondidas. A primeira, se o método esta sendo funcional, se for, as notas esperadas devem esta se tornando compatíveis com as reais, ou caso ainda não, que demonstrem avanços notáveis. A segunda, a noção de objetivo, as listas são nada mais que a constatação de uma necessidade, um problema, e o desejo de sua solução, comparar uma nova lista com a sua correspondente anterior é comparar se o trabalhado como educador fora bem sucedido ou não, de uma forma possível de ser provada para qualquer contestador desta realidade.

Após esta parte de estudos no método, no qual tomamos conhecimento das necessidades da turma, quanto dos alunos de forma individual, é possível iniciar o planejamento da aula.

2.3.2 - O PRIMEIRO PASSO: PLANEJAMENTO DE AULA

Learning, palavra que define o primeiro Passo da metodologia ativa, resume perfeitamente todo o processo racional que fizemos até então. Na primeira parte aprendemos de forma documental o funcionamento do colégio, e da sala de aula, nisto, tomamos conhecimento das dificuldades estruturais, sociais, observando os alunos vimos quais são as habilidades que possuem facilidade, ou dificuldade. A primeira parte do processo de Learning reduz o escopo de dúvidas e questionamentos do professor, assim, ele se centra diante das reais dificuldades presentes, e consegue planejar sua aula conforme aquilo que se pede diante de suas anotações.

A primeira parte, portanto, define o aprendizado do professor, ele, como profissional, compreende a importância social de sua profissão, e seu possível impacto nas futuras aulas. Afinal, o professor sabe, por meio de suas observações, quais são os problemas das turmas que trabalha, até mesmo, ao longo do tempo, toma conhecimento das dificuldades individuais de seus alunos. O método LTD propõe, além de um ensino ativo e dinâmico, da ao professor um significado ativo na sua profissão, ele aplica o método por que consegue observar que aquilo busca sanar problemas específicos na educação, e sabe aonde deseja chegar.

A segunda parte irá consistir em transformar esse conhecimento adquirido por meio da análise, e, pensando num ciclo de trabalho, construir as aulas de forma a aplacar as necessidades educacionais encontradas. O que se define então é a construção de um conjunto de aulas que busquem solucionar os problemas determinados nas listas criadas, por meio dos Ciclos LTD, um conjunto de ciclos curtos, médios e longos. Todo esse funcionamento baseia-se nos próprios fundamentos educacionais que a escola naturalmente traz, e a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), já que a própria LDB concebe as necessidades distintas do ensino, que se difere diante a várias óticas, como compreende que um aluno em uma comunidade indígena, ou na região rural, ou até mesmo nas próprias cidades, requerem, individualmente, modelos distintos, uma metodologia própria de ensino, que se foque nas necessidades.

“Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;”³⁶

Por isto, como vemos no trecho destacado, há uma liberdade no método, e na construção da aula pelo professor definida por lei. Os assuntos em si continuam seguindo a lógica das diretrizes educacionais, contudo, o direcionamento possível a ser aplicado em cada aula difere pela forma que o professor considerar necessária diante a realidade da turma. Com isso o foco da segunda parte esta no sequenciamento desses assuntos em uma ordem lógica de ensino, e como o método LTD propõe sua apresentação.

Em qualquer colégio, o professor ao início do ano faz seu planejamento anual, define nisto quais matérias ele irá abordar, de maneira serão aplicadas em sala ao longo do ano, e como irá avaliar o aprendizado. Quase sempre o próprio colégio implica alguma forma de avaliação, como uma semana de simulados no estilo do ENEM, ou uma gincana que envolve todo o colégio, sobre um tema específico multidisciplinar, contudo, mesmo sobre isto, há uma liberdade ampla para o professor avaliar da forma desejada, e construir os assuntos na ordem desejada.

O que encontramos em muitos professores é que, sem um método, algum modelo a ser seguido, o calendário anual é construído sobre duas óticas, a ordem em que os assuntos são apresentados no livro didático, que geralmente separam drasticamente temas internacionais com nacionais, mesmo eles sendo complementares para a compreensão, como também, pela quantidade de assuntos, sob a realidade do ensino público, em que os alunos costumam ter dificuldade na aprendizagem, ligada a questões como greves, problemas estruturais – Vemos aulas serem perdidas por que a escola esta inundada, esta tendo uma operação policial próximo ao colégio -, diversas situações que diminuem drasticamente o numero as aulas a serem ministradas, e as espaçam. Dificilmente assim, o professor consegue ensinar todos os assuntos do livro didático correspondente ao ano. A segunda ótica é a própria formulação do colégio, muitos colégios tendem em já definir as provas, e suas datas, o professor, portanto, sem um planejamento metodológico em mente, tende a seguir as óticas dadas pelo colégio, o que notamos é que isto torna as aulas extremamente conteudista, pois perpassa uma ótica de se ministrar um assunto focando-se já nas provas.

³⁶ LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> Acesso em: 12/09/2021.

Na metodologia ativa LTD, o ano letivo, e especificamente, o planejamento de anual das aulas, torna-se um Ciclo Longo LTD, ou seja, seu planejamento entra na observação de um sistema que busque ao longo de um ano, solucionar problemas educacionais encontrados no início do ano por meio das listas. A visão sobre a construção das aulas muda totalmente, o professor não está mais focado em conseguir ensinar todos os assuntos que o livro didático cobra num ano, embora seja possível alcançá-lo. Neste sistema o professor está se importando se em um ano, seguindo nosso exemplo, vai conseguir reduzir os problemas em habilidades como Disciplina, Trabalho em equipe, até mesmo as que não se definem como habilidades em si, mas pré-requisitos educacionais, como a interpretação de texto, dificultada pelo alto índice de analfabetismo funcional. A construção da aula prega o básico, se o ensino não for focado em melhorar as habilidades individuais do aluno, diante uma sociedade coletiva, os assuntos históricos nunca poderão ser compreendidos em sua complexidade. Portanto, encarando todo o ano letivo como um único ciclo, de longa duração, que compreendera inúmeras aulas, atividades, reuniões, que no fim gerara um grande projeto, que reunira todas as habilidades desenvolvidas, e aprimoradas durante as aulas é o objetivo de um Ciclo Longo LTD, que permite uma melhor construção anual do plano de aula.

Todos os colégios, em suas particularidades, dividem o ano em partes, unidades, sejam trimestrais, bimestrais, a variação é constante. O boletim, geralmente, é dado pela média geral de todas essas unidades, que determinam uma nota final, que corresponde à aprovação, ou reprovação do aluno. O modelo LTD não prega contra esta divisão, sabendo a necessidade do professor de seguir o modelo do colégio em que apresenta, contudo, seu sistema abrange tal divisão e consegue unificá-lo a construção do plano anual. No contexto da metodologia ativa, o longo período de trabalho é dividido por ciclos de média duração, correspondente às unidades normais de um colégio. Os ciclos médios buscam solucionar problemas mais contidos nas habilidades, focando em poucas de uma única vez, buscando isso maior resultado em um contexto mais amplo, ou seja, em um ciclo médio foca-se em problemas extremamente básicos, como o analfabetismo funcional, e a dificuldade na escrita, assim, no ciclo médio seguinte já seria possível focar em habilidades mais cobradas no mercado de trabalho, e necessárias para o aluno, como Raciocínio rápido sobre pressão, Habilidade de resolver problemas complexos, todo esse avanço tendo em constante o resultado do ciclo anterior.

Ainda trabalhando sobre os Ciclos Médios LTD, neste ponto os assuntos começam a ter uma ligação mais clara, do que se teria num ciclo longo, o professor neste ponto iria escolher os assuntos não refém da ordem do livro didático, mas apoiando-se na ordem lógica

dos fatos. Por exemplo, é visto que muitos livros começam a introduzir o assunto Ideologias no Século XX (Fascismo, Comunismo etc.), após vários temas da história do Brasil, como Revolução de 30 ou Era Vargas, isso é totalmente contraproducente, já que a lógica óbvia dos fatos é primeiro se ter conhecimento das ideologias, para assim compreender o que fora Os Integralistas, A coluna Prestes, O estado novo. Como compreendemos, a história é uma sequência de ações, atos, que tem consequências futuras, portanto, quebrar essa lógica sequencial, é quebrar a lógica da aprendizagem, dificulta-la. Este não é o único ponto, que começa a tomar mais foco na metodologia ativa, com o ciclo mais reduzido, começa a se pensar em sua significação com o presente, quais aspectos históricos do período trabalhado estão presentes ainda em nossa realidade. O professor então dá mais importância aos temas que podem ser relacionados, que tenham funcionalidade na prática do aluno, na vida dele, o ensino de história não deve ser pensado numa prática que se para no colégio, na sala de aula, mas que transcenda para a vida. Se a aula é ministrada numa cidade no interior, poderíamos relacionar os assuntos do livro didático com a história daquela cidade, o que teria acontecido naquela região no momento histórico em específico, se haveria alguma estatua, ou monumento físico ou imaterial, que relacione, do foco a isso. É muito mais importante relacionar o passado com o presente, que afundar os alunos em inúmeros conteúdos que serão esquecidos em quase totalidade após as provas.

Um ciclo médio, que busca se focar em habilidades específicas, é composto por um conjunto de ciclos LTD de curta duração. Quando os ciclos médios conseguem coordenar pontos específicos para evolução, ou seja, habilidades específicas que devem ser melhoradas, os ciclos de curta duração são o processo mais básico de todo o método, são focados profundamente na ligação entre assunto histórico e sua representação com a realidade. Os ciclos de curta duração são propostos a durar durante uma semana, ou um número curto de aulas, portanto, é de fácil manobra, e de análise rápida, ao mesmo tempo, funcionam apoiados sobre um planejamento maior, portanto, tem como maior obrigação focar-se na ministração das aulas, em conseguir passar de forma corretamente os assuntos num curto período de tempo.

Um ciclo curto consiste num único assunto a ser ministrado sobre o tempo necessário para ele ser compreendido, seguindo todos os três passos do método, ou seja, ao fim se passa uma atividade de rápida realização que corresponde ao terceiro ponto de nosso método. O segredo do primeiro passo, conhecido como Learning, está na formulação das aulas que farão parte deste período, já que é neste ponto, a base de todo o sistema, que todos os grandes

objetivos são fundamentados. Portanto, conhecendo todo esse processo, conseguimos entender como o Learning é ensinado ao aluno.

2.3.3 - O PRIMEIRO PASSO: LEARNING NA SALA DE AULA

É observando um curto ciclo LTD que podemos compreender como o professor consegue aplicar na prática o primeiro passo, ou seja, tudo aquilo que ele estudou e pesquisou. Por simplificação temos que, o professor define num longo ciclo várias habilidades que se deseja melhorar, aprimorar etc. No ciclo médio ele decidiu focar em trabalho em equipe, e capacidade de agir sobre pressão. Sabendo disso, e seguindo as diretrizes definidoras de quais assuntos ele deve passar no semestre ele começa a planejar suas aulas, ou seja, os ciclos de curta duração. Neste momento, temos a construção da aula que iremos nos focar.

Vejamos um exemplo, ao todo do ciclo médio o professor tem como objetivo ensinar sobre ditadura militar no Brasil, ele observa então todos os fatos históricos que considera relevante que o aluno conheça, seja os que mais caem no ENEM ou nos vestibulares, ou os que são obrigatórios para compreender os temas seguintes, e define na quantidade de aulas que possui, qual tema será aplicado em cada aula, e sua forma avaliativa, até neste momento, nada se difere de um sistema clássico de ensino. No método LTD, esta divisão é feita sobre a ótica da importância história ante o presente, ou seja, quais assuntos são relevantes para a atualidade, e a realidade dos alunos.

É totalmente possível escolher assuntos mais determinantes a realidade dos alunos, em detrimento a assuntos que geralmente vem nos livros didáticos. É muito mais produtivo em um colégio localizado numa comunidade mostrar qual era a realidade daquela região, do que um conjunto de aulas sobre a realidade política de Brasília. Ao mesmo tempo, que não se nega questões que já são comuns nos vestibulares, é possível se ter um correto balanceamento entre assuntos típicos, e assuntos inovadores.

O principal foco do método nesta primeira parte é permitir apresentar a história de uma forma que o aluno consiga compreender, e não afunda-lo numa torrente de assuntos que transformam a matéria em uma prática robótica de conteúdos. Por isso sua relação com o presente, se o assunto em questão não compreende a realidade do aluno, ou algum ponto que ele possa observar, é necessário contestar sua função na educação, o professor deve se perguntar se é preciso mesmo naquele momento dedicar aulas para que os alunos gravem, e

não compreendam certo tema. O que observamos na análise de artigos, e depoimentos dos professores é a falta de disposição dos alunos em “aprender”, prestar atenção nas aulas, o problema, como podemos compreender, está muito relacionado com o tema, e a forma que é apresentado, já que, quando vemos esses mesmos professores relatando quando aplicam uma dinâmica a atenção e disposição da turma muda por completo.

O professor então escolhe um tema, um ponto a ser abordado, buscando na verdade apresentar um fato presente na realidade do aluno, o ensino de história no método LTD passa a ser um ensino da atualidade pelo passado, dessa linha de tempo que nos envolve. Portando, se num ciclo médio o professor compreende ser necessário falar sobre a ditadura militar, primeiro deve se perguntar, que traços da nossa realidade vem desta linha imaginária que corre desde a ditadura, temos a dívida externa, que gerou a hiperinflação, que é até hoje é um fantasma presente, temos a discursão sobre democracia, e liberdades, tempo até mesmo as questões sociais e econômicas, como na ditadura a camada mais pobre fora prejudicada, e como até hoje há traços disto. Talvez, o mais complexo seria quando mais voltamos ao passado, e esta linha se alonga, muitas vezes se transforma em algo turvo, contudo, mesmo assim há algo relacionável, se tratamos de história dos povos helênicos, temos a democracia, que se relaciona com a atualidade, as filosofias, que abordam temas que influenciam até hoje, como religião e leis. A cada peso há uma contra medida, cabe ao professor uma melhor seleção.

Um ciclo curto LTD pode ser definido como as aulas suficientes para aplicar um tema do passado e relaciona-lo com o presente, ao mesmo tempo em que se avalia cobrando uma habilidade que está se buscando aprimorar no ciclo médio e longo. Uma aula sobre a democracia ateniense termina seu ciclo quando apresenta as distinções e semelhanças a democracia atual, e passasse uma atividade, caso o objetivo seja o trabalho em equipe, a atividade se compreenderia em algum jogo de perguntas e respostas feitas para a turma em grupo, ou alguma dinâmica parecida. Vejamos que o método permite inúmeras configurações para as aulas e atividades, o que se propõe é o metodismo em seu planejamento, e sua proposta clara visando uma longa continuidade.

2.4.1 – O SEGUNDO PASSO: THINK

O segundo passo chama-se *Think*, ou em português “Pensar”. No primeiro passo, definimos ao fim que para melhor compreensão da matéria História é necessário relacionar-se o passado com o presente, de uma forma lógica. Este capítulo, portanto, tem como objetivo definir as bases metodológicas desta relação, ou seja, a metodologia prática a ser utilizada pelo professor ao se aplicar o método LTD, e suas fundamentações para as ações práticas.

É neste momento específico que o aluno, já introduzido ao tema da aula, consegue compreender toda sua complexidade, e relação com o presente. Se no primeiro passo apresentou o tema Revolta da Vacina, foca-se no segundo buscar a compreensão de como ela se relaciona com o presente. Um exemplo seria que as pessoas na época da revolta eram contra a vacinação obrigatória, então, perguntaríamos quais relações lógicas vemos com este fato do passado com o pensamento presente. Como também ao mesmo tempo desenvolveríamos habilidades como pensamento analítico e crítico.

Estas habilidades seguem fundamentadas na capacidade de unir o passado e presente com o auxílio do professor, ao mesmo tempo que inova e pensa em algo distinto, ou seja, retirar a lógica fundamental do fato histórico. Este passo é o elo entre a primeira parte e a terceira, e a forma do professor de certificar que os alunos estão capazes de realizar sozinho atividades complexas, das quais, em muitos casos, possuíam dificuldades gigantescas para a realização. Ou seja, todo o processo, embora aborde inúmeras habilidades, requer a compressão do aluno sobre a importância da história, e com isso, avalia-o pela capacidade de absorver, e resumir em algo tangível o aprendido, com isto, focando principalmente em habilidades criativas, que, ao mostrarem sucesso sinaliza-se que fora tangenciado o cerne da questão.

Por sua fundamentalização dupla, este momento do método é dividido em dois períodos, que funcionam de forma dependente entre si. A primeira das duas fora denominada *Think Today*, ou em português, “Pense Hoje”, seu próprio nome é explicativo, como já falado, esta segunda fase busca a relação entre o passado e o presente, e a construção lógica que o aluno consegue realizar com base este pressuposto. Portanto, o *Think Today* busca retomar aquilo que fora ensinado no Learning, e, pescando pontos específicos daquilo que fora ensinado, busca relacionar ao máximo de fatores encontrados no presente, e neste presente, fundamentalmente, relacionados à realidade do aluno. Portanto, esta primeira ação representa um elo entre a primeira parte do método e sua segunda.

Já a segunda parte do modelo chama-se *Think New*, ou, traduzindo-se, “Pense Novo”, ou pense em algo novo. Tal ação, diferente da primeira, é uma ligação direta a terceira parte do método. Ela afirma-se na necessidade de se introduzir as habilidades diante do assunto já aplicado, ou seja, retirar de todo o assunto já compreendido, ações práticas que passem a ativar a participação dos alunos na aula. Todavia, não se define ainda em uma atividade, mas num acompanhamento junto com o professor de desafios lógicos, que passam de forma gradual a introduzir o aluno as habilidades, e distancia o mesmo do possível choque que causaria realizar após a aplicação dos assuntos inúmeras atividades para alunos ainda despreparados. Tudo isso, então, não suplantaria uma atividade mais complexa, explorando habilidades novas, e em formação, mas as introduziriam de forma gradual, e conseguiriam por este método alcançar resultados mais assertivos.

Todo o processo entre o *Think Today* e *Think New* se passa durante as aulas, tendo seu início e fim nela. Tal motivo, é permitir que neste momento o professor seja o elo essencial do estudo ativo, principalmente na apresentação da forma ativa. Será o professor aquele que passará neste momento atividades curtas, possíveis de serem terminadas durante o tempo da aula, e será ele quem as responderá, embora se espere a ajuda direta dos alunos. Tudo isto feito para que no momento que o aluno estiver realizando suas ações de forma independente, caso haja qualquer dúvida, tenha como exemplo máximo seu professor, e a fórmula e ação que fora aplicada em sala de aula.

2.4.2 – O SEGUNDO PASSO: THINK TODAY

A criação do *Think Today* veio do pensamento filosófico sobre o que é História, é uma das primeiras perguntas que nos deparamos quando somos introduzidos à matéria, e até mesmo nas cátedras acadêmicas não existe uma única definição. Edward Carr tentou elucidar isto em seu livro “O que é história?”, introduzindo discursões como o que são fatos, como escolhemos, e como escrevemos a história, todas estas para que se compreende-se em partes o que é história.

Define-se da ideia de Carr um plano lógico, que o historiador por excelência, ou seja, por própria causa-profissão, é uma pessoa conteudista, que busca ter conhecimento das datas e fatos documentais, ou por fontes adversas. Como ele dizia.

“Elogiar um historiador por sua exatidão é o mesmo que elogiar um arquiteto por usar a madeira mais conveniente ou o concreto adequadamente misturado.”³⁷

Portando, não são o conhecimento dos fatos que definem o historiador, ou o professor de história, muito menos é sua capacidade de reproduzir estes assuntos ao aluno. Pois, se voltarmos a pergunta “o que é história”, vamos ter conclusão, com base em nossa visão de época, que a história não é mais um conceito positivista, que pregava a memorização da lista de datas de feitos marcantes, e o resumo narrativo dos eventos. A história se demonstra deveras complexa para tais resumos, por isto, é necessário avançar neste pensamento, para que consiga se avançar na forma de ensina-la.

A história é seletiva, não objetiva, pois ela é feita por homens, com ideais distintos, visões de mundo completamente diferentes. É a escolha destes fatos que dão significado motriz a matéria. Concluimos que, se dois historiadores, com visões de mundo completamente distintas uma da outra, tratarem sobre o mesmo tema, e escreverem cada um livro sobre, os dois livros terão em sua maioria fatos iguais, contudo análises completamente diferentes, que não se assemelhariam em quase nada. Ao mesmo tempo em que, um leigo, vendo tal questão, passaria a relativizar a história a aquilo que se define a opiniões, já que observa que de forma científica, de fato, historiadores levam visões completamente diferentes em suas obras. Esta relativização dos fatos históricos, devido às distintas visões que historiadores possuem, feita por leigos é extremamente prejudicial tanto a matéria, como principalmente para a sociedade.

O negacionismo, atrelado ao relativismo histórico e opinativo, que é sem dúvidas a maior mazela do século XXI, sendo seu foco nas redes sociais, vem da incapacidade da população de compreender o que é história. E é de fato um problema próprio das ciências humanas, e que acaba começando a corroer as outras ciências de focos mais exatos, cuja distinção de fatos e interpretações são extremamente menores que nas humanidades. Portanto, se uma das maiores mazelas de nossa sociedade e profissão é o relativismo inconsequente, devido a não compreensão da história, como defini-la, e como passar isso para as pessoas.

Portanto, toda a idealização do *Think Today* buscou de maneira simples e clara, permitir ao professor ensinar isto aos alunos. Ele busca apresentar toda esta sistemática, sem precisar que o aluno, que não obrigatoriamente irá cursar uma formação superior em história, compreenda o funcionamento desta ciência, ele mesmo sendo capaz de realiza-la. Tentar

³⁷ CARR, 1961, p.38.

definir o que é história neste trabalho, e neste ponto, não é definir uma visão única nela, mas apresentar ao aluno, que ainda não compreende este universo de múltiplas visões, métodos, sistemas como é que se trabalha e pensa em história. Ou seja, ao mesmo tempo que o *Think Today* define passos para esse ensinamento, ele dá liberdade total ao professor, e ao aluno, para compreender a história conforme seus olhos, sua visão de mundo.

O resumo básico que se pode ser feito após a análise criteriosa da discussão dos historiadores sobre o que é História, seria que é a capacidade de definir individualmente o que são fatos, e interpreta-los conforme sua visão de mundo, ou seja, como estes fatos afetam, e tem relação com sua vida, isto seguindo um método de pesquisa, ou seja, como, por que, e se os fatos escolhidos possuem credibilidade ou relevância com a análise feita. Além disto, define-se a história como um processo das humanidades, sendo obrigatório sua participação coletiva, visto que, não existe na história uma única visão de mundo, ou uma história única, como também, não existe história, cujos fatos basilares de sua interpretação são infundados ante outros dados, e outras histórias mais fundamentadas. Portanto, a história é uma eterna disputa de visões de mundo, sendo que prevalece aquela que possui fatos sustentáveis, ou seja, que não são quebradas por fatos contrariantes. Ao mesmo tempo em que permitem, de forma democrática, visões distintas do passado, interpretações diferentes daquilo que aconteceu.

Portanto, toda a questão está em transmitir todo esse resumo, que ainda assim é complexo, devido a sua própria natureza, e transmiti-lo de uma forma, que seja capaz de ser compreendida na sala de aula. Se propões então criar um sistema dentro da metodologia ativa que permitisse o professor apresentar sua visão da história, enquanto dá liberdade e incentivo do aluno ter sua própria visão história, tudo isso, por se seguir as bases científicas que formulam a historiografia, isolar este aluno da interpretação acrítica, e não embasada, que tão se baseia o negacionismo histórico. Ao mesmo tempo em que se rebatem as críticas infundadas, porém constantes, que o professor é um “doutrinador”, que apresenta apenas uma única visão de mundo, já que, pela própria fundamentação do método, o aluno que cria sua própria visão de mundo, e história, o professor é apenas um alicerce para tal evolução, apresentando-o o caminho para se concluir tal processo, afastando o aluno do obscurantismo tão comum em nossa sociedade.

O processo do *Think Today* busca contextualizar ao aluno o que é um fato histórico, ou seja, o assunto que ele aprendeu na primeira parte do método, e como ela tem relação com seu

presente, sua realidade. Portanto, o que este momento define, é apresentar introdutoriamente o conceito de interpretação histórica, o aluno, neste ponto, passa a compreender o passado como justificador e crítica do presente, como o contrario, se se observa um acontecimento no passado, vê-se sua consequência no presente, e cabe o aluno, com apoio do professor, identificar se é positivo ou não tal consequência.

O professor neste passo além de apresentar tal ligação, apresenta valores éticos e morais, já que nesta interpretação do passado e presente, faz-se obrigatoriamente o julgamento do certo ou errado, das mudanças ou necessidades de mudança. Como nisto, notamos, irá aparecer questões éticas e morais em certos assuntos de interpretações muito rígida, quando outros, dúvida. O aluno, por exemplo, ao analisar as ações do governo de JK, permite-se uma crítica muito ampla entre o bom e o ruim destes fatos, já, contudo, diante de um assunto como o holocausto, à interpretação é rígida, não há espaço ético para se definir tão ação como positiva, a única visão aceita, e que deve ser ensinada, é que fora um momento negativo na história. É a função do professor mostrar o tamanho desta corda moral a cada tema, e neste ponto, ela é bem clara, ela se baseia nos direitos humanos, nos preceitos liberais de sociedade.

Para a melhor compreensão, utilizar-nos-emos de um exemplo. Imaginemos a mesma sala, e professor que os exemplos anteriores utilizaram, e que este professor está trabalhando Republica Velha. Ele já apresentou o assunto conforme a primeira parte do modelo LTD, o Learning, portanto, o aluno já fora apresentado ao assunto, os fatos já foram apresentados. O professor, para exemplificar esta conexão entre o passado e presente, mostra a relação entre o voto de cabresto, e todas as ações antigas para compra de votos, e mostra na atualidade como ainda acontece a compra de votos, seja pela distribuição de alguma ajuda durante o período eleitoral, ou por meios impositivos como a força.

Nesta situação a maior dificuldade do professor é conseguir que o aluno consiga relacionar o passado com o presente, ação que não é fácil nem simples. Tal processo só é conseguido por meio de exemplos constantes e fartos, o professor em sala apresenta fatos famosos na cidade, ou nos jornais, apresentando os modos que na atualidade os políticos realizam esta forma de compra de votos, e como isso se relaciona no passado. Esta troca entre passado e presente vai acontecendo até sua compreensão de toda turma, esta notada, quando a própria começa a por ela mesma apresentar exemplos, incentivados pelo professor. Neste momento é compreendido que o professor conseguiu iniciar a explicar os alunos o conceito de

o que é história, sem precisar partir para uma aula teoria e expositiva do tema, que como vemos pelo estudo dos ensinamentos ativos, não teria o mesmo resultado que este, que envolve a prática.

Podemos dar sequência a lógica dos exemplos que estamos até então utilizando, aquele mesmo professor, trabalhando em um colégio do interior, trabalhou na primeira parte um tema simples, a introdução do café no país, os alunos então já foram apresentados a como funcionavam as fazendas de café, como esta era importante para o país, quais foram os efeitos políticos etc. Disto, passamos para a idealização do *Think Today*, este processo consiste em catalogar todas as possíveis relações com o presente possíveis diante do tema escolhido, como também todas as fontes possíveis que possam ser passadas para os alunos, sejam materiais de jornal, vídeos, livros, enfim, estas funcionando como um conceito complementar. Ficaria desta forma:

Assunto: Café no país – Atualidade

Temas possíveis encontrados: O café sendo a bebida mais tomada no país; as plantações de café que existem no interior, a história do café com leite e açúcar no país.

Materiais de apoio: (Neste ponto se colocaria os links, ou anexos que embasariam a aula)

Notamos que foram selecionadas diversas questões que podem ser feitas por um aluno comum, constatações presentes em sua realidade, portanto, seriam destes pontos que se passaria a compreensão do tema. Como também, cada afirmação é seguida por um material de apoio, possível, obviamente, de ser apresentado ao aluno. Não está neste ponto se cobrando a aplicação de um artigo, ou texto científico de grande complexidade, mas uma matéria de jornal, um vídeo, algo simples, que, caso o aluno possua dúvida, ou desejo de se aprofundar no tema, seria um caminho auxiliar para isto, afinal, compreende-se no LTD a necessidade de completar toda a forma ativa na sala de aula, mas permite o aprofundamento do tema fora dela.

A continuidade de cada tema escolhido se deterá pela noção do professor a resposta dos alunos, ou seja, ao notar que os alunos sentem relação com o fator presente, seja perguntando, neste contexto, se alguém gosta de café, ou sabe por que tomamos café com leite, e observando as respostas. A analogia correta seria como um pescador escolhendo a isca certa para pegar o peixe, ou seja, para cada tipo de turma, ou aluno, requerem-se escolhas distintas, por isso a necessidade de uma lista catalogando os diversos tipos de exemplos que

podem ser utilizados. Como também, a própria escolha das fontes interfere, se vemos que é uma turma com ainda dificuldades em leitura, foca-se mais em vídeos, e textos simples e curtos, já o contrário, uma turma com pouco acesso a internet, foca-se em reportagens com inúmeras ilustrações, e textos mais longos e que abarquem de forma mais completa o tema.

Todo o processo do *Think Today* está em conhecer seu aluno, e sua turma, por isso retoma-se a importância das listas criadas no Learning, todo aquele conhecimento adquirido facilita o professor a escolher a forma de abordar a turma, de preparar a “isca”. Afinal, é compreensivo o medo que um professor tem ao trabalhar em uma turma ver ela impassível, isso destrói a autoestima de qualquer pessoa, o que se propõe é manter sempre a relação entre aquilo que se faz, com os dados adquiridos e condensados nas listas. Todo este processo é um princípio de ativação da aula, portanto, o momento em que o aluno passa a ganhar protagonismo no ensino, e o professor torna-se apenas auxiliar, e organizador, portanto, se houver falha neste processo, todo o sistema de ativação se demonstra falho.

O professor não deve deste modo, prender-se apenas a sua própria lista, ela é apenas um aspecto inicial da discussão, e debate em sala. O aluno que deve ser o criador de sua própria lista, portanto, após iniciar está discussão, incentiva-se que o aluno traga as vivências, e delas se siga o debate, se o aluno afirma que em sua realidade vê tal questão, e o professor vê que este assunto tem potencial, pergunta aos outros alunos se também compreendem isto, se tem conhecimento de tal acontecimento, pergunta se algum aluno concorda com o que o outro afirma, cria-se um jogo entre locutores múltiplos. E é neste ponto que o professor vai relacionando aquilo que vê com o passado, ele pergunta se aquilo que o aluno está vendo em sua realidade não tem relação com os acontecimentos ocorridos no passado que estudou, se existe outras questões que também vê do passado no presente, e vai se encaminhando a apresentar de forma introdutória o significado do estudo da história.

O objetivo final do *Think Today* é capacitar o aluno a compreender que o passado tem relação direta com o presente, e que aquilo que é ensinado sobre o passado pode ter, como tem, relação com seu presente. Iniciado este processo de compreensão de sua história pessoal, afinal, cada um, incluindo os alunos, possui sua própria história, está relacionada com os fatores do passado que ela aprende em sala. Com isso, concluímos ser possível evoluir para outras questões mais complexas, que impulsionam ainda mais o formato ativo do ensino, e sua capacidade de desenvolver habilidades complexas.

2.4.3. – O SEGUNDO PASSO: THINK NEW

Enquanto o processo de *Think Today* consistiu em uma ligação do primeiro passo, como o segundo, baseando-se na importância de se unir os fatos históricos com o presente, e com isto significar o ensino de história para o aluno, fazendo-o o mesmo aprender de forma mais clara os assuntos. Nesta segunda parte, dar-se-á continuidade a este projeto, contudo, focando agora na introdução das habilidades.

O conceito das habilidades que aqui abordamos vem diretamente da sua sublimação pelas metodologias ativas, estas habilidades são aquelas que foram vistas como essenciais pelo novo mercado de trabalho, e com isso, praticamente obrigatória para o futuro dos atuais alunos. Tanto é sua importância, que, ao prometer para o mercado empresarial desenvolver características como trabalho em equipe, liderança, e raciocínio rápido em frente às dificuldades, as metodologias ativas encontraram incentivo e mercado amplo para sua aplicação.

Contudo, como já explicado, sendo um dos motivos para a criação da LTD, estas metodologias ativas não foram idealizadas a um ensino público no Brasil, muito menos ao ensino de História. Não existia até então um fundamento metodológico que unisse os conceitos que definem a matéria de história, estes já muito bem exemplificados na explicação do *Think Today*, com o desenvolvimento de tais habilidades. Por isto fora definido na criação dos ciclos LTD habilidades chaves que deveriam ser aprendidas em concordância as matérias de história, e com isso, sua aprendizagem dupla. Todo o processo, portanto, define que, ao fim de cada ciclo, ou seja, ao fim do terceiro passo, seja aplicada uma atividade em que o aluno desenvolva uma habilidade específica, e ao logo do ano letivo, desenvolva uma quantidade elevada delas.

Tal processo, já em seu planejamento demonstrou ser incompleto, devido a uma falha gritante. Era esperado que os alunos após compreenderem o assunto, e sua relação com o presente, fizessem uma atividade que desenvolvesse uma habilidade específica, contudo, como os alunos teriam capacidade de realizar tais desafios, se, em muitos casos, não possuíam conhecimento delas, e era a primeira vez que faziam tal ação? Por exemplo, uma turma que nunca trabalhou corretamente a habilidade de resolver problemas em um curto período de tempo, em uma atividade para casa, ou para próxima aula, era impossível esperar que a turma se compreende perfeitamente aquilo que fora pedido.

A solução encontrada fora o *Think New*, ou em português pense novo. Este processo é a síntese daquilo que se busca com as atividades do terceiro passo da LTD, uma ação introdutória e preparatória ao aluno das atividades ativas. Neste momento, o professor não simplesmente cobraria um desenvolvimento baseado na síntese daquilo que aprenderam em sala, mas pediria o acompanhamento deles para observarem os exemplos aplicados pelo próprio professor, e respondidos pelos mesmos.

Ou seja, antes do professor passar qualquer atividade, ele mesmo, ainda em sala de aula, realizaria proto-atividades, atividades de curta duração, criadas se pensando nas habilidades desejadas, e nos assuntos cobrados, mostrando, em termos técnicos, como aplicar o assunto teórico até então aprendido na prática. Seria o mesmo, em uma simplificação grosseira, quando um professor de matemática responde uma questão no quadro para que os alunos entendam os processos teóricos, e como aplica-los. Contudo, o que está esperando do aluno não é a compreensão de fórmulas físicas, as ciências humanas são deveras voláteis, o que se busca nos exemplos é ensinar a estes como o pensamento crítico é fundamental em suas análises que levam a resposta das questões.

Lembremos que, todas as habilidades a serem desenvolvidas, e todos os assuntos a serem abordados foram definidos ainda na primeira parte da metodologia ativa, por meio da criação das listas de apoio, ou seja, tal processo de criar atividades introdutórias, voltadas a uma com maiores pretensões tem uma facilidade a ser criada, afinal, o professor já compreende qual o caminho que o mesmo deseja seguir, e qual forma avaliativa deseja criar. Se o professor, no terceiro passo irá passar uma atividade que mistura algum jogo de perguntas e respostas, com trabalho em equipe, já sabe que nas atividades de treinamento, correspondentes ao *Think New*, ele irá criar projetos que apoiem isto.

A ideia é simples. Conforme observa-se nas listas criadas sobre as condições da turma e dos alunos individualmente das capacidades para adquirir ou aprimorar certa habilidade, observar quanto falta, e o que é necessário ainda para que eles consigam realizar as atividades de final de ciclo. O professor ao observar a lista que criou, e ao ver que os alunos ainda possuem dificuldade na escrita, e que necessitam dela para realizar a atividade é necessário tal ponto, vai criar um conjunto de atividades em sala de aula, com a presença direta do professor, buscando solucionar tal problema inicial, impeditivo ao processo completo.

A concepção prática deste ponto define-se, portanto, na formulação de atividades a serem realizadas em sala de aula, ou seja, com o professor presente ao tempo todo, tanto

ensinando, como realizando algum dos exemplos, sendo suas respostas usadas como modelo para os alunos. Nisto, o professor vai conseguir acompanhar de perto as reais dúvidas dos alunos, e ter tempo hábil de corrigi-las antes das atividades finais e provas. Compreendendo que o aluno muitas vezes não possui tempo fora da escola para poder estudar sobre o tema e se aprofundar, é na sala de aula o momento que o professor deve estar mais presente na correção de dúvidas, as vendo acontecerem pela prática de alguma atividade, e não, na espera de que o próprio aluno denuncie estas falhas, já que o mesmo por muitos momentos não compreende que as possui, afinal, como um aluno pode saber se tem dificuldade em habilidades de lógica, se nunca realizou alguma.

O que mais foi pensado na criação deste momento, além do elo entre o terceiro ponto, e todo o sistema metodológico, fora como o professor conseguiria manter a atenção do aluno, não dificultando sua aceitação a fórmula devido a suas dificuldades de aprendizagem. Definindo como apresentar algo que exigiria um esforço maior do aluno, já que desenvolveria habilidades que requerem uma maior atenção, e esforço individual que o ensino clássico, sem que, sobre os possíveis fracassos, e dificuldades, que a aprendizagem de uma nova habilidade gera, cause no aluno um sentimento de desconforto, e decepção ante a si mesmo, e cause sua desistência. O risco estava em o aluno, desacostumado a ser parte integrante do ensino, ao ver-se sobre pressão, ou sob dificuldade, comparar-se-ia a outros alunos ou ao professor, e vendo seu processo de desenvolvimento sendo mais lento que os outros, desistiria ainda no início da aprendizagem.

Buscou-se então um caminho comum, algo que todos pudessem iniciar, e ter um desenvolvimento satisfatório, que impulsionasse o mesmo a buscar outros. Ao observar, viu-se que a criatividade era tal ponto, encontrado até mesmo em turmas despreparadas, já que, mesmo os alunos sob adversidades, com dificuldades em escrita, e interpretação de texto, apresentavam aspectos de criatividade possíveis de serem aplicadas de forma mais produtiva em sala, e que estavam sendo desperdiçadas numa ótica apenas conteudista.

O próprio nome da fase promulga este objetivo, ao se chamar *Think New*, pede ao estudante que pense de forma diferente, algo fora da caixa conteudista que está acostumado. O objetivo é propor ao aluno um aspecto reflexivo ante os assuntos aprendidos, o aluno desprende-se do materialismo dos fatos, e busca a essência lógica dos acontecimentos, se algo no passado aconteceu, ele não se pergunta neste ponto a data, ou o nome das pessoas, mas os

motivos que levaram a acontecer tal fator, e com isso, ao lembrar-se dos fatos reais, ele compreende de forma mais profunda seu funcionamento.

Por exemplo, se um professor está falando sobre o petróleo, e o conflito no Oriente Médio, este propõe a turma fugir dos fatos reais, e buscar compreender o porquê tal conflito existe. Ele pode usar neste caso o apoio de obras que já fizeram isto, a metáfora é uma síntese criativa muitas vezes utilizada pela história; no livro “Duna”, de Frank Herbert é feito isto, absorve todas as questões políticas sobre um conflito histórico real, e apresenta de forma lúdica sobre uma roupagem ficcional e extremamente criativa, em que em outro planeta, chamado Duna, vários povos distintos entram em conflito devido a um material raro, necessário para o funcionamento das naves, a especiaria, enquanto isso, os povos nativos são oprimidos pelas grandes nações. O livro fora escrito durante a invasão soviética no Afeganistão, e é um exemplo claro e simples como a criatividade pode ensinar a história de forma criativa, retirando os fundamentos dos acontecimentos. Ainda seguindo na literatura, na obra de Isaac Asimov, Fundação, vemos uma metáfora do Império Romano, e sua queda, e os princípios que levam a sociedade ao radicalismo e o fanatismo, nisto, numa roupagem criativa, em que o império é galáctico, e encontra-se em seus dias finais.

Para um aluno, principalmente das series fundamentais, este processo de metáforas históricas torna-se muitas vezes mais interessante que apenas o ensino dos fatos *per si*, e consegue da mesma forma apresentar os fundamentos históricos, que, ao próprio no ato de pesquisar a história factual, irá compreendê-la decerto, de forma que provavelmente não compreenderia sem este caminho. É algo que vemos já há muito tempo os próprios professores aplicando em sala de aula, sem uma metodologia clara, afinal, tornou-se comum aos professores passar filmes, e series históricas em sala, muitas que possuem pouco comprometimento aos fatos fidedignos, mais a essência daqueles momentos. A história já é na mídia utilizada desta forma a muito tempo, antes mesmo da própria formação clássica de nossa profissão, afinal, víamos representações metafóricas de fatos históricos, que ensinavam sobre o passado de forma muito mais ampla a grande massa do que as simples aulas conteudistas, e estes – os alunos -, quando interessados pelo tema, iam atrás da realidade dos fatos, o que fora que realmente aconteceu.

A criatividade é um fundamento básico a qualquer ser humano, e é encontrada em qualquer aluno, obviamente, não se esperando encontrar ali gênios inventivos e inovadores, mas pessoas comuns, capazes de criar histórias, e sintetizar o fundamental daquilo que

compreendem. É nesta síntese criativa inerente a todos nós que o professor se baseia ao aplicar o *Think New*, a capacidade que, mesmo o aluno com dificuldades na escrita, e em outras áreas formais da educação, ele é totalmente preparado a aplicar os conceitos aprendidos nas formas não ortodoxas, esta sendo a principal a criatividade. O aluno pode não compreender o assunto numa aula normal, mas é numa musica, num filme, num livro de ficção que ele compreende aos poucos os fundamentos históricos que custa a absolver, o mesmo é introduzido a realidade histórica, e já dentro desta logica, aprofunda-se em livros e aulas fundamentalmente históricas.

No contexto da metodologia ativa LTD a criatividade é a substancia unificadora entre a história como matéria, e a história como ensinamento. Ela permite a qualquer aluno, independente de sua dificuldade, ligar todos os termos formais do ensino, com sua própria compreensão dos fatos, e o desenvolvimento próprio. Além disto, a criatividade é a mãe de todas as habilidades, já que sem ela, todas as outras perdem seu papel pratico, sendo ela, fundamentalmente a mais cobrada em qualquer contexto, afinal, se o profissional tem habilidades de liderança, trabalho em equipe, resiliência, todas elas fundamentaram-se na sua confiança em sua criatividade.

Após um assunto ensinado, e debatido suas relações com o presente, o aluno é apresentado ao novo. O professor não mais apresenta unicamente fatos reais, mais busca dos alunos, o que não foi visto, o que pode ser em outros contextos. Por exemplo, se o Brasil fosse uma sociedade feudal como a medieval, como funcionaria, quais seriam seus problemas, e quais soluções ter-se-ia para mudar este quadro? O exemplo em questão destoa de qualquer fator histórico, é um completo exercício de “e se...”, contudo, ressalta perguntas que provocam o aluno a ser criativo, e sintetizar o que já aprendeu nos fatos reais. Criamos perguntas, como, se o aluno estudou idade media, quais fatores são presentes ate hoje? Se este imagina o próprio país agora numa realidade da idade media europeia, ele buscará imagina quais conceitos históricos caberiam neste papel, quais não, e o porquê de toda esta conclusão, como também, buscaria lembrar quais fatos fizeram a idade média na Europa ter fim, e como estes ajudariam ou não a acabar a fabulosa idade media aqui.

O espaço de permitir o aluno imaginar, e justificar seus pensamentos, da um espaço para tentativas e erros muito mais amplo que uma aula tradicional consegue. Como também, retira o peso, muitas vezes gigantesco, que o conteúdo histórico causa, já que é uma matéria de memorização, compreensão e sublinhamento de inúmeros temas, que tem sempre relação,

principalmente por que um aluno do terceiro ano, ainda tem de se lembrar de inúmeras datas, nomes, governos que aprenderam no primeiro ano. Utilizando a criatividade o aluno permite-se errar, e se corrigir, sem o medo de ter que sempre memorizar todos os acontecimentos, focando-se no fundamental que é a síntese dos acontecimentos, e a razão de cada coisa acontecer.

Esta importância vai ser desaguada na própria atividade final e na sua correção, já que apresentada uma possibilidade de uma notificação subjetiva do desenvolvimento do aluno, sobre uma ótica objetiva. As habilidades, e conceitos históricos que o aluno deve dominar são fixos e claros, o aluno para conseguir tirar notas altas deve alcançar elas, contudo, a forma que cada um chegara nelas é típica e própria de cada aluno, é sua criação do mundo, sua forma ativa de aprender. No *Think New* o professor apenas ensina a possibilidade desse caminho, de conseguir aprender história sem o mesmo acreditar que é algo chato, ou conteudista; mostrar que muito do ensino se define na capacidade de compreender o que se aprendeu, e aplicar tal conhecimento na prática, até mesmo num ambiente imaginário, como uma caixa de areia histórica, criada pelo aluno como forma de conhecer os acontecimentos históricos por um novo ângulo, muito mais complexos que o clássico, e muito mais produtivo para o aprendizado do aluno.

As formas possíveis de se aplicar esta possibilidade criativa diferem do tema, das habilidades que se deseja alcançar, como também, das próprias dificuldades do aluno. Estão, então, fundamentadas apenas nos conceitos básicos para tal proposta, a forma em si apenas o professor, por meio da análise crítica de suas listas, consegue discernir qual seja a melhor. Um assunto que aborde pré-história, e a habilidade “trabalho em equipe”, não será o mesmo que revolução francesa, e aborde a habilidade “liderança”. Todas as atividades envolvem o lado criativo, tiram o resumo dos fundamentos, portanto, as atividades não são fixas, apenas os objetivos que levam a escolha dela.

Ao fim de todo esse processo, quando o professor comprovar que diante daquilo feito, os alunos já possuem capacidade de desenvolverem por si sós as atividades, ou seja, serem protagonistas de sua educação, inicia-se o terceiro passo da metodologia ativa LTD. O segundo passo, em resumo, é a transmissão do significado histórico ao aluno, é permitir que ele compreenda qual a importância da matéria para sua vida, como os fatos históricos afetam diretamente o mundo em sua volta. O que se busca no segundo passo é permitir que o aluno comesse a compreender a história como função *sine qua non* de seu desenvolvimento cívico, e

como ele, mesmo sob adversidades, pode ser fator imprescindível para sua própria educação como cidadão. O terceiro passo ensinara ao aluno a ser independente numa realidade mercadológica extremamente agressiva, e sobre rápida e cruel mudança.

2.5.1. – O TERCEIRO PASSO: DO YOURSELF

O ultimo passo é a conclusão e ao mesmo tempo a continuação de toda a metodologia ativa. Recebendo o nome de “Do Yourself”, ou Faça você mesmo, é a verdadeira forma ativa do ensino, no qual o aluno é protagonista de sua própria educação, e faz a análise critica do seu conhecimento. Como também, é o momento que o professor consegue avaliar o que fora apresentado pelo aluno, comparando as expectativas desenvolvidas nas listas iniciais, e objetivamente definir se houve um desenvolvimento satisfatório, ou não, como analisar as possíveis causas dos acertos e fracassos. Portanto, como vemos, o fim deste passo liga-se diretamente com as primeiras ações realizadas ainda no inicio de tudo, como também, liga-se proporcionalmente a atividades futuras, completando o sistema continuísta circular.

Neste ponto, tanto o professor quanto o aluno estão avançados no processo de educação, e neste momento, tudo que poderia ser ensinado pelo professor já fora, sejam os fatos do passado, como a relação destes com os fatos presentes. Até mesmo, como visto no *Think New*, exemplos elucidativos desta unificação foram dados, ou seja, tudo que o professor poderia ter feito para a melhor compreensão da turma, e sua independência fora sem sobra de duvidas feito. O que fica em volta então é a síntese, ou seja, como o aluno, agora por conta própria, irá sintetizar, e aplicar aquilo que fora aprendido e debatido.

A forma a ser cobrada esta síntese já fora cobrada pelo professor, já que é a mesma dos exemplos já utilizados, contudo, desta vez, dar-se-á total liberdade ao aluno realizar da forma que achar melhor, conforme os padrões definidos. Todo este ambiente se baseia na relação entre os assuntos históricos, suas relações com o presente, a capacidade de se criar algo novo, e as habilidades a serem desenvolvidas. Por isto, toda atividade realizada, compreende estes quatro pontos fundamentais.

Como também, como predispõe o sistema já explicado de ciclos longos, médios e curtos, cada atividade final do terceiro passo possui uma qualificação de grandeza distinta, estas sendo complementares as suas superiores. Um ciclo curto realiza uma atividade ativa de rápida feitura, e de simplicidade notável, esta, sendo quase um ensinamento as feitas na

conclusão do ciclo médio, e assim subsequente até o ciclo longo. Isto, contudo, não se torna obrigatório a repetição de temas, ou habilidades, mas apenas uma continuação de uma linha de raciocínio lógica. Como já afirmado, um assunto histórico deve, para melhor compreensão dos alunos é necessário haver uma ordem de continuidade, com isso, as atividades sobre eles também devem, conseqüentemente, terem tal ligação.

Por exemplo, se é realizado uma atividade que busque a compreensão das leis gregas, e como elas afetavam a vida dos mais pobres, quando se aborda a Roma antiga, busca-se também mostrar em uma atividade como eram as leis ante os mais pobres. São assuntos diferentes, e permitem formas diferentes de aplicação, a primeira como um questionário em sala, a segunda como um júri feito pelos alunos. Nestes dois exemplos tanto, tema, forma, e objetivos modificaram-se, contudo, notou-se a continuidade da linha histórica, o que facilitaria a aprendizagem do aluno, que passa a ver a história como um ato de constante mudança, e permanência.

O que notamos também com o exemplo é que os resultados e formas aplicadas no terceiro passo repercutem em todos os outros ciclos seguintes. Isto permite duas coisas, que o professor consiga analisar de forma mais clara quais são os modelos de atividade que mais dão resultados entre os alunos, como permitir um melhor foco nos fatos, já que define um ponto específico a ser atingido, no exemplo aplicado vemos que é a jurisdição de cada povo, e como esta afetava os mais pobres.

A criação da atividade

Embora as atividades do Think New sejam realizadas primeiramente, sua criação é dependente da atividade do terceiro passo, já que são exemplos simples, daquilo que se propõe em definitivo. Portanto, é primeiramente teorizado e criado a atividade de terceiro passo, e após isto apenas a criação das outras atividades que possam ser necessárias. Este capítulo, então, corresponde como um guia para todos esses processos.

Como também, é necessário saber, para qual ciclo a atividade esta sendo planejada, sendo que cada uma tem propostas muito bem definidas, a própria formulação da atividade é modal ante estas. Caso seja de ciclo curto, a prioridade está na relação passado e presente, caso seja de ciclo médio esta fundamentada na compreensão, ou aprimoramento de uma habilidade social, e, caso seja de longa duração, será uma atividade de grande proporção, que envolva um conjunto de varias habilidades, e um trabalho coletivo de toda turma. Cada uma

dessas formas possui seu próprio tempo a ser aplicada, que vão se valendo do ensinamento adquirido pelas anteriores, e com isto, a facilitação de sua aplicação.

Por sua questão profundamente subjetiva de criação, já que é uma relação entre as listas feitas, à compreensão da resposta dos alunos pelo professor, será de forma mais simples compreendida pela exemplificação desta atividade nos três possíveis ciclos, e para isso, usaremos, como facilitador, o mesmo assunto histórico, Revolução Francesa. Os três exemplos foram então idealizados seguindo o mesmo exemplo de escola que utilizamos desde o início, para que haja uma sequencia logica de todos os fatores.

2.5.2. – O TERCEIRO PASSO: EXEMPLO EM CICLO CURTO DA APLICAÇÃO DO “DO YOURSELF”

Por ser uma atividade proposta de ciclo curto, ela, obviamente, tem duração reduzida, a atividade pode durar um fim de semana, o espaço apenas até a próxima aula, enfim. Como também, ela irá conseguir apenas um ativamento individual de habilidades, já que praticas em grupo requerem tempo tanto para se reunirem, como organizar todo o processo educacional. Ou seja, as atividades só poderão abarcar temas rápidos, sem um conjunto gigantesco de fatos históricos e acontecimentos presentes, e habilidades individuais, como interpretação critica, habilidade em solucionar problemas lógicos etc.

Se o tema principal é Revolução Francesa, escolhe-se um aspecto mais contido, por exemplo, “A importância da imprensa na revolução francesa”, fator extremamente rico em possibilidades de critica e analise. Com isto, escolhe alguns fatos do presente que relacionem com o tema, como o questionário, qual a importância atual da imprensa, os perigos e benesses que vem desde a revolução francesa. Temos já neste ponto definido os temas históricos a serem abordados, faltando apenas a própria formulação da atividade, e a escolha da habilidade.

O professor observando o ciclo médio, que é o que propõe as habilidades a serem desenvolvida na unidade, observa que é necessário o desenvolvimento na turma da habilidade “interpretação de texto”. Pensando que a atividade é a criação de algo novo, relacionado a um tema histórico e presente, ele decide na curta atividade. Cada aluno vai criar uma pequena matéria de jornal, de no máximo dez linhas, se será sorteado pontos a serem defendidos ou atacados, e os alunos deverão escrever conforme o tema escolhido, ao fim, será criado um

jornal da turma, e se lera em conjunto, conseguindo assim observar a importância da imprensa, e ao mesmo tempo a problemática da leitura crítica. Por exemplo, alguns alunos terão, conforme o sorteio, o objetivo de defender pautas sem utilizar argumentos, apenas por meio do ataque às emoções, já outros terão fatos específicos na história que serão obrigados a colocar nos seus textos como exemplos.

A atividade por possuir um tom inovador, requer um ensinamento antes, para que os alunos não se confundam, e é neste ponto, em tom regressivo, que se desenvolvem as atividades do *Think News*, o professor, antes mesmo dos alunos, ainda em sala de aula, irá pegar dois temas distintos, concorrentes, e irá escrever como propõe aos alunos, textos de 10 linhas, e mostrará para os alunos a diferença, como ideologicamente cada um se distingue, e como a interpretação de texto auxilia nesta trilha, já que permite identificar diferentes fatos históricos sendo interpretados de maneiras distintas, como textos que não possuem fontes históricas.

Ao fim de todo esse caminho, espera-se, que os alunos compreendam a importância da interpretação de texto, e da leitura crítica. Ao mesmo tempo compreendam a importância do estudo dos fatos históricos, e como estes, sob a ótica de ideologias múltiplas, podem adquirir várias interpretações, muitas vezes concorrentes.

Todos os conceitos teóricos que fundamentam LTD foram aplicados nesta atividade, ao mesmo tempo em que se demonstrou uma total liberdade na criação da mesma. Portanto, em síntese, o que define uma atividade LTD de ciclo curto é:

- Foco em habilidades individuais, que não necessitem a reunião em grupos que levaria tempo; embora a atividade feita possa ser agrupada em um contexto coletivo, vide exemplo.
- Delimitação curta do tema, ou seja, embora no exemplo o tema fosse Revolução Francesa, escolhe-se apenas um aspecto de todo o grande movimento histórico.
- Relação simples com o presente de fácil exemplificação, no exemplo é utilizada a relação com a mídia, facilmente exemplificada com matérias de jornais de diferentes empresas, com ideologias distintas.
- Realização rápida, ou seja, que consiga ser feito em menos de uma, ou duas horas de esforço. No exemplo o professor poderia ter passado uma redação de no mínimo vinte linhas, ao estilo ENEM, contudo, isto levaria tempo, este que dificilmente o aluno teria em tão curto tempo.

2.5.3. – O TERCEIRO PASSO: EXEMPLO EM CICLO MÉDIO DA APLICAÇÃO DO “DO YOURSELF”

Já o ciclo médio difere-se profundamente do ciclo curto por sua óbvia maior duração, com isso, uma capacidade de abarcar temas e objetivos de maior escopo. Dura-se em média uma unidade comum já aplicada nos colégios, ou seja, um trimestre, podendo, também, durar metade deste período, caso se encontre numa situação favorável para tal, como uma turma já acostumada com o sistema LTD. Vemos no exemplo, portanto, esta maior abrangência que se permite neste novo processo, como, o que fora sublimado no ciclo curto devido a insuficiência de tempo, o trabalho em equipe, ação fundamental para o ensino ativo.

Como também, a ação ativa do ciclo médio não se sustenta unicamente *per si*, mas da aprendizagem construída através de um conjunto aceitável de ciclos curtos, que já cumpriram a obrigação de ensinar ao aluno todo o funcionamento dos trabalhos ativos, e como se analisa a história. O que se pedirá então neste processo será a junção de todo este conhecimento ao trabalho em equipe, atrelados sempre a uma habilidade que se deseja aprimorar no aspecto coletivo.

Se em uma turma encontra-se, como normalmente se encontra, uma turma mista de alunos com facilidade ao diálogo, e extrovertidos, quanto, em contrapartida, alunos tímidos, incapazes de falar em público. Busca-se na atividade de ciclo médio incentivar que os alunos mais tímidos tomem papel de liderança, e de protagonismo, quanto os extrovertidos tomem papel de auxiliares a aqueles que possuem dificuldade, e consigam se comportar como eles para os seus colegas. Será então por meio das atividades de ciclo médio que buscará solucionar problemas como estes, que são comuns em todas as instituições de ensino, e que influenciam diretamente na vida dos alunos, principalmente os mais tímidos, que não se sentirão preparados nas dificuldades do mercado de trabalho caso não consigam se impor.

Decide-se as habilidades que irão ser resolvidas em grupo conforme o estudo das listas, e da formulação do ciclo longo, já que este define em sua criação um conjunto de habilidades que tem que serem ao mínimo abordadas antes de sua aplicação. Ao fazer a escolha da habilidade, observa-se o assunto que estará sendo perpassado no momento, e decide sobre qual atividade se fará o projeto. Isto, portanto, é uma mudança clara da lógica de criação do ciclo curto ao médio, enquanto o primeiro iniciava seus trabalhos focando-se nos temas históricos, e sua relação com o presente, o segundo buscará ser basilar sob as

dificuldades dos indivíduos ao coletivo, e como o ensino de história pode ser solucionador deste problema.

Inicialmente, buscam-se quais habilidades coletivas a turma tem dificuldade, principalmente as que são pré-requisito a aplicação do ciclo longo, digamos que Liderança, Habilidade em solucionar problemas em equipe, Separação de tarefas e coordenação, questões simples, que serão cobradas do aluno fora escola. Escolhe-se uma delas, a que se achar mais oportuna, não, necessariamente, sendo incapaz de abordar mais de uma única habilidade, contudo, focando-se necessariamente em uma única. No exemplo em questão fora escolhida liderança, já que a turma em sua maioria se demonstra dispersa, muito tímida, e dificilmente se apresenta como protagonista nas questões do colégio. Ao escolher a habilidade que deseja ser realizada, escolhe-se o tema, seguindo a mesma lógica do exemplo anterior, escolheria Revolução Francesa, que já seria até então um tema trabalhado em atividades primárias, e teria em consequência já um arcabouço de relações já feitas com o fato presente, passíveis de serem escolhidas, desta forma decide-se a atividade.

A obrigação primária será a compreensão da habilidade escolhida, o pensamento será, portanto, na pergunta: Como eu, professor, conseguirei em uma atividade em grupo fazer com que os alunos desenvolvam a habilidade escolhida, seguindo a proposta de relacionarem o passado, com o presente, na criação de algo novo e próprio, para a absorção da matéria história. A escolha da atividade é como sempre uma escolha individual do professor, de difícil recomendação, já que para cada turma existe um caso, e cada professor existe sua forma de trabalhar, portanto, o exemplo em questão apenas funciona como arcabouço teórico da aplicação dos fundamentos, e não uma representação única de sua aplicação.

Nesta lógica, várias formas de atividade poderiam ser aplicadas, seja a divisão da turma em pequenos partidos políticos, sobre a ótica da política da revolução francesa, sendo cada aluno ministro de determinada área, tendo que defender seu ponto, isto permitindo o protagonismo, e liderança de cada um sobre áreas distintas. Ou mesmo, a atividade consistiria em que se escolheria dois líderes, alunos, um ao lado dos Girondinos, e outro dos Jacobinos, que assumiriam papel de liderança, cada um tentaria conquistar outros alunos a sua causa política por argumentos, e cada aluno que aceitasse se tornaria o líder e teria obrigação de atrair outro aluno, ganhando o grupo que mais adquirisse alunos ao seu lado.

O principal objetivo geral do ciclo médio é proporcionar ao aluno, por meio do ensino de história, uma oportunidade de agir em grupo, aprender que é personagem integrante de

uma sociedade, e das necessidades óbvias de saber socializa-se, e defender seu lado diante outras pessoas, utilizando argumentos, e sendo capaz de rebater os contrários. Neste ponto, o ensino passa a expandir sua importância fora às questões históricas, e como elas afetam a vida e sociedade, e começa a desenvolver como o aluno age sobre todos os outros aspectos de sua vida, afinal, define condições para sua independência como ser, ao se encontrar fora dos muros do colégio. A metodologia LTD fundamentasse principalmente na formação do cidadão, e o ciclo médio vem alcançando este passo, que se torna ainda mais claro no próximo ciclo, o longo, já que desenvolve o ambiente escolar não apenas como modificador do ambiente interescolar, mais extraescolar, ou seja, busca abarcar soluções fora dos muros do colégio, em seu entorno. Veremos este ponto mais adiante.

Em resumo, os pontos fundamentais para a aplicação do ciclo médio são:

- A escolha de uma habilidade coletiva a ser desenvolvida, conforme as necessárias para a realização do ciclo longo, definidas nas listas primárias
- Uma atividade que envolva a turma de forma coletiva, mesmo que, para melhor aplicação, seja necessária a divisão desta mesma em grupos.
- Um foco primordial ao desenvolvimento das habilidades, busca-se utilizar a relação passado-presente como apoio para desenvolver estas.
- Tem fundamento na independência do aluno ante os mesmos, ou seja, a capacidade deste aluno se destacar em suas individualidades, enquanto este complementa o grupo por meio destas.

2.5.4. – O TERCEIRO PASSO: EXEMPLO EM CICLO LONGO DA APLICAÇÃO DO “DO YOURSELF”

Os três ciclos possuem objetivos em correlação a seu tamanho, suas atividades que correspondem ao terceiro ciclo são um reflexo de tal concordância. No ciclo curto buscou-se ensinar os fundamentos, as bases do ensino histórico, a relação direta entre os fatos históricos e a realidade do aluno. Já no ciclo médio buscou-se relacionar o ensino ativo na matéria de história como uma oportunidade de desenvolver habilidades voltadas ao coletivo, ou seja, que o aluno consiga num grupo demonstrar suas particularidades e sentir-se parte integrante do grupo. No ciclo longo toma-se a mesma proposta, aumentando, conseqüentemente o escopo.

O terceiro passo do ciclo longo representa a conclusão de todo o processo educativo de o método LTD propõe ao todo ano, e é também, a conclusão de todo o planejamento anual que se fora feito nas listas de análise desde o principio de sua aplicação. Nele, busca-se ao mesmo tempo, propor que o aluno aplique na pratica as inúmeras habilidades que foram ensinadas e aprimoradas ao logo de todo o ano, como tomar papel como modificador social em sua comunidade. Ou seja, o terceiro processo busca criar um projeto material que se expanda além os muros do colégio, e comesse a envolver o ambiente social em que este aluno vive.

Justificando de forma mais aprofundada, este ciclo busca proporcionar ao aluno uma experiência de mudança social em seu ambiente, isto apoiado pelo professor. Observar o ambiente em que vivem, e começar a compreender como o ensino de historia permite compreender os fatores que levaram a construir tal ambiente, e também, como é possível modifica-lo para melhor. Observe que desde o principio na relação passado e presente, sempre focado em contextos próximos a realidade do aluno, fora introduzida esta discursão, desde o principio da aplicação da metodologia ativa, sejam nas aulas, como nas atividades, o professor permitiu ensinar ao aluno sobre como a educação, e o estudo critico do seu passado permitem conhecer as vicissitudes do seu ambiente. O que se decide como ultimo foco da relação educacional é permitir que o aluno espalhasse este conhecimento e o pensamento critica sobre a sociedade em que vive, seja para seus pais, parentes, vizinhos.

Por isto, esta atividade corresponde ao ciclo longo. Ela é distinta tanto em sua complexidade, devido ao seu amplo objetivo, como a sua proposta expansiva, não se trata de uma gincana entre turmas, ou olimpíadas entre as salas, como é comum aos colégios, mas de uma atividade pratica que envolva transmitir o conhecimento histórico a comunidade local. A sua complexidade é autoexplicativa, apenas após a conclusão de inúmeros ciclos curtos e médios, o trabalho de inúmeras habilidades, e a relação presente e passado de inúmeros assuntos históricos, que se consegue tornar possível, mesmo com dificuldade, que o aluno se sinta preparado a ser o protagonista de uma mudança social tão grande, quanto esta proposta propõem-se a ser.

A principio, por sua complexidade, é a primeira atividade a ser planejada em todo o ano, logo após a criação das listas de analise, e nela, inclui-se todas as habilidades que os alunos possuem dificuldades, e que, ao longo do ano devem aprender, adquirindo então a importância de ser o teste máximo ao sistema. Como também, ela funciona como um guia

para o professor, além é claro das listas. Pelas listas o professor sabe onde esta, pela atividade o professor tem o objetivo para se onde deseja chegar no período de um ano letivo. Seu sucesso em aplicação é o próprio sucesso do professor, e da metodologia LTD, portanto, é a confirmação definitiva do funcionamento do sistema.

Tal importância com a sociedade fora observada desde as críticas iniciais, abordadas na introdução deste projeto, em que se notou em muitas comunidades o desinteresse pela matéria História, como também o escárnio que esta estava sofrendo por estas partes da sociedade, que ignoravam sua importância, e permitiam-se decair sobre o relativismo histórico. Ao realizar uma atividade que envolve todo um grupo social, e lembrando que tal metodologia volta-se ao ensino em colégios localizados em áreas carentes, sobre diversas necessidades educacionais, traz o papel de difusor histórico a um grupo que não possui contato com o passado fora a fatos distorcidos compartilhados pelas redes sociais. Como também, permite a sociedade observar a importância que a educação crítica de história e como ela modificou os alunos, os transformando em seres ativos em comunidade, que buscam ensinar e transmitir o conhecimento adquirido, de forma a que todos compreendam.

A escolha da atividade, como em todos os outros ciclos anteriores, é da escolha do professor. Apenas o próprio, conseguindo observar a região em que se encontra, como também a turma em que está trabalhando, suas dificuldades e facilidades, conseguirá definir por perfeito aquilo que pode realizar. Contudo, deve se pensar algo que seja possível de ser apresentado a toda uma comunidade da forma mais barata e fácil possível. Caso haja no bairro um teatro público, ou um espaço de encontro dos moradores, como uma associação ou mesmo uma quadra poliesportiva, talvez utilizar este espaço público como local da apresentação, seja uma peça de teatro realizada pelos alunos, ou uma feira cultural. Caso não haja nenhum espaço público que possua espaço, e segurança para a apresentação, o que é comum, que seja feito dentro do espaço do colégio, até mesmo na própria sala de aula.

Ao mesmo tempo em que, por estamos focados numa nova realidade, sob dinâmicas totalmente inovadoras, não deve o professor apenas se prender a realização física do evento. É totalmente possível, principalmente neste período pandêmico, a realização online da atividade, seja por meio de *lives* em aplicativos já ordinariamente utilizados, como o Youtube, ou por vídeos e infográficos compartilhados por aplicativos de mensagens. Contudo, como já relatado, esta fórmula é controversa no ensino público devido a decorrente da discrepância do acesso a tecnologia.

A principal questão que deve ser observada é a capacidade do aluno de conseguir tomar o aspecto ativo na sociedade, o professor apenas deve conseguir definir em qual área, e de que modo tal realização possa ser facilitada, e tenha maior impacto, seja ela fisicamente, ou por meio da internet. Ao fim do ano, e o fim de um longo ciclo LTD, o aluno deve estar ciente do seu papel de integração na sociedade, e de moldador da história. O que se busca é permitir que a educação seja libertadora, como Paulo Freire há décadas já nos incentiva a ensinar, permitir que a matéria de história que está atualmente sofrendo perdas terríveis em espaço com as reformas do ensino fundamental e médio, consiga galgar novamente ao seu nobre espaço, como matéria fundamental para a formação do cidadão brasileiro. E como já a tanto dito, o fim do longo ciclo LTD incentiva a própria sociedade, há anos já formada e educada, considerando nisto que muito da educação sofreu devido a precariedade secular do ensino brasileiro, a compreender a importância do ensino de história aos mais jovens, e passar por isto a defender tanto sua obrigatoriedade, como o aumento de sua carga horaria nas grades curriculares.

CAPITULO III – A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO LTD

3.2. – DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO MÉTODO A SUA APLICAÇÃO

Distintamente das ciências exatas, que embora sejam necessárias as ações praticas para se testar os cálculos, estas pouco diferem para se comprovar se a teoria é verdadeira ou não. A teoria de ondas de Einstein demorou décadas até a ciência evoluir de forma que fosse possível comprovar na pratica sua fundamentação, nem por isso impediu de toda uma camada científica basilar com outros cálculos que a teoria era embasada por si mesmo. Contudo, as ciências humanas não possuem tal vantagem, uma teoria proposta, embora seu profundo embasamento, sem a pratica não representa em muito um modelo passível de ser considerado real.

Tal fora o problema por mim deparado pelo método LTD. Como já demonstrado por inúmeros argumentos provenientes de toda a fortuna critica que aqui fora analisada, todas as matérias sobre os pensamentos atuais econômicos e mercadológicos, como as próprias mudanças jurídicas que vem acontecendo, e que vem retirando o espaço da historia na educação publica, com certo apoio popular. Todos esses inúmeros movimentos acometeram-se na criação da metodologia ativa por aqui apresentada, distinta de todas as outras já existentes por sua própria criação esta relacionada de forma intrínseca a realidade do ensino nacional. Todavia, sem a representação pratica do projeto, ou seja, a realização num contexto real daquilo que se fora teorizado, não havia meios cabíveis de afirmar que tudo aquilo que fora defendido no LTD era de fato uma realidade, ou que mesmo que funcionando parcialmente, apresentasse erros graves, que necessitassem uma mudança urgente.

Buscou-se então alguma forma de aplica-lo em uma sala de aula, o que se demonstrou um problema. Era uma tese feita por um estudante ainda em graduação, diferente das realizadas por professores do ProfHistória, que já estão participando do mercado de trabalho. No meu caso, era necessário encontrar um professor que cedesse seu espaço de sala de aula, ao mesmo tempo que apoiasse a aplicação do método, e com isso, em conjunto, fosse possível analisar a eficácia do sistema. Como também, na escolha deste colégio, havia pontos específicos obrigatórios a se ter, para que realmente pudesse ser realmente testado o real funcionamento do projeto teórico. Pontos como, a necessidade do colégio ser publico, independente da esfera de poder, seja estadual, municipal ou federal; como também, que fosse

um ambiente com dificuldades estruturais e sociais, que refletissem isto no ensino tradicional, conforme era visto no relato dos outros professores em seus artigos.

O que se compreendeu era que, se a metodologia LTD se propunha ser uma metodologia ativa criada voltada para as situações precárias de ensino, típicas do ensino público brasileiro, decorrente aos anos de baixo investimento público, e problemas socioeconômicas de sua população, deveria esta metodologia ser apresentada num colégio que apresentasse tais dificuldades. Não era realmente difícil encontrar um colégio sob estes aspectos, observamos a realidade do ensino público brasileiro, e infelizmente contactamos que em sua grande maioria encontram desamparados pelo sistema público.

Com isso, fora encontrada uma solução viável, apresentada pela própria universidade, os estágios obrigatórios. Com os estágios obrigatórios me encontraria diante da realidade do ensino público, podendo comandar por um curto período de tempo uma sala de aula. Conseguindo o apoio do professor responsável, e espaço para realizar o projeto, era possível com isso testar na prática o modelo ativo de ensino, e comprovar seu funcionamento ou não.

Todavia, devido a uma questão fora do controle de qualquer um, a pandemia mundial do Corona vírus, todo o sistema de ensino, público e privado fora afetado. E tal problemática conversou profundamente com o tema do projeto. Fora comprovado que os ensinos particulares, embora tenham sofrido um baque inicial com o fechamento físico de suas instituições, e a redução do serviço, foram os primeiros a voltar por meio do ensino remoto, ou seja, por meio de aulas online, sejam por meio de plataformas já existentes, como por meio da criação de plataformas próprias e privadas de apresentação. Como também, os alunos destas instituições particulares tenham sofrido um baque inicial, tiveram a capacidade de adaptar-se ao ensino remoto, adquirindo a tecnologia necessária, como o acesso a internet. O que retiramos em resumo é que, o ensino privado que já tinha facilidade anteriormente à pandemia na aplicação de metodologias ativas e forma de ensinos remotos, já possuía uma pré-estrutura, ou pelo menos, a capacidade tal estruturação, que no momento em que o ensino remoto se tornou único e obrigatório, facilmente conseguiu adaptar-se a esta nova realidade.

O ensino público, que já sofria com o modelo tradicional presencial, incapaz de modificarem-se para o ensino remoto, nem mesmo de forma parcial, com preconizava algumas metodologias ativas, na pandemia simplesmente morreu. E se retornamos aos gráficos que demonstram o acesso a tecnologia comprovaremos já o anúncio deste desastre que ocorreu com o ensino público. Por praticamente um ano os colégios públicos ficaram

totalmente fechados, milhares de alunos foram prejudicados, como também inúmeros professores. Ainda assim, quando se pensou, e iniciou a retomada do ensino de forma remota, não fora nem próximo ao que era o ensino presencial, que já era precário. A pandemia escancarou ainda mais a precariedade do ensino público brasileiro, e justificou ainda mais a necessidade da metodologia ativa que estava sendo criada.

Era como já foi dito, necessário apresentar na prática o método LTD, e fora durante a pandemia, num colégio simples, do interior de Sergipe, no ensino remoto, que fora aplicado o método. O que aqui está apresentado é que fora criado o método pensando em solucionar o problema já grave do ensino presencial público, e na realidade em que se encontrava teve que ser obrigado a se apresentar numa realidade ainda mais drástica. Mesmo ele não tendo sido criado imaginando o ensino remoto, e a obrigatoriedade do uso de tecnologias, que já havia sido comprovado, em sua relação teórica, que era extremamente complicado de se fazer no ensino público. Não houve em si alternativas.

Ao mesmo tempo, não fora escolhido o método LTD por sua necessidade de ser testado, mas por que fora a única solução viável diante todas as possibilidades apresentadas, como será justificado. A sua aplicação na prática se deu a um conjunto de fatores, principalmente a dificuldade que os alunos estavam tendo de acompanhar o formato de aula apresentado pelos professores no ensino remoto, que nem proximamente se equiparava a realidade dos alunos. Como também, uma maior liberdade do colégio, cujo mesmo não conseguia definir um modelo único para o ensino remoto naquele colégio, deixando ao professor a liberdade de apresentar os assuntos da melhor forma que encontrasse.

Para, portanto, a melhor compreensão do que fora essa primeira aplicação do método, devemos inicialmente compreender como se realizou o estágio obrigatório, em qual colégio, sobre a orientação de qual professor, e principalmente, o que fora possível ser observado na prática, não apenas na matéria de história, mas sobre todas as matérias da série que trabalhei, e o formato apresentado por todos os professores. Como todo esse processo corroborou para a confirmação daquilo que se fora observado no campo teórico do método pelos artigos publicados, e que justificou a possibilidade de ser apresentado um novo formato de ensino.

3.3. – O FUNCIONAMENTO DE UM COLÉGIO PÚBLICO DURANTE A PANDEMIA

Durante a pandemia todas as condições estruturais foram ignoradas, afinal, todo ambiente do colégio estava fechado, salas de aula, quadra esportiva, biblioteca, sala de informática, isto em todos os colégios, públicos ou privados. Este ponto ainda afetou outros ambientes públicos, como bibliotecas públicas e museus. Partes destas estruturas funcionaram num sistema parcial online, como algumas bibliotecas, em seu acervo digital, contudo, não representam nem parcela da sua capacidade presencial, isto enquanto outros eram totalmente impossibilitados de existirem no ambiente virtual.

Com isto, prendeu-se o aluno na realidade atual em que se encontrava, e retirou dele o aspecto do auxílio público na educação, impossibilitando ao mesmo caso não possuir condições de ter internet e tecnologia em casa de acessar ambientes públicos como bibliotecas, e salas de informática. Este ambiente de isolamento frente à educação foi fortemente apresentado nas camadas sociais mais frágeis, sem condições financeiras para evitar tal situação. Não houve, portanto, nenhum apelo federal neste período para que se remediasse tal situação, com exceção de um auxílio emergencial para subsistência, que devido a seu valor contido, e o aumento exponencial dos preços dos produtos tecnológicos recorrente ao aumento do dólar, e crise na produção de microchips, a compra destes produtos que permitiria o acesso deste aluno a educação virtual foi impossibilitada.

Por praticamente um ano os colégios públicos não tiveram ao menos o ensino remoto como opção, e, ao iniciarem o modelo virtual encontraram uma grande dificuldade de conseguir trazer os alunos para as aulas, o êxodo educacional já preocupante, aumentou 5% no ensino fundamental, e 10% no ensino médio³⁸, menos alunos durante a pandemia foram para as salas de aula. Alguns colégios propuseram a entrega presencial de listas de atividades, nos quais os responsáveis dos alunos iam até os colégios retirarem e devolverem a atividade, como em alguns estados retirar também cestas básicas para o auxílio familiar, contudo, é impossível afirmar que num modelo já criticado pelo precário ensino, apenas a aplicação de listas de atividades pudesse ajudar em algo.

Nesta realidade, o colégio escolhido para se aplicar a metodologia ativa LTD foi o Colégio Estadual Severiano Cardoso, um colégio simples, do interior de Sergipe, de governança do estado, e localizado no município de Boquim. As aulas foram apresentadas no primeiro semestre de 2021, num contexto em que a terceira onda de pandemia era o principal

³⁸Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/814382-educadores-alertam-para-aumento-de-evasao-escolar-durante-a-pandemia/> Acesso em: 12/09/2021.

assunto, preocupando por sua violência devido as variantes virais, que levavam a números superiores de mil mortes por dia. Não havia prospecção alguma de abertura próxima, seja do colégio, ou de qualquer área publica. O colégio, que havia por um ano estado fechado, havia aplicado agora não um sistema híbrido, mas duplo, parte dos alunos sem acesso algum a tecnologia não iria acompanhar as aulas online, mas receber listas de atividades, que eram corrigidas pelos professores. Já, parte da turma, que possuía parcialmente acesso a internet, iriam receber as aulas virtuais, centralizadas num grupo de mensagens do aplicativo Whatsapp, sendo criado para cada turma um único grupo dividido por todos os professores. Estes, que possuíam total liberdade para utilizar outras plataformas, como as de Chat Virtual, como o Google Meet, e o Zoom.

Todo o contexto deste colégio era o mesmo de inúmeros outros colégios públicos, não houve uma coordenação federal do ministério da educação definindo quais os parâmetros deveriam ser seguidos. Como também, não houve um investimento em acessibilidade a estes alunos, pelo contrario, o governo federal havia barrado projetos que davam acesso gratuito a internet para estes alunos³⁹, ou mesmo incentivou a compra de aparelhos tecnológicos e sua distribuição gratuita a estes alunos. Os colégios, tanto quanto os professores tentaram neste período fazer o melhor possível, e deve-se a possibilidade de apresentar um projeto como este, nesta situação, pela constatação da necessidade dele naquele momento, e pela liberdade dada pelo colégio, principalmente pelo menos não ser orientado por um caminho já definido pelo governo.

Fui orientado neste período pelo professor Humberto Ferreira da Silva, que havia há pouquíssimo tempo sido transferido para aquele colégio, ainda durante o período da pandemia, ou seja, nem o mesmo havia tido tempo de se orientar sobre a turma, e todo o funcionamento do colégio. Fiquei, portanto, ao longo de quase dois meses apenas acompanhando a aula de todos os professores, possibilidade me dada por haver um único grupo para as turmas. Estas exatamente do ensino fundamental, correspondentes ao nono ano A, e B, em salas com aproximadamente cinquenta alunos, que menos da metade conseguia acompanhar o ensino remoto, e menos de um terço participava. Compreender, então, como cada professor ministrava sua aula, nós levaremos a compreender por que a metodologia LTD, que não havia sido testada, tornou-se a única viável.

³⁹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-03/governo-veta-lei-que-da-estudantes-acesso-gratuito-internet> Acesso em: 12/09/2021.

Fora debatido no início do trabalho a dificuldade que muitos professores tinham em se adaptar a mudanças, principalmente as que forçosamente estavam acontecendo, devido a revolução tecnológica. Muitos desses presos a métodos de ensino tradicionais, quando não, há modelos de ensino que não compactuam com a realidade do ensino público. Não fora diferente esta observação na prática, como fora visto já nos artigos estudados, a maioria dos professores não compreendiam a realidade em que estavam expostos, e ignoravam as condições socioeconômicas dos próprios alunos.

Os professores em si, analisando friamente suas aulas, podiam ser divididos em dois grupos, os primeiros, que se apoiavam principalmente nas aulas online ao vivo, por plataformas como Google Meet, predominantemente usada, em si, buscavam funcionar da mesma forma que as presenciais, no modelo clássico, o professor apresentava o assunto a aqueles que estavam presentes, e ao fim, passava no grupo uma atividade, na qual, pedia que os alunos respondessem no caderno físico, e mandassem fotos para eles. Já o segundo abdicaram das aulas presenciais ao vivo, e formulavam suas aulas na dupla vídeo-atividade, no qual passavam um vídeo, não em si produzido por eles, e depois uma atividade a ser respondida no Google Forms, plataforma que permite a criação de questionários e provas, e corrige automaticamente inúmeras questões, contudo, que requer um conhecimento básico de informática para utilizá-lo.

Por mais de um mês observei todos estes processos acontecendo, cada professor utilizando métodos próprios, todos típicos de um ensino mais antigo, embora usassem novas tecnologias, ao nenhum momento foi visto a aplicação de alguma metodologia ativa, na forma que seja. O que se encontrou foi um ensino público esfacelado pela pandemia, no momento em que os professores perderam total contato com o aluno, e habilidade para educá-los naquela situação, e alunos completamente despreparados, que não apresentavam habilidades necessárias para estarem naquela série, pelo contrário, estavam extremamente defasados educacionalmente.

Em todos os modelos utilizados pelos professores a realidade dos alunos fora ignorada, ainda mais quando se observava os lamentos de muitos, que publicavam no grupo da sala frases como “não posso ir para aula por que aqui está sem internet”, “aqui choveu e a internet caiu, só voltou agora de tarde”, “meus pais estão usando o celular de tarde, não consegui fazer a atividade”, “a aula está travando”. Além disto, as próprias respostas que os alunos davam as questões alertavam sobre um problema gravíssimo, que não tinha a

importância que devia, os alunos não compreendiam o que estava se perguntando, não conseguiam analisar corretamente uma imagem, ao ponto, este fora um momento importante para minha escolha de método, em que durante uma aula de história, falando sobre voto de cabresto, o professor apresenta uma charge de um homem com uma cabeça de cavalo votando, esta imagem estava no livro didático disponível para eles, como o título VOTO DE CABRESTO. O professor perguntou sobre o que eles viam na imagem, as três primeiras respostas foram “um cavalo”, seguidas de “um cavalo votando”, e nenhuma fez menção ao assunto em si.

Muitos professores que utilizavam aulas ao vivo eram obrigados a dar aula para uma parcela minúscula da turma, que mesmo assim reclamavam em sua maioria que a aula travava, e que caíam da conexão e perdiam parte da aula, isto quando a perdiam por completo, e quando mandavam as atividades feitas nos cadernos, devido a qualidade da câmera dos celulares dos alunos, e da própria caligrafia dos mesmos, tornava-se impossível compreender o que eles estavam respondendo. Quando o professor utilizava vídeos, e atividades no Google Forms, muitos alunos não viam os vídeos, por que alertavam que não conseguiam assistir fora do horário da sala, já que muitos não possuíam celulares próprios, e utilizavam o celular dos pais, e quanto tentavam responder os questionários reclamavam que não compreendiam o sistema, e como funcionava o site, ficando incapazes de responder as atividades.

Não havia, portanto, possibilidade de utilizar o mesmo sistema de ensino que os professores aplicavam. Primeiro se comprovou que o ensino clássico não era funcional naquele ambiente, logo em seguida tentou buscar metodologias ativas possíveis, todas mais comuns foram descartadas por sua impossibilidade, tanto a falta do acesso a tecnologia, quanto a impossibilidade da reunião em grupos presenciais, seja para a discussão de propostas, como a criação de atividades como no Gamification. Surgiu, portanto, na valia de possibilidades a metodologia ativa LTD, que já possuía todo seu arcabouço teórico, e metodológico escrito e comparado a outras metodologias ativas e o ensino clássico. Como também, havia sido pensado de forma inicial, para suprir as necessidades educacionais como a encontrada em questão, mesmo ela não tendo sido pensada para o ensino remoto, era possível, já que o sistema permitia, caso fosse possível o uso de tecnologia, embora não o recomendasse.

O método ativo de ensino *Learning, Think and Do yourself* (LTD), fora então aplicado durante o período pandêmico, no ensino remoto, sem com isso, retirar ou modificar nenhum

dos seus pontos, ou passos. A forma de fazer as aulas modificou-se, como já era previsto no sistema, contudo, toda a lógica da criação de listas, formulação de ciclos longos, médios e curtos, e todos os três passos do método foram seguidos à risca, conforme metodologicamente previsto. Portanto, o relato adiante da sua aplicação, é uma constatação da sua eficácia, em detrimento de outros modelos de ensino que estavam sendo aplicados. Conseguiu-se num curto período de tempo acompanhar uma evolução visível da turma, que, se pudesse ter tido uma maior continuidade, seus efeitos seus efeitos ainda maiores, como veremos. Cabe ressaltar que todo, e qualquer passo apresentado fora acompanhado pelo professor orientador, que deu segurança a aquilo que era feito, e aprovou os processos educacionais realizados, que foram no final, apresentados junto com seus resultados ao coordenador da matéria.

3.4. – A METODOLOGIA LEARNING, THINK AND DO YOURSELF (LTD) NA SALA DE AULA

Durante estes quase dois meses iniciais de pura observação das turmas foram realizados os primeiros passos da primeira parte da metodologia, a criação das listas. A princípio cabe ressaltar que, devido aos alunos não colocarem os nomes completos como contato, e muitos utilizarem o nome dos pais, ou “*nicknames*” que modificavam a cada aula, fora impossível criar listas individuais, sendo a única possível à lista da turma. Como também, a princípio, fora combinado um conjunto de vinte aulas, dividido em cinco semanas, que no fim tiveram que serem prolongadas para sete semanas, ou vinte quatro aulas, estas, divididas igualmente em duas turmas. Todo esse acordo fora feito a priori com o professor orientador, para o qual fora apresentado todo o plano de aula, como também a relação das atividades semanais e atividade final. Partindo desse princípio, temos a fundamentação que iniciou a construção das aulas.

Como vemos durante este primeiro mês, assim ficaram as listas iniciais:

Lista da observação geral dos sistemas estruturais do ensino

| | |
|---|--|
| <p>Estrutura Básica (Sala de aula)</p> | <p>O colégio Estadual Severiano Cardoso encontrado no interior do estado de Sergipe, do município de Boquim, apresentou-se durante a pandemia, onde sua estrutura presencial estava impossibilitada. O colégio apresenta todas suas aulas por meio de aplicativos privados, de acesso gratuito, como os da empresa Google, como os da empresa Meta, antiga Facebook.</p> |
| <p>Estruturas especiais (Bibliotecas, Cinematecas, Ginásio etc)</p> | <p>Devido às aulas serem realizadas exclusivamente no ensino remoto, durante um dos piores períodos da pandemia de corona vírus. Portanto, nenhuma estrutura do colégio pode ser analisada, ou mesmo, utilizada para sala de aula.</p> |
| <p>Quadro técnico e Dificuldades extraescolares</p> | <p>O colégio sofrera uma desorientação geral causada pela pandemia, que tanto afetou o quadro gestor do colégio, como o corpo docente, com isto, embora a qualidade encontrada nestes profissionais observou-se uma defasagem para as necessidades dos alunos.</p> <p>A principal dificuldade extra escolar fora as condições precárias socioeconômicas, que durante a pandemia foram ainda mais agravadas, afetando diretamente os alunos, e seu meio familiar.</p> |
| <p>Lista da Observação Cíclica das Capacidades da Turma – Nono ano (A e B); Ensino Fundamental II.</p> | |
| <p>Situação educacional comparativa ao ano pertencente</p> | <p>A turma do nono ano do ensino fundamental II encontra-se em defasagem gritante em relação ao que se é esperado. Os alunos possuem dificuldades básicas em relação à escrita e interpretação. Como também desconhecem relações históricas que deveriam ter sido desenvolvidas nos anos anteriores.</p> |
| <p>Relatório da existência de problemas extraclasse</p> | <p>Grande parcela dos alunos esta em situação de vulnerabilidade financeira, aspecto que se torna gritante no ensino remoto. Grande parcela não possui um acesso a uma internet banda larga de qualidade, ou mesmo possui um aparelho tecnológico próprio, seja um celular ou um computador, tendo que utilizar o de algum responsável.</p> |

| | |
|------------------------------------|---|
| Relatório de problemas em classe | Os alunos recorrentemente faltam às aulas, muitos afirmado a falta se dever a queda da rede de internet, outros nem ao menos justificam. Devido, também, ao dificultoso acesso a internet dos alunos, eles raramente conseguem participar de aulas online, e não compreendem o funcionamento de sites como o Google Forms. |
| Habilidades em dificuldade | Os alunos em sua maioria possuem dificuldade extrema em interpretar textos, e analisar dados. Sendo esta a característica mais visível que pode ser analisada no ensino remoto. |
| Habilidades em posição exponencial | São criativos, principalmente quando incentivados por alguns professores. |
| Media anterior | O sistema de pontuação no ensino remoto está sendo em inúmeros colégios públicos uma gigantesca falácia, sendo seus dados pouco importantes para a análise que o método propõe. Além disto, nem mesmo o próprio professor possuía as medias anteriores. |
| Média esperada em desenvolvimento | Não se propôs um projeto, já que se buscou ao menos haver um desenvolvimento que se regulariza o nível acadêmico dos alunos ao que era esperado para um nono ano do ensino fundamental. |

Estas duas listas foram base para a criação das aulas feitas conforme definido no primeiro passo do modelo teórico. Com isto realizado, era possível escolher os assuntos que seriam ministrados, e como também, a atividade final. Era necessário, e importante, que todos os passos definidos na teoria fossem realizados, observando se seriam funcionais. Com isto, se deu continuidade no planejamento da aula, no qual, após as listas realizadas, definem-se os ciclos, e os assuntos e habilidades que se tratara em cada ciclo. Tal processo se realizou com um sucesso considerável, principalmente quando observamos que num planejamento de cinco semanas, acabou se tendo a necessidade de aumentar este cronograma, e mesmo assim, não houve perdas estruturais ao modelo.

O período de aulas do estagio correspondia a praticamente metade do trimestre, um tempo reduzido, que só permitia a aplicação de ciclos de curta e media duração. Desta forma,

planejou-se um conjunto de ciclos curtos LTD que criariam uma base para a aplicação de uma maior atividade, num ciclo médio LTD. Tornava-se necessário apenas, seguindo o modelo teórico, decidir a habilidade ou as habilidades a serem desenvolvidas, e o assunto histórico em questão, definindo também, não por obstante, sua relação logica-focal com o presente. Analisando a lista da observação cíclica das capacidades da Turma notou que tanto na turma A, como na B, a principal habilidade em demérito naquela turma era a interpretação de texto, e que este deveria ser o principal foco de melhoria. Já, em relação aos assuntos ministrados, decidiu seguir uma ordem logica dos que já estavam sendo apresentados pelo professor, o que se demonstrou ser uma ótima solução, já que o próximo assunto previsto era A revolta da vacina, que permitiu que todos os ciclos curtos que envolviam este maior, abordassem o tema da história da saúde pública, e das pandemias em nosso país, tema, mais do que obvio, relevante para a realidade dos alunos, principalmente naquele exato momento.

Cada ciclo curto, sendo duas aulas por turma a cada semana, duraria uma semana, sendo na quinta e ultima a conclusão do ciclo de média duração. Definiu-se também os assuntos de cada curto ciclo, respectivamente, As mudanças higienistas no inicio do século XX, A revolta da vacina, A grande gripe de 1918 e A pandemia do Sars-Covid19, todos estes abordando fatos com possível relação com o presente, o ultimo assunto sendo uma analise direta da atualidade. Ao mesmo tempo, que se definiu nestas semanas um sistema de apoio ao processo, enquanto na primeira aula de cada semana realizava-se o primeiro passo, Learning, em que as aulas eram passadas por meio de podcasts, permitindo que o aluno ouvisse a qualquer momento, corrigindo o grave problema de eles não assistirem as aulas pela instabilidade da rede. Na segunda aula de cada semana se aplicava o segundo passo, tanto o *Think Today*, como o *Think New*, sendo que ao fim desta aula, cobrava-se uma atividade correspondente ao *Do yourself*, que possuía uma relação direta com a habilidade que se desejava alcançar no ciclo médio, servido como uma preparação para a atividade final.

A metodologia LTD na pratica funcionou perfeitamente, não por ter sido arrebatadora em resultados, embora tenha conseguido um sucesso considerável. Mas, por que dava uma orientação clara tanto aos alunos, quanto ao professor, as aulas com isto, fluíam perfeitamente, já que o aluno já tinha conhecimento de quando seria passado a atividade, e qual o assunto que ele deveria estudar, e como se deveria realizar a atividade, afinal, no *Think New* era passando um exemplo corrigido pelo professor, explicado em detalhes o que era necessário. Contudo, houve uma necessidade de adaptação, não no método em si, que se apresentava funcional, e deveras mais coordenado que os outros apresentados pelos outros

professores, precisou se aprofundar ainda mais no ensino da habilidade “interpretação de texto”, decidiu, pelo extremo atraso dos alunos neste ponto, e o escasso tempo, aumentar o esforço nas segundas aulas de cada semana em ensinar passo a passo como se lia um texto, como uma imagem possuía um texto, como até mesmo se respondia uma questão de interpretação de texto numa prova. Esta escolha fez-se necessário abdicar de algumas atividades planejadas para o *Do yourself* dos ciclos curtos, em prol de permitir que o aluno tivesse seu tempo para aprender o básico necessário para a atividade do ciclo médio. Isto se fora feito, e no resultado final, apresentou ter sido a solução mais acertada, como a comprovação da maleabilidade do sistema.

Durante as quatro semanas que foram aplicados os ciclos curtos se comprovou uma evolução na aprendizagem dos alunos, principalmente em relação à habilidade que tanto se trabalhava para sua melhora. Contudo, cabe ressaltar, o período tido para essa melhora, fora extremamente curto, e, como já teoricamente o método LTD demonstrava, com ciclos curtos, uma pequena mais contaste melhora poderia ser encontrada, e fora exatamente isto. Melhora essa de visão inda muito mais exponencial que física. O maior exemplo disto fora quando no período entre o terceiro ciclo curto, e o quarto o colégio requereu a realização de uma semana de provas, no modelo clássico, sendo delegado a mim esta obrigação para a matéria de história.

Toda a formulação da semana de provas fora um contraponto perfeito entre o modelo clássico, seja de ensino como avaliação, e o novo modelo, proveniente das metodologias ativas. Nesta semana, o colégio embora tenha determinado a realização de uma semana de provas, não deu diretrizes comuns de método aos professores, ficando a forma de cada prova conforme a escolha dos mesmos, ao mesmo tempo em que afirmava que estas deveriam ser feitas conforme estilo Enem. O que se demonstrou, fora algo que na teoria já era dito a muito tempo, as provas realizadas no ensino clássico ignoravam completamente o potencial evolutivo de cada aluno, principalmente por que em sua maioria cobravam a excelência na habilidade em que eles possuíam maior dificuldade, um atraso gritante, que era a interpretação de texto, não tendo havido no modelo clássico de ensino, qualquer tentativa de ajudar estes alunos neste ponto. Aquilo que se observou fora professores esforçados, que fizeram nas oportunidades que tiveram a revisão dos assuntos, de listas de atividades, contudo, não observaram que de fato, os alunos não estavam compreendendo aquilo que se perguntava, mesmo quando, e muitas vezes tinham, conhecimento sobre o tema.

A discrepância observada por estes dois modelos conseguiu ser comparada, quando, em mãos das avaliações corrigidas utilizando o modelo clássico, e a atividade de ciclo médio LTD, que apresentavam exatamente os mesmos temas, e as mesmas problemáticas, na primeira a nota geral da sala fora abaixo de quatro, enquanto no segundo a media se elevou a seis. Enquanto, o primeiro modelo os alunos marcavam respostas que demarcavam um erro pela falta de interpretação, já que a própria resposta estava tanto nos enunciados como no texto de apoio, como é feito na maioria das questões do Enem, ao permitir que este aluno dialogasse mais, e tivesse maior tempo e liberdade para interpretar o texto proposto, ele desenvolvia de forma correta suas respostas.

Com isto, é necessário explicar como funcionou o ciclo de media duração LTD, qual fora sua atividade, e como se fora corrigida, com isso, compreender quais foram as conclusões retiradas desta ação, tanto da pratica por si, como do teste de funcionalidade na pratica da metodologia ativa.

O modelo teórico exigia que um ciclo médio se baseasse em dois fatores, o trabalho em equipe, e o desenvolvimento de uma ou mais habilidades. Buscou a aplicação de uma atividade que simplificasse esta participação em grupo, devido à impossibilidade da reunião física dos alunos; já a habilidade, muito bem debatida, fora à busca da melhoria da interpretação de texto na turma, devido a sua defasagem gritante. A atividade compunha nos alunos em conjunto, grupos de até quatro alunos, contudo, neste contexto específico permitindo a atividade individual para aqueles que não conseguiam se comunicar com outros. Os alunos deveriam criar um país, e se colocar na figura de governança, com isto, desenvolver tanto a criatividade, como envolve-los no tema, fazendo com que a busca de soluções fosse também a busca de ajudar o país que haviam criado e afeiçoado. Na parte pratica, envolvendo o assunto, buscou se passar algumas questões que relacionavam o passado com o presente, sobre o tema geral “as pandemias no século XX e XXI”, com foco predominante no tema atual, como também, fez-se de forma perguntas, desta forma, o aluno deveria planejar no momento qual seria sua solução, o que permitiu a capacidade de agirem sobre maior pressão, e se adaptarem com maior facilidade. Em uma semana foram realizadas as atividades com grande êxito, e a correção das atividades permitiu-se desenhar qual fora o êxito da metodologia ativa LTD.

O que sempre se buscou com a metodologia ativa, como com qualquer outra, é que o aluno, aquele que participa, saia de um ponto específico, e de forma evolutiva e gradual,

aprenda habilidades consideradas necessárias para seu desenvolvimento profissional, e no contexto do colégio, social. As atividades do ciclo médio foram corrigidas, analisadas com a lista inicial, que definia os padrões básicos que se começaram a aplicação, como também, pela possibilidade, com a prova que fora realizada utilizando o modelo clássico.

De imediato, notou-se a completa distinção da resposta dada pela turma diante os dois sistemas, enquanto no primeiro praticamente não se apresentava o esforço individual do aluno de perguntar, e tirar as dúvidas, principalmente nas aulas de revisão, já no segundo era constante a busca dos alunos por ajuda, e para uma correção previa daquilo que faziam. Ou seja, quando se permitiu da um aspecto de protagonismo, este se tornou mais participativo em sala de aula. Esta participação se rebateu em outros pontos de valor importante, principalmente em relação ao desenvolvimento das capacidades, já que na prova, víamos que não havia oportunidade do aluno demonstrar um avanço, mesmo que modesto, já que havia uma única resposta correta, e erros de interpretação, mesmo quando o aluno compreendia o assunto, eram sumariamente zerados. Contudo, quando vamos observar as atividades, inúmeros alunos, como era já esperado, possuíam uma dificuldade tremenda na escrita e em relatar suas ideias em palavras, mesmo assim, da forma que se era possível, respondiam corretamente.

A principal capacidade e benefício que se observou com o método LTD fora conseguir avaliar a evolução subjetiva do aluno, principalmente com as maiores dificuldades. Houve um caso em específico, que a aluno particularmente era extremamente ativa nas aulas, respondia todas as atividades, e perguntas, contudo, notava-se o total desconhecimento das regras gramaticais formais, necessárias para as respostas, como uma incapacidade de construir respostas locadas em parágrafos, sempre escrevendo-as em poucas linhas dispersas. O método permitiu observar o esforço que aquela aluna, durante um período pandêmico, sob todos os problemas socioeconômicos, e problemas que o ensino remoto nos colégios públicos causava, analisar individualmente seu esforço, e da uma nota conforme seu desenvolvimento pessoal, e não coletivo, algo que a prova no modelo clássico havia ignorado por completo. O que mais se comprovou fora a visibilidade dada pelo modelo ativo de ensino, que permitiu que alunos que eram invisíveis num amplo contexto para os professores, tornassem-se mais participativos, e esforçados, e com isso, recompensados pela nota, que agora não simplesmente era uma pontuação injusta que não media os esforços, ou mesmo uma pontuação imaginaria, por uma obrigatoriedade do sistema de ter que passar o aluno.

Em contexto geral, a evolução encontrada na sala de aula fora exatamente àquilo que se esperava no modelo teórico. Em um único ciclo, esperasse uma evolução gradual, contudo, não a solução completa do problema, principalmente dado à gravidade de certas situações. Os alunos em questão possuíam uma grande defasagem em relação à habilidade básica de interpretar e analisar textos, isto prejudicava ao mesmo em praticamente todas as matérias, contudo, histórica primordialmente, por ser uma matéria que fundamentalmente requer uma profunda interpretação dos fatos, e sua comparação com o presente, de forma crítica. Em sete semanas, tempo que durou o projeto, podemos afirmar que houve uma melhoria gradual em toda turma, que, se houvesse em subsequência outros ciclos LTD de durações maiores esta habilidade teria a completa evolução.

O que podemos concluir é que o método em sua primeira aplicação teve resultados positivos, principalmente quando se analisa o contexto em que fora apresentado. Contudo, para maiores conclusões e confirmações seria necessário um período maior de testes. Comparando aos modelos de ensino que estavam sendo apresentados para os alunos, o método LTD fora o que melhor conseguiu agir ante as dificuldades, como também, o que melhor se acomodou ao ensino público, e remoto. Não é possível afirmar com o que fora apresentado seu resultado em longa duração, isto, apenas o tempo conseguira provar, todavia, neste curto período de tempo notou-se uma melhoria gradual, que abriu caminhos para a continuação do método.

CONCLUSÃO

Desde o início, buscou-se com este projeto a criação de algo novo, que tivesse um impacto fora dos muros da universidade. A apresentação às metodologias ativas, em contraponto a realidade do ensino brasileiro, principalmente o público, e a constante desvalorização do professor no mercado de trabalho, principalmente com reformas educacionais, como a do novo ensino médio, obrigaram a me voltar para este ambiente. As tecnologias que surgiam no século XXI impeliam aos professores em abraça-las ao seu ambiente, com isso, trazer novas habilidades para o sistema educacional, enquanto observava-se que o ensino público se tornava defasado com o passar com anos em relação a esta realidade. Era gritante a necessidade de uma nova metodologia ativa que falasse com a realidade brasileira, com a vida dos mais pobres.

A metodologia *Learning, Think, and Do yourself* embora seu nome em inglês, para se compactuar com os outros sistemas ativos que também possuem, é um modelo totalmente nacional, que busca solucionar problemas de nossa realidade. Ele surgiu ao falar com alunos do colégio público, ao ler artigos sobre o relato dos professores, e suas dificuldades, ao ouvir as queixas dos pais sobre o ensino, e diariamente assistir nos telejornais matérias sobre a precariedade do nosso ensino. Este modelo surgiu como uma forma de um aluno, e professor, que passou toda sua vida estudando em colégios particulares, pioneiros destes métodos, em levar tal forma de ensino para os alunos carentes, e que eram desassistidos pelo estado.

Todo o método fora construído em sua forma teoria ao longo de quase três anos, e teve como profunda inspiração nas obras de Paulo Freire, que lutava pela necessidade do ensino libertador, que não busca em apenas transformar os alunos em gravadores, mas agentes ativos do ensino, que criam seu próprio conhecimento em conjunto. Era a necessidade que eu já encontrava durante meu ensino médio, e Enem, em que via nos conjunto de assuntos que estudava uma ausência de sentido tremenda, não por sua ineficiência, pelo contrario, eram assuntos importantes para a vida, contudo, por sua forma que era apresentada, que em nada relacionavam com minha vida. Afinal, fora pelas inúmeras vezes que ouvi frases como “esse assunto serve para passar na prova”, ou “aprenda tal coisa por que irá cair na prova”, que, enquanto sofria para gravar todas as inúmeras matérias, indignava-me com a necessidade de tudo aquilo.

O ensino ativo LTD buscou ser um guia para os professores que estavam perdendo espaço neste novo mercado de trabalho, como um modelo que permitiria aos alunos

encontrarem um sentido naquilo que aprendiam, pelo menos na matéria de história, que fora fundamentalmente o objetivo a ser alcançado. Tentou destrinchar um conjunto gigantesco de trabalhos acadêmicos já existentes, de forma a fundamenta aquilo que era dito, e nos passos que se previa o método, minuciar cada detalhe, para que tanto isto se facilita para sua aplicação por qualquer professor, como também para reduzir ao máximo as duvidas que possivelmente possam ser encontradas.

A aplicação do método na pratica fora um ótimo acréscimo à fundamentação teórica, conseguiu se comprovar a funcionalidade do sistema, principalmente quando comparamos com a realizada que se fora feito. Se a metodologia LTD tem capacidades de funcionar num contexto pandêmico, em que inúmeros alunos de colégio publico que possuem acesso a tecnologia o tem com dificuldade. Seja utilizando celulares emprestados, ou com um acesso prejudicado a internet, o método de ensino conseguiu respeitar estas pessoas, e atender suas necessidades.

E permitido afirmar que o projeto de ensino criado possui um amplo potencial de aplicação, e de evolução. E necessário, obviamente, maiores testes que se comprove o real beneficio em longo prazo, como também, como este método funciona em outras realidades. Perguntas serão frequentes, não sabemos ainda se este método é compatível ao ensino particular, ou mesmo que este mesmo modelo possa ser utilizado para o ensino de outras meterias como geografia, ou literatura. Todo esse modelo tem ainda anos de caminho para se tornar tão bem fundamentado como os clássicos já aplicados nos colégios particulares.

A Priore, já é possível afirmar que é um bom modelo de ensino para se aplicar nos colégios públicos brasileiros, principalmente nos mais carentes e com maior dificuldade a acesso a tecnologias, isto, é claro, considerando a volta do ensino presencial, que com o avanço rápido da vacinação no país, torna-se uma alegre realidade. Provavelmente será o modelo defendido por mim em um futuro mestrado, ou doutorado, como também em livros não acadêmicos.

Trilha-se então dois caminhos em curto prazo para este método aqui apresentado, o primeiro, sua maior aplicação em salas de aulas, uma análise metódica, comparando de forma científica a outras turmas que não apresente este modelo de ensino. Como também, a criação de manuais com temas já pré-trabalhados, que deem suporte a professores inexperientes, tanto no ensino como todo, como também as metodologias ativas, que funcione, assim como o modelo teórico do método, como uma bussola para uma mudança na forma de ensinar.

É, de fato, um sistema novo, ainda não totalmente testado, contudo, muito bem embasado em sua fortuna critica apresentada. Ao longo do tempo diversos passos e fórmulas aqui apresentadas acabarão mudando, obviamente. Contudo, nota-se a urgência de sua aplicação na pratica, e a sua competência desde já em conseguir ser um método alternativo ao ensino clássico brasileiro, que já se demonstrou de forma clara, e indiscutível, falho e atrasado. O ensino brasileiro precisa trazer o aluno ao protagonismo da educação, que este aluno se torne agente de mudança no ensino, e leve seu conhecimento para a sociedade. Quando os alunos conseguem transmitir seu conhecimento, e a importância do ensino para a sociedade, temos um grande aliado contra os reverbérios que a educação sofre pelo estado, que em suas novas mudanças retira a importância dos profissionais mais importantes do país, os professores.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José. Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARBOSA, Rosa da Cunha et al. Aula invertida na EAD: Visão dos docentes. REDIN, v. 8, n. 1, p. 1-11, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1518>. Acesso em: 29 Nov. 2021

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BERTRAND, Yves. Teorias contemporâneas da educação. 2 ed. Montreal: Éditions Nouvelles, 1998.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN Sari Knopp, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. 10 ed. Porto Editora, 1991.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da. A importância das ações educativas nos museus. Ágora. Santa Cruz do Sul, v.17, n. 02, p. 64-73, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/6336>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

CYRINO, E. & TORALLES-PEREIRA, M. L. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. Cadernos Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.20, n.3, p. 780-788, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/mrrzr85SM93thZzwGFBm56q/?lang=pt>. Acesso em: 29 Nov. 2021

FERNANDES, Daniele Vaz. O papel do tutor na EAD em uma Flipped Classroom. REDIN, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1436>. Acesso em: Acesso em 29 Nov. 2019.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de história e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: Uma reflexão. Revista de história regional, v.4, n.2, inverno 1999. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2087>. Acesso em 29 Nov. 2021.

FILHO, Raimundo Barbosa Silva; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/24527>. Acesso em: 30 Nov. 2021.

FRANCO, Gabriele. A interculturalidade no ensino de PLE: metodologias ativas e políticas linguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 48, n. 3, p. 1386-1399, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2220>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 36. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLASSER, William. *Choice Theory: A New Psychology of Personal Freedom*. Nova York: Harper Perennial, 1999.

GONÇALVES, Antonio Sérgio. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral. *Cadernos Cenpec*. n. 2, 2006. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/136>. Acesso em: 30 Nov. 2021.

MATTAR, J. *Metodologias Ativas: para a educação presencial, blended e a distância*. 1 ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. O que se diz sobre a escola pública de horário integral. *Cadernos Cenpec*, 2006, v.1, n. 2, p. 57-67. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/173>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

MELLO, Janaina. *Educação Empreendedora: uma História para chamar de minha*. Rumos da Educação. 1ed. Veranópolis/RS: Diálogos Freiriano, 2019, v. 3, p. 295-314. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/450188674/LIVRO-Dialogo-Freiriano-pdf>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

MORAIS, Regis de. O que é Ensinar? São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG Foca. Coleção Mídias Contemporâneas, 2015. P. 15-33.

PEREIRA, Marcelo José. O ensino de geografia em Urbelandia, uma análise entre o público e o privado. Revista Territorium Terram, v. 3, n. 5, p. 50-58 | Abr./Set. – 2014. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/territorium_terrham. Acesso em: 29 Nov. 2021.

PEZZINI, Clenilda Cazarin; SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. Falta de desejo de aprender: Causas e Consequências. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>. Acesso em: 30 Nov. 2021.

SANTOS, Lyslley Ferreira dos.; TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. Aprendizagem colaborativa no ensino de história: A sala de aula invertida como metodologia ativa. Novas Tecnologias na Educação, V. 16 Nº 2, dezembro, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/89302>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

SILVA, Neide Alves. Período integral na escola: Quais as dificuldades e possibilidades para sua efetivação de forma concreta. Cadernos PDE, v.1, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_ped_artigo_neide_alves_silva.pdf. Acesso em: 30 Nov. 2021.

SILVA PINTO, A. S. et al. O Laboratório de Metodologias Inovadoras e sua pesquisa sobre o uso de metodologias ativas pelos cursos de licenciatura do UNISAL, Lorena: estendendo o conhecimento para além da sala de aula. Revista Ciências da Educação, Americana, Ano XV, v. 02, n. 29, p. 67-79, 2013. Disponível em: <http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/288>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

SPOSITO, Marilia Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

RODRIGUES, Eric Freitas. Tecnologia, inovação e ensino de história: o ensino híbrido e suas possibilidades. Universidade Federal Fluminense, Agosto / 2016. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/73354489-Eric-freitas-rodrigues-tecnologia-inovacao-e-ensino-de-historia-o-ensino-hibrido-e-suas-possibilidades.html>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

RODRIGUES, Glaucéria da Silva. Análise do uso da metodologia ativa Problem Based Learning (PBL) na educaço˜ profissional. Periˆodico Cientıfico Outras Palavras, v. 12, n. 2, p. 24-34, 2016. Disponıvel em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao5/article/view/717>. Acesso em: 29 Nov. 2021

ROMAN et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem no processo de ensino em saˆde no Brasil: uma revis˜o narrativa. Clinical & Biomedical Research, v. 37, n. 4, 2017. Disponıvel em: <https://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/73911>. Acesso em: 29 Nov. 2021.

VALENTE, V. A.; ALMEIDA, M. E. B.; GERALDINI, A. F. S. Metodologias ativas: das concepço˜es ˆs práticas em distintos nıveis de ensino. Revista Diálogo Educacional, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017. Disponıvel em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/9900>. Acesso em: 29 Nov. 2021.